

RELATOS SOBRE VIDAS PASSADAS

JOSÉ ROBSON CABRAL JR.
MARIA CRISTINA COUTINHO DA SILVA

autografia

RELATOS SOBRE VIDAS PASSADAS

JOSÉ ROBSON CABRAL JR.
MARIA CRISTINA COUTINHO DA SILVA

autografia

JOSÉ ROBSON CABRAL JR.
MARIA CRISTINA COUTINHO DA SILVA

RELATOS SOBRE VIDAS PASSADAS

autografia

Rio de Janeiro, 2021

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C117r

Cabral Jr., José Robson.

Relatos sobre vidas passadas / José Robson Cabral Jr., Maria Cristina Coutinho da Silva.
– Rio de Janeiro, RJ: Autografia, 2021.

ISBN: 978-85-518-3611-8 (recurso eletrônico)

1. Espiritismo. 2. Literatura espírita. I. Silva, Maria Cristina Coutinho da. II. Título.

CDD B869.3

Maurício Amormino Júnio - Bibliotecário - CRB6/2422

Relatos sobre vidas passadas

CABRAL JR., José Robson; Silva, Maria Cristina Coutinho

ISBN: 978-85-518-3611-8

1ª edição, novembro de 2021.

Editora Autografia Edição e Comunicação Ltda.

Rua Mayrink Veiga, 6 – 10º andar, Centro

RIO DE JANEIRO, RJ – CEP: 20090-050

www.autografia.com.br

Todos os direitos reservados.

É proibida a reprodução deste livro com fins comerciais sem
prévia autorização do autor e da Editora Autografia.

PREFÁCIO

RELATOS SOBRE VIDAS PASSADAS

Antes de tudo, quero deixar claro que esta não é uma obra “psicografada”.

Segundo a Doutrina Espírita, não é permitido ao espírito encarnado lembrar dos fatos ocorridos durante suas reencarnações a fim de evitar que sentimentos e ressentimentos possam vir a prejudicar o aprendizado e seu desenvolvimento espiritual. Contudo, a doutrina também afirma que, quando se faz necessário ou mesmo desejado, alguns espíritos encarnados com grau de evolução mais elevado, durante o relaxamento que o sono proporciona ao corpo, meditações ou mesmo quando seus sentidos físicos são estimulados, acabam por ter, mesmo que fragmentadas, recordações de fatos ocorridos em suas outras reencarnações. São essas exatamente as aptidões que a Maria Cristina, protagonista e coautora das histórias relatadas neste livro, possui.

Além desses espíritos encarnados que conseguem ter lembranças de suas outras reencarnações, existem aqueles que possuem a capacidade de se conectarem espiritualmente a outro espírito encarnado em virtude da sintonia espiritual, moral e sentimental que existe entre eles. Se conectam de uma forma tão harmoniosa que, por vezes, somente observando o modo de agir, gostos e gestos da pessoa com a qual têm afinidades, conseguem identificar resquícios da identidade

que ela assumiu em suas vidas passadas. É nesse grupo de pessoas que considero fazer parte.

Percebendo que existe essa sintonia e conexão espiritual entre nós, a Cristina me incentivou a escrever o que ela visualizava durante suas meditações e o que eu conseguia captar, observando e me conectando espiritualmente a ela. Sendo uma ideia muito interessante e desafiadora, resolvemos escrever este livro, relatando nossas observações. Ao dar início a este projeto, assim que comecei escrever, de imediato passei a lembrar de algumas situações vividas por nós, como a vez em que percebi que ela ficou muito incomodada porque saiu para um passeio e não colocou as pulseiras e demais joias que gosta de usar. Incômodo que só foi amenizado quando entrou em uma loja e comprou uma pulseira para ornamentar seu braço. Lembrei também quando ouvimos um determinado som e logo o relacionamos com o ranger do madeirame de uma embarcação antiga e, em ato contínuo, começamos a descrever cenas que o referido som nos remetia. Assim, ora observando e me conectando espiritualmente a ela, ora ouvindo relatar as visões de fatos ocorridos em suas vidas passadas obtidas durante suas meditações, fui escrevendo e desenvolvendo as histórias que compõem este livro. Embora a Doutrina Espírita afirme que, por ocasião das sucessivas reencarnações, há naturalmente uma alternância entre o gênero feminino e masculino, já ao final da última história, me causou grande admiração ter constatado que a Cristina, sejam quais forem os motivos, tem um espírito predominantemente feminino.

É possível que tenha havido outras reencarnações desse espírito antes da primeira e entre as reencarnações aqui relatadas, porém, por enquanto, só foi permitido à Maria Cristina lembrar dessas.

Volto a ressaltar que as histórias aqui relatadas não são psicografadas e que retratam fragmentos de fatos ocorridos nas vidas

passadas da Cristina. Fragmentos esses que surgiram através de suas meditações, pelo o que observei em seu comportamento diário e, principalmente, através de nossa conexão espiritual.

SUMÁRIO

PRE FÁCIO – RELATOS RELATOSRELATOS SOBRE VIDAS PASSADASPASSADAS

A Camponesa

CAPÍTULO – I THIAGO

CAPÍTULO – II A BATALHA

CAPÍTULO – III O ENCONTRO

CAPÍTULO – IV CAROLINA, A CAMPONESA

CAPÍTULO – V CABELOS DA COR DO FOGO

CAPÍTULO – VI A LUA COMO ESPECTADORA

CAPÍTULO – VII MARIAH

CAPÍTULO – VIII O PERIGO SE APROXIMA

CAPÍTULO – IX O PEDIDO

CAPÍTULO – X CHEGADA A CONCANI

CAPÍTULO – XI ENFIM, LIVRE

A Princesa Moura

CAPÍTULO – I SAMIRAH

CAPÍTULO – II O PRÍNCIPE DE LEON

CAPÍTULO – III PEDRO CONHECE SAMIRAH

CAPÍTULO – IV SAMIRAH É PROMETIDA A UM PRÍNCIPE ÁRABE

CAPÍTULO – V PLANEJANDO A FUGA DE SAMIRAH

CAPÍTULO – VI O PLANO

CAPÍTULO – VII O RAPTO DA PRINCESA

CAPÍTULO – VIII A BATALHA DE EL-BELAT

CAPÍTULO – IX PEDRO É CAPTURADO

CAPÍTULO – X JUNTOS PARA SEMPRE

A Guerreira

CAPÍTULO – I A DESERÇÃO POR AMOR

CAPÍTULO – II CASAMENTO DE PAUL E ARLETE

CAPÍTULO – III A PRIMEIRA FILHA

CAPÍTULO – IV NASCIMENTO DE LÚCIA

CAPÍTULO – V O SEGREDO É REVELADO

CAPÍTULO – VI PAUL É PRESO E DEPORTADO

CAPÍTULO – VII LUCÍOLA É VENDIDA

CAPÍTULO – VIII LUCÍOLA CONHECE ALMIR

CAPÍTULO – IX A INTUIÇÃO

CAPÍTULO – X HENRY, O CAVALEIRO CRUZADO

CAPÍTULO – XI HENRY SE APAIXONA

CAPÍTULO – XII UNIÃO DE HENRY E LUCÍOLA

CAPÍTULO – XIII A INTUIÇÃO DE LUCÍOLA

CAPÍTULO – XIV PREVENDO A BATALHA

CAPÍTULO – XV A PRIMEIRA BATALHA

CAPÍTULO – XVI TALISMÃ

CAPÍTULO – XVII A GUERREIRA VIDENTE

CAPÍTULO – XVIII MARGARET ENFIM É ENCONTRADA

CAPÍTULO – XIX AO ENCONTRO DE HENRY

A Judia

CAPÍTULO – I O INÍCIO

CAPÍTULO – II CASAMENTO DE GIOVANNI E MARTA

CAPÍTULO – III INICIANDO UMA NOVA VIDA

CAPÍTULO – IV CHEGADA EM PORTUGAL

CAPÍTULO – V NASCE MICAELA

CAPÍTULO – VI MICAELA CONHECE JONATHAN
CAPÍTULO – VII JONATHAN
CAPÍTULO – VIII FORMANDO UMA NOVA FAMÍLIA
CAPÍTULO – IX FUGA PARA O BRASIL
CAPÍTULO – X CHEGADA AO BRASIL
CAPÍTULO - XI CAPITANIA DE PERNAMBUCO
CAPÍTULO – XII A FAMÍLIA CRESCEU E PROSPEROU

A Oxum

CAPÍTULO – I O PORQUÊ DE OXUM!
CAPÍTULO – II A PRINCESA BAKONGO
CAPÍTULO – III O NAVIO NEGREIRO
CAPÍTULO – IV CHEGADA NO ENGENHO DE AÇÚCAR
CAPÍTULO – V PLANEJANDO A FUGA
CAPÍTULO – VI A FUGA
CAPÍTULO – VII À PROCURA DO QUILOMBO
CAPÍTULO – VIII ZAKI MACHUCA O JOELHO
CAPÍTULO – IX A MORTE DE ZAKI
CAPÍTULO – X A RECAPTURA DE LUENA
CAPÍTULO – XI JOAQUIM SEQUESTRA LUENA
CAPÍTULO – XII RECEBIDA COMO SENHORA
CAPÍTULO – XIII LUENA CASA COM JOAQUIM
CAPÍTULO – XIV RETORNANDO PARA ANGOLA

A Cigana

CAPÍTULO – I OS “ROMANIS”
CAPÍTULO – II NATASHA
CAPÍTULO – III NASCIMENTO DE SORAYA
CAPÍTULO – IV A RAINHA CIGANA
CAPÍTULO – V A FESTA DE SÃO MIGUEL ARCANJO
CAPÍTULO – VI O ASSÉDIO DE JONATAS

CAPÍTULO – VII A LUTA SANGRENTA
CAPÍTULO – VIII O SUMIÇO DE SORAYA
CAPÍTULO – IX LENDO AS CARTAS
CAPÍTULO – X CONFRONTO NA FAZENDA
CAPÍTULO – XI SORAYA É BANIDA DO GRUPO
CAPÍTULO – XII A RAINHA CIGANA RENASCE

A Dama da Noite

CAPÍTULO – I INÊS E TENÓRIO
CAPÍTULO – II A MORTE DE TENÓRIO
CAPÍTULO – III NASCE A FUTURA DAMA DA NOITE
CAPÍTULO – IV DE VOLTA AO MORRO DA PROVIDÊNCIA
CAPÍTULO – V INÊS PARTE PARA ETERNIDADE
CAPÍTULO – VI O AMIGO RONEY
CAPÍTULO – VII LILIAN APRENDEU A PROFISSÃO
CAPÍTULO – VIII COPACABANA RECEBE A DAMA DA NOITE
CAPÍTULO – IX A NOITE DE TERROR
CAPÍTULO – X CASAMENTO COM MÁRIO



A CAMPONESA

CAPÍTULO – I

THIAGO

Thiago, nasceu e cresceu na Grã-Bretanha, mais precisamente na tribo celta de Carvécios, região que, mesmo antes da chegada dos povos celtas, já era habitada por uma pequena parte de seus ancestrais. Apesar de ter parentes na vizinha Irlanda, praticamente toda sua existência foi nas terras em que nasceu.

Seus pais faleceram muito cedo, de forma que, ainda bem jovem, precisou aprender a se cuidar sozinho. É certo que, vez ou outra, tinha a orientação do chefe da tribo, mas, na maior parte de sua vida, esteve por conta própria. Gostava de cavalgar pelos campos e caçar, como se vê, não tinha grandes ambições ou compromissos com a vida, para ele bastava a liberdade de poder ir a qualquer lugar que quisesse. Apesar de contar com 25 anos, idade avançada para a época, seu coração até aquele instante não tinha despertado para o amor, tinha sim seus romances, mas nunca lhe passou pela cabeça a possibilidade de se casar e constituir uma família.

Thiago levava uma vida simples e, como a maioria das pessoas de seu povoado, principalmente os homens, caçava e coletava o que o campo oferecia; dessa forma descompromissada, obtinha o que precisava para sua subsistência.

Carvécios era uma das tribos mais bem situada e próspera da Grã-Bretanha. A caça era abundante e, na terra, o que fosse plantado

germinava com facilidade, proporcionando farta colheita para todos. Além dos caçadores e coletores, havia também uma pequena parcela dos camponeses que se dedicavam ao artesanato ou ao ofício de ferreiro. Apesar das eventuais dificuldades, cada um vivia da melhor forma possível.

Renan, o chefe da tribo, homem de personalidade marcante e excelente administrador, procurava resolver os problemas ou desavenças entre seu povo o mais rápido possível e com justiça, pois assim conseguia manter a paz e a tranquilidade entre eles e, conseqüentemente, sua autoridade.

Tudo corria muito bem em toda a região, até que um rigoroso inverno, como nunca se viu antes, se abateu sobre toda a ilha tornando a caça praticamente inexistente e o plantio impossível de se cultivar. Diante da extrema penúria que recaiu sobre Carvécios, a fim de conseguir o que faltava para a sobrevivência de seu povo, Renan não viu outra solução senão sair e adentrar nos limites das tribos vizinhas para tentar obter alimentos, sabia que seria uma empreitada muito difícil, pois todas as outras tribos provavelmente estariam com os mesmos problemas, mas tinha que tentar. Renan não tinha certeza se conseguiria obter êxito nessa busca desesperada por alimentos, mas sabia que, se algo não fosse feito, havia a possibilidade de muitos de sua tribo morrerem de fome.

Ciente de que encontraria forte resistência às investidas, convocou todos homens em condições de combate para a realização da abordagem nos territórios vizinhos. Aquela seria a primeira saída de Thiago com a finalidade de atacar e saquear outra tribo, embora tivesse aversão à violência, diante das terríveis dificuldades pelas quais passavam, não tinha como se recusar a participar das investidas.

Como já previsto, todas as demais tribos estavam passando pelos mesmos problemas, algumas em estado calamitoso. Após avaliar bem

a situação, Renan se deu conta que a única opção seria atacar a fortificação de Bryan, o mais poderoso proprietário de terras da Grã-Bretanha. Não havia outra solução, ou atacavam Bryan ou todos ganham região pareceriam.

Sendo seu efetivo insuficiente para invasão, e sabendo das dificuldades que os outros chefes também tinham em suas respectivas tribos, Renan os convocou e lhes apresentou seu plano. Inicialmente houve discordâncias se está seria a melhor ou única opção, mas logo entenderam que sim, ou atacavam os bretônicos ou todos morreriam. Depois de sete dias de preparação, os camponeses partiram para a invasão.

CAPÍTULO – II

A BATALHA

A batalha foi terrível, mesmo tendo reunido homens de cinco tribos, o efetivo de Renan contava com uma sensível desvantagem numérica. Para tornar piorar essa desvantagem, Bryan tinha sob seu comando um efetivo de guerreiros experientes em batalhas. Em consequência dessa superioridade, a batalha que Renan considerava que acabaria em poucas horas, se estendeu por quase dois longos dias. A batalha se resumia em ataques e contra-ataques, o grupo comandado por Renan foi praticamente dizimado, a visão daquela luta era assustadora. O caos era tanto que, em determinados momentos, não se conseguia distinguir amigo do inimigo. A cada embate, Thiago via cada vez mais

seu grupo diminuir e conseqüentemente se enfraquecer; não tinham outro jeito, ou batiam em retirada ou todos morreriam.

Bryan parecia se divertir com toda aquela selvageria, não se importava nem mesmo com a morte de seu comandados. Seu olhar deixava evidente o prazer que sentia em matar seus adversários.

Era costume celta, como prova de coragem e como uma espécie de rito de passagem, cada jovem levar como troféu de combate a cabeça de um inimigo abatido pelas suas mãos. Thiago pretendia obter um deste troféu de guerra, mas por pouco ele mesmo é que virava o troféu de batalha.

A investida contra os bretônicos foi mal planejada e desastrosa, a retirada então... foi catastrófica. Cada um dos combatentes tentou fugir e se proteger da melhor forma possível, foi cada um por si. Thiago, apesar de alguns ferimentos, procurou correr o máximo que seu corpo permitia e se embrenhou na floresta existente ao redor da fortificação de Bryan. Estava extremamente cansado, faminto, ferido e, o que era pior, sozinho.

Embora o combate corpo a corpo tivesse se encerrado, Thiago ainda corria grande perigo, pois havia a possibilidade de os guerreiros de Bryan fazerem uma busca ao redor da fortificação e, se o encontrassem, certamente seria o seu fim.

A batalha estava praticamente definida, não tinha mais o que fazer ali, então, só lhe restava se afastar para o mais longe que conseguisse e procurar um local seguro para se proteger.

Antes de iniciar sua retirada, na verdade agora fuga, Thiago teve a preocupação de novamente averiguar se algum integrante de sua tribo estava nas proximidades, mas infelizmente constatou que estava só e que não poderia contar com a ajuda e nem ajudar algum de seus companheiros. Mesmo nas condições degradantes nas quais se

encontrava, tinha que procurar se afastar daquele lugar imediatamente.

Depois de alguns minutos caminhando com certa dificuldade, Thiago precisou parar a fim de repousar e recuperar o fôlego, embora tenha se distanciado pouco do local de batalha, acreditava que não o seguiram. Não poderia estar mais enganado, não demorou muito e ao longe começou a ouvir os latidos dos cães e gritarias. A situação estava se complicando mais do que ele imaginava, então, mesmo extenuado, prosseguiu com a fuga. Na iminência de ser capturado, a todo momento pedia ajuda e proteção de sua adorada Deusa Celta Brigit.

Após a batalha, Bryan jurou se vingar de todos aqueles que participaram do ataque a sua fortificação, principalmente de Renan, chefe dos Carvécios, mas, devido às condições climáticas adversas na região, decidiu aguardar até que o clima melhorasse. Mesmo porque, sua intenção era partir com um grande efetivo de seus mercenários e atacar ao mesmo tempo todas as tribos que participaram da frustrada tentativa de tomarem sua fortificação.

CAPÍTULO – III

O ENCONTRO

Thiago caminhou por horas na densa e enlameada floresta, até que, por fim, sucumbiu ao cansaço e novamente parou para descansar. Procurou por um local que lhe oferecesse proteção contra o frio, mas

o melhor que conseguiu foi se acomodar sob uma pequena, mas frondosa árvore. Os ferimentos já não doíam tanto, mas a fome o incomodava demais, felizmente a região era abundante em vários tipos de animais que poderiam lhe servir de alimento, experiente caçador que era, em poucas horas já tinha conseguido abater duas lebres.

A chegada da noite intensificou ainda mais o frio, fazendo com que seus ossos doessem terrivelmente. Não podia fazer uma fogueira, pois correria o risco de ser encontrado. Thiago sempre foi um jovem corajoso, contudo, aquela era uma situação pela qual nunca tinha estado antes; sozinho e desorientado, só lhe restava aguardar o desenrolar dos acontecimentos e orar a sua deusa pedindo proteção.

A maior parte da noite foi em vigília, tanto pela apreensão quanto pelo intenso frio que fazia naquela região. Já entrando a madrugada, seu corpo estava praticamente congelado, com esse sofrimento, Thiago entendeu que, se não fizesse fogo, morreria congelado, então juntou alguns gravetos e fez uma pequena fogueira com a qual se aqueceu e assou o restante da carne de lebre.

Enquanto procurava se aquecer com as frágeis chamas, teve a impressão que ouvia choros de crianças; com a mente extremamente cansada e confusa, a princípio acreditou que estava tendo alucinações, mas os choros continuaram, então, mesmo sonolento, procurou se recompor a fim de verificar o que estava acontecendo. Com um tremendo esforço, foi abrindo os olhos, pois esses teimavam em se manterem fechados, e olhou à sua volta.

A lua gentilmente iluminava a clareira à sua frente, lhe possibilitando ter uma ampla visão da área, mas com a mente ainda confusa, ao procurar enxergar através da suave neblina que banhava a relva, acreditou que sua mente lhe pregava uma peça. Surgindo através das brumas iluminadas pela luz prateada da lua, ele viu surgir a mais linda mulher que seus olhos tiveram o privilégio de contemplar.

Era uma visão tão fantástica que, por alguns instantes, acreditou que tinha chegado a hora de sua passagem para a eternidade e que a própria Deusa Brigit veio para acompanhá-lo nessa jornada para a outra vida. Em virtude da deficiente condição física e mental em que se encontrava, o jovem até ficou aliviado com essa possibilidade.

Aos poucos foi distinguindo mais claramente a figura feminina se aproximava dele, seus cabelos da cor do fogo refletiam a luminosidade da lua dando a impressão que emanava feixes de luzes dourados; sua pele alva tornava a sua aparição ainda mais etérea. Na debilidade em que se encontrava, ao vê-la se aproximando, de fato acreditou que tinha morrido e que seria levado pela sua linda Deusa. Mas a realidade rapidamente se fez anunciar quando ela passou a chamar sua atenção. Imediatamente se deu conta que não era sonho ou alucinação, contudo, ainda assustado, em um salto se colocou de pé para ver se tinha mais alguém com ela, mas logo sua apreensão diminuiu quando ouviu a mulher se identificar. “Calma moço, meu nome é Carolina! Estou com minhas filhas Giovana e yasmim, não tenha medo!”, disse a mulher carinhosamente. Thiago, com seu instinto de proteção, acolheu a mulher e as crianças, porém, ainda inseguro com aquela situação, temendo ser uma armadilha, a todo instante olhava para o entorno para se certificar se a mulher falava a verdade.

Diante da inquietude de Thiago, Carolina deixou claro que também tinha suas desconfianças e preocupações com relação a ele e que inclusive já o observava há algum tempo, mas temia se aproximar. Porém, ela e principalmente as filhas estavam sofrendo com o intenso frio, e ao vê-lo preparando a fogueira, mesmo receosa, resolveu se arriscar e pedir sua ajuda. Refeito do susto, depois de alimentar suas inusitadas visitantes, Thiago procurou se informar por que ela vagava com duas crianças naquela floresta tão perigosa.

CAPÍTULO – IV

CAROLINA, A CAMPONESA

Conforme relatou, ela nasceu em maio de 590 em um casebre às margens de um riacho que cruzava seu povoado e ali se criou brincando nos campos que seus pais cultivavam. Relatou também, que apesar de terem uma certa autonomia, os camponeses viviam sob o jugo de Bryan, Senhor dos Bretônicos. Embora fosse feliz convivendo entre os camponeses, sempre teve vontade de conhecer outros lugares, então, assim que completou 10 anos de idade, por ocasião do pagamento dos tributos ao senhor das terras, passou a acompanhar o pai até a fortificação de onde onde Bryan controlava a região e assim continuou fazendo durante os anos seguintes. As idas até a fortificação eram o seu divertimento, ali podia conversar com outras meninas de sua idade e tomar conhecimento do que acontecia na região. Carolina revelou ainda que, somente muito tempo depois foi que tomou conhecimento que Bryan a vinha observando com interesse e acabou por se apaixonar loucamente por ela. Sendo o homem mais poderoso de toda a Bretanha, decidiu que a tomaria para ele, que a teria de qualquer jeito. Para conseguir seu “objeto de cobiça”, o Senhor dos Bretônicos ordenou que um dos seus guardas levassem seu pai até ele. Coagido de todas as formas ao velho camponês só restou consentir o casamento da filha com Bryan. Mesmo contra sua vontade, aos 17 anos, Carolina foi obrigada a se casar e desse casamento nasceram Giovana e Yasmim.

Bryan era um tirano e conduzia a administração do povoado com “mãos de ferro” e a família com brutalidade e indiferença. Carolina

suportou as humilhações durante um bom tempo, mas chegou um momento que já não aguentava mais os castigos e humilhações infligidos a ela e as filhas.

Há muito pensava em fugir para o mais longe possível daquele ambiente de sofrimentos, porém Bryan a mantinha sob vigilância e reclusa no interior da fortificação. Por vezes, até surgia uma oportunidade de fuga, porém, nessas ocasiões, não tinha acesso às filhas Giovana, de 5 anos, e Yasmim, de 7 anos. Embora desejasse tanto fugir daquele sofrimento, não queria ir sem levar as filhas consigo, então ficava sempre na expectativa do surgimento de uma oportunidade quando poderiam fugir juntas.

E foi justamente em virtude do caos que se formou durante o ataque à fortificação que Carolina vislumbrou a oportunidade de fugir e, melhor ainda, fugir com as filhas. Atenta aos acontecimentos, assim que os guardas da fortificação se envolveram na batalha, finalmente ela pôs em prática o plano de fuga.

Com os primeiros raios de luz do amanhecer, Thiago confirmou a impressão que teve naquela noite insone; a mulher era linda e encantadora, seus cabelos ruivos e encaracolados, delicadamente presos por uma fina tiara de ouro, acentuavam ainda mais sua sedosa pele.

Nessa oportunidade, Thiago passou a observar melhor as duas crianças, Yasmim era a cópia fiel da mãe e Giovana, também muito bonita, tinha os cabelos castanhos e lisos, certamente puxou ao pai. Carolina e as crianças estavam muito agitadas e famintas; durante dois dias andaram desnorteadas pelos campos sem saberem ao certo para onde ir, mas de uma coisa ela tinha certeza, não voltariam para o inferno do qual fugiram.

A situação de Thiago que já era ruim, agora ficou extremamente perigosa; era certo que, ao dar por falta da mulher e das filhas, Bryan

sairia à sua procura. Apesar de sua preocupação, Thiago sabia que a jovem senhora e as meninas só teriam alguma chance de sobreviver e escapar da tirania do marido se ele as ajudasse nessa fuga. Assim sendo, guardou em uma sacola o restante do assado de lebre e reiniciou sua retirada em direção a sua tribo, levando consigo a mulher e as filhas de Bryan.

O dia estava claro, contudo, o frio era implacável. A caminhada até sua tribo seria cansativa e cheia de obstáculos, para duas pessoas adultas, a fuga já seria difícil, com duas crianças... seria quase impossível, contudo, tinha decidido ajudar Carolina a fugir com as filhas, não podia voltar a trás.

CAPÍTULO – V

CABELOS DA COR DO FOGO

O primeiro dia de fuga foi relativamente tranquilo, durante a caminhada até a tribo, conseguiram colher frutos e alguns cogumelos para aplacar a fome. Depois de horas caminhando por sobre pedras, riachos e por entre emaranhados de galhos, Thiago resolveu parar o deslocamento para que pudessem descansar um pouco.

As crianças, apesar da tenra idade, mesmo com as dificuldades que encontrávamos pela frente, se mantinham firmes e decididas. Mas eram crianças, a fim de não sacrificar demais as meninas e mesmo a Carolina, assim que começou a anoitecer, mesmo estando em fuga,

Thiago procurou por um local coberto e abrigado a fim de passarem aquela a noite. Mais uma noite gelada.

Tudo corria bem até que mais uma vez ouviram os latidos dos cães farejadores. Apesar da escuridão, não tinham tempo a perder, era preciso sair dali imediatamente, pois corriam o risco de serem capturados e também atacados pelos animais. Diante do perigo que deles se aproximava, Thiago pegou Yasmim em seus braços e enquanto Carolina fazia o mesmo com Giovana, saíram do abrigo em que estavam e seguiram pela floresta adentro, rezando para não serem alcançados.

Durante a fuga, Thiago se deu conta que Bryan com certeza também ordenou que seus guerreiros percorrerem todas as tribos em busca de sua família e de vingança. Prevendo essa possibilidade, o rapaz chegou à conclusão que, estando acompanhado de Carolina e suas filhas, não poderia voltar para sua tribo, pois colocaria em risco todos os seus amigos e parentes. Que alias já não tinha outra escolha, precisava fugir para o mais longe que conseguisse chegar. Diante deste dilema, Thiago expôs sua preocupação à camponesa que imediatamente concordou e acrescentou que o melhor a fazer era sair daquela ilha. Carolina era uma mulher forte e decidida e isso transmitia ao rapaz uma relativa tranquilidade para pôr em prática seu plano de fuga.

Depois que reiniciaram a fuga, ainda conseguiram caminhar por mais duas horas, mas logo Thiago percebeu que as crianças estavam extremamente debilitadas e não seria prudente continuar em fuga, se fazia necessário providenciar um esconderijo com urgência para que as crianças e a mãe pudessem descansar. A fim de solucionar esse problema, Thiago deixou Carolina e as filhas descansarem um pouco sob uma árvore cuja copa chegava ao solo e saiu para vasculhar as redondezas à procura de um local que proporcionasse abrigo e

proteção para eles. Por sorte, logo abaixo da colina em que estavam, encontrou uma gruta que, numa rápida avaliação, serviria como esconderijo. Definido o local, foi ao encontro de Carolina com as filhas e as conduziu até a gruta. Ao chegarem, foram rapidamente para seu interior, pois não estavam completamente em segurança, já que os cães poderiam farejar seus rastros e revelar o esconderijo.

Giovana chorava muito, além do frio, também estava com febre alta, precisavam cuidar da menina imediatamente. Carolina conhecia algumas plantas com as quais poderia diminuir o sofrimento da criança, então, mesmo sabendo do perigo que rondava as proximidades da gruta, saiu à procura das ervas medicinais. Ao retornar, rapidamente macerou as folhas com um pouco d'água, preparou o chá e deu para sua querida filhinha. Graças aos deuses, pouco tempo depois Giovana apresentou uma sensível melhora. Agora, em melhor acomodação, Thiago retirou da sacola o restante do assado de lebre e dividiu entre eles.

Apesar das circunstâncias, cada vez mais Thiago se alegrava com a companhia da linda camponesa de cabelos da cor do fogo. A partir dessa recente, porém intensa, convivência, os assuntos entre ambos foram se tornando cada vez mais íntimos. Thiago já tinha percebido que Carolina era inteligente e mãe dedicada, contudo, procurou conhecer um pouco mais sobre aquela linda e corajosa mulher. Ela resumidamente já tinha dito que seu casamento foi a seu contragosto e casou com um homem bem mais velho e extremamente violento.

CAPÍTULO – VI

A LUA COMO ESPECTADORA

Para alívio do casal, seus perseguidores foram se afastando mais e mais, dando a eles uma certa tranquilidade. Ao menos naquela noite, poderiam descansar mais à vontade. Yasmim dormia e Giovana, agora com a febre sob controle também começava a adormecer. Percebendo que Carolina estava muito cansada, pediu que ela também dormisse um pouco.

Embora Thiago acreditasse que seus perseguidores não estivessem nas proximidades, por segurança, foi para fora da gruta a fim de manter a vigilância.

A lua em quarto crescente iluminava as árvores e a relva tão delicadamente que, mesmos as circunstâncias não sendo das melhores, a visão que tinha do reflexo da lua nas folhas e gramas era maravilhosa.

Distraído com essa contemplação, de repente Thiago ouve passos a sua retaguarda, embora estivesse bem cansado, imediatamente se preparou para um possível ataque, mas, ao virar-se, para sua surpresa e satisfação, era Carolina quem vinha em sua direção. A jovem senhora ao se aproximar disse que embora estivesse cansada, não conseguia dormir, então resolveu fazer companhia ao seu protetor, e em ato em contínuo, segurou a mão de Thiago e agradeceu por ajudá-la a fugir com as filhas. Ao sentir as mãos quentes de Carolina, apesar do frio que fazia, o sangue de Thiago ferveu em suas veias. o deixando excitado. Um pouco desconcertado com sua reação, o jovem procurou sutilmente se desvencilhar da linda ruiva e passou a caminhar ao seu lado.

Durante a conversa que tiveram a seguir, ela quis saber um pouco mais sobre a vida do amigo e, dentre as perguntas feitas, se Thiago era casado. Diante da resposta negativa, ela disse que se sentia aliviada, não desejava que, para ajudá-la, ele precisasse se afastar de sua família. E assim, de perguntas em perguntas, foram se conhecendo um

pouco mais. A certa altura, seus olhares se cruzaram e, pela primeira vez, o rapaz pode contemplar de perto e com serenidade o rosto daquela sedutora ruiva pela qual já se encontrava irremediavelmente apaixonado.

Apesar do pouco tempo em companhia de Carolina, Thiago sentia uma atração que nunca antes sentiu por outra mulher e, para sua alegria, percebeu que seu inesperado amor pela camponesa era correspondido.

A chuva tinha dado uma trégua e, conseqüentemente, intensificou os refrescantes aromas emanados pelas diversas espécies de vegetação daquela exuberante floresta. Principalmente dos carvalhos.

De vez em quando, rouxinóis e corujas alternavam seus pios, entre eles, outras vezes cantavam juntos. A noite estava excepcionalmente linda e... mágica.

Nesse ambiente de intenso romantismo e provocante luxúria, sutilmente Thiago segura um dos braços de Carolina e a puxa ao encontro do seu corpo ferido e cansado. O hálito quente e úmido daquela formosa mulher formava pequenas brumas ao redor de seu rosto juvenil dando a impressão que um diáfano véu a cobria. Tinha um olhar meigo e cativante, porém era perceptível o sofrimento pelo qual passou no decorrer de sua vida de casada.

No início, seus lábios se tocaram delicadamente como se estivessem sondando mutuamente seus sabores e texturas, porém não demorou muito e a luxúria tomou conta de seus desejosos corpos e espíritos. Sob a luminosidade da quase formada lua cheia, fizeram amor como se aquela fosse a última chance de fazê-lo. Algumas horas depois, retornaram para a gruta, felizes e saciados.

CAPÍTULO – VII

MARIAH

Pela manhã, Giovana já não tinha mais febre e aparentava estar bem disposta, então, logo nos primeiros raios do sol, reiniciaram fuga em direção à liberdade. Precisavam fugir para o mais longe que conseguissem. Bryan não sossegaria enquanto não encontrasse Carolina e as crianças e, com certeza, empregaria todos os meios necessários para ter sucesso nessa caçada.

Na noite anterior, Thiago e Carolina concordaram que só teriam segurança e tranquilidade fora da Bretanha, se fugissem para a Irlanda e se refugiarem na tribo dos parentes de Thiago, mas, para isso, precisavam chegar a um ancoradouro mais próximo de onde estavam, a fim de realizar a travessia até aquela ilha. O casal passou uma noite muito tranquila e prazerosa, porém, apesar da aparente calma, sabiam que o perigo os acompanhava por entre aquela tenebrosa floresta. Ao reiniciarem a jornada, precisavam ter o máximo de cuidado.

Após algumas horas de caminhada, finalmente chegaram a uma tribo que até então Thiago não conhecia. Para não chamarem a atenção, deixou Carolina e as meninas afastadas e foi à procura de ajuda.

Quando decidiu fugir, Carolina juntou algumas joias que tinha e as carregou consigo para com elas pagar pelo que viesse a precisar durante sua fuga, e foi justamente com uma dessas peças que Thiago pagou suas acolhidas em uma estalagem e a discrição da estalajadeira. Finalmente, pelo menos por algumas horas, poderiam descansar e se alimentar decentemente.

Apesar da tranquilidade que sentiam, não podiam se acostumar com o conforto, a permanência naquela estalagem deveria ser breve, o suficiente para recobrar a força e a disposição. Embora tivessem consciência da situação na qual se encontravam, estavam tão cansados que resolveram permanecer ali por mais dois dias.

Porém, o conforto a tranquilidade durou pouco, no dia seguinte logo pela manhã, alguns homens chegaram na tribo indagando se alguém avistou uma mulher e duas meninas estranhas no local.

A dona da estalagem, Mariah, imediatamente percebeu que os homens procuravam por seus hóspedes, então achou por bem alertar Thiago sobre o que estava ocorrendo, pois tinha pressentimento que, se eles os encontrassem, o desfecho seria trágico.

Ao ser informada sobre a presença dos mercenários, estando praticamente encurralado, Thiago passou a procurar dentro da estalagem algum tipo de objeto ou mesmo uma arma com a qual pudesse se defender. Vendo o desespero daquela família — como tal foram apresentados —, mesmo sem saber os motivos pelos quais eram procurados, resolveu escondê-los até que os perseguidores se retirassem da tribo.

Embora o casal e as crianças tenham chegado ao local de forma bem discreta, certamente foram vistos e era uma questão de tempo para essa informação chegar aos ouvidos dos seus perseguidores. Precisavam sair com urgência daquela tribo, então iniciaram os preparativos para continuarem com a fuga. Apesar de mal se conhecerem, Mariah se afeiçoou tanto àquelas pessoas que procurou ajudá-las ao máximo com o que podia. Sabendo que pretendiam seguir para a Irlanda, informou a Thiago que, ao Norte e a poucas horas de caminhada, encontrariam um ancoradouro onde poderiam contratar um barqueiro para levá-los até seus destinos. A bondosa

senhora, além dessa preciosa informação, preparou uma sacola com vários tipos de alimentos para levarem com eles.

Durante esse dia, o céu ficou bem nublado, com certeza, a noite seria de chuvas torrenciais. O risco de uma fuga em uma noite batida por uma tempestade seria grande, ainda mais com duas crianças, mas entre encarar os perigos noturnos da floresta e correr o risco de serem capturados na estalagem, a primeira era a melhor opção.

CAPÍTULO – VIII

O PERIGO SE APROXIMA

Durante toda a noite, caminharam sob chuva e sentindo intenso frio. Carolina se encontrava à beira da exaustão, algumas vezes, para lhe dar descanso, por breves períodos Thiago carregava as duas meninas nos seus braços. Depois de terem caminhados por horas, já quase amanhecendo, decidiram parar para descansarem um pouco. Após fazer um reconhecimento do terreno, confirmando a informação de Mariah, a pouca distância de onde estava, Thiago podia ver o pequeno ancoradouro por onde tentariam embarcar com destino à Irlanda. Aquela visão não poderia ser mais tranquilizadora, estavam bem próximos de se livrarem de seus perseguidores. Depois de terem recuperado parcialmente as forças, iniciaram a jornada em direção ao ancoradouro.

Infelizmente, a suposição de que seus perseguidores não agiriam até a chuva abrandar, não se concretizou. Quando acreditavam que os

homens de Bryan tinham desistido, como em um pesadelo, novamente ouviram os latidos dos cães. Apavorados com a possibilidade de serem capturados, apressadamente reuniram suas parcas provisões e prosseguiram em mais uma desesperada fuga. O tempo que pararam para descansar não foi o suficiente para recuperarem as forças, ainda estavam exaustos, mas tinham que continuar fugindo e assim o fizeram.

Apesar de todo o esforço para se manterem em fuga, a fadiga e os ferimentos, que àquela altura se formaram em seus pés, acabaram por deixar o casal sem nenhuma condições de prosseguir. Mesmo com todos essas adversidades, embora a situação se mostrasse extremamente dramática, Thiago e Carolina pretendiam resistir o máximo que pudessem.

Thiago sabia que, a essa altura dos fatos, certamente seus perseguidores tinham conhecimento que alguém estava auxiliando Carolina e as crianças na fuga, sabia também que, cientes dessa ajuda, vinham com reforços e mais precavidos que antes.

O casal e as crianças se encontravam em péssimas condições físicas, as meninas não tinham força nem mesmo para caminhar. Thiago logo percebeu que precisava reagir a investida de seus captores e tentar neutraliza-los , nem que esta fosse a derradeira tentativa de escapar daqueles homens, não via outra solução se não reagir. A decisão já estava tomada, mas, antes de tudo, precisava deixar Carolina e as crianças em um local no qual pudessem ter abrigo e proteção. Porém, após uma rápida avaliação da área, percebeu que o terreno não oferecia muitas opções de esconderijo. O melhor que pode fazer foi acomodar suas protegidas por entre as raízes de uma frondosa e centenária árvore. Agora mais “tranquilo”, passou a elaborar um jeito mais prático para neutralizar os inimigos. Não tinha um plano para o ataque e dispunha apenas de uma faca longa para se

defender, ou seja, a possibilidade de obter êxito no ataque era mínima, mas precisava tentar, não podia se deixar pegar sem uma luta, mesmo porque a vida das crianças e de Carolina dependia dele. Embora fosse inexperiente nos campos de batalha, o jovem sempre foi um exímio caçador, e sabia que a melhor tática para uma boa caçada era fazer uma emboscada. Precisava pegar seus perseguidores de surpresa.

Após avaliar rapidamente o local em que pretendia pôr em prática seu plano, Thiago subiu e sentou sobre o galho de uma frondosa árvore existente à beira da trilha por onde provavelmente os homens passariam e ficou aguardando o momento certo de atacar. As chances eram mínimas, mas não seria pego sem lutar.

A tensão era imensa, embora tenha ocupado aquela posição há poucos minutos, lhe parecia estar na espreita há horas. Depois de quase uma hora aguardando o momento do ataque, finalmente conseguiu avistar o cão e os dois homens que vinham em perseguição a eles. Pela quantidade de pessoas que os perseguiam, de repente as chances de êxito no ataque aumentaram.

CAPÍTULO – IX

O PEDIDO

A trilha abaixo da árvore na qual Thiago se encontrava era estreita e com alguns arbustos entrelaçados, condição que favorece bastante seu ataque. Quando finalmente os homens passavam abaixo dele, respirou fundo e se lançou sobre eles. De imediato, conseguiu neutralizar um

oponente, mas o outro era muito forte e, em consequência disso, durante a luta corporal, começou a ter dificuldades em se manter firme na disputa, mesmo porque se encontrava no limite de suas forças, mas, apesar disso, continuava combatendo.

A luta ficava cada vez mais acirrada, em desvantagem, Thiago se defendia da melhor forma que conseguia. Quando começava a ser subjugado pelo oponente, inesperadamente o brutamontes despencou desacordado sobre ele. Ao se livrar do peso sobre seu corpo, Thiago rapidamente se levantou para entender o que estava ocorrendo. Foi com surpresa que se deparou com a Carolina à sua frente, empunhando a pesada pedra com a qual golpeou a cabeça do infeliz. Thiago, em seu íntimo, ficou contente por Carolina não ter atendido sua solicitação de se manter escondida com as crianças.

Por sorte, o cão que acompanhava os homens era dócil e, no meio da confusão, amedrontado, fugiu pelo mesmo caminho que ali chegou.

Os dois homens estavam desacordados, mas certamente ao recobrar os sentidos continuariam com a caçada. Na verdade, eles não tinham outra opção, se retornassem para a fortificação sem Carolina e as crianças, certamente sofreriam os terríveis castigos impostos por Bryan. A fim de impedir que continuassem a persegui-los, por precaução, amarram os homens firmemente à árvore usada como esconderijo para o ataque surpresa. As meninas estavam muito assustadas com toda aquela situação, então, na medida do possível, Carolina tentava acalmá-las. A luta tinha sido extremamente desgastante e causou mais alguns ferimentos em Thiago. A fim de se recompor, decidiram descansar por alguns minutos antes de continuarem com a fuga.

Quando se preparavam para sair, o primeiro homem a ser colocado fora de combate despertou, mesmo ainda atordoado, jurou

vingança. Quanto ao outro, a pancada que recebeu de Carolina foi tão violenta que só veio a acordar muitas horas depois.

Agora mais tranquilos por saberem que os homens que os perseguiam estavam presos, sendo que um deles provavelmente sem condições de continuar com a busca, o casal e as crianças seguiram em direção à liberdade e, após algumas horas a mais de caminhada, finalmente chegaram ao ancoradouro onde pegariam a embarcação.

O pequeno ancoradouro era mais movimentado do que esperavam, mas de certa forma isso os favorecia, quanto mais gente perambulando, menos seriam notados. Conforme ficaram sabendo, três barcos zarpariam com destino à Irlanda, precisavam agora encontrar um capitão que aceitasse transportá-los. Antes de sair em busca desse contato, Carolina foi orientada que, caso fosse questionada quem eram, respondesse que eram casados e que estavam mudando para a Irlanda com as filhas. Antes de o rapaz sair, em um momento de descontração, ela olha em seus olhos e fala: “Gostaria muito que você fosse meu homem.” O rapaz retribui o olhar e responde: “Serei.”

Depois de longa negociação, Thiago conseguiu que o capitão de nome Real os recebesse em seu navio batizado com o nome de “Olho de Hórus”, o mais poderoso deus de sua terra natal, o deus Egípcio “Hórus”.

CAPÍTULO – X

CHEGADA A CONCANI

Algumas horas mais tarde, o barco “Olho de Hórus” zarpava rumo à Irlanda, tendo a bordo Thiago, Carolina e as crianças. Mesmo com a embarcação se distanciando da Bretanha, sabiam que não estavam totalmente a salvo, Bryan tinha espiões por toda a parte e provavelmente já sabia que sua esposa e filhas estavam fugindo para a ilha vizinha.

E estavam certos, um dia após a partida da embarcação em que Carolina e as filhas estavam, Bryan já se encontrava no ancoradouro se preparando para continuar a perseguição, sendo que agora pelo mar.

O tempo continuava a castigar a região impiedosamente, o capitão da embarcação que faria a travessia de Bryan, percebendo a chegada da tempestade, rapidamente participou a ele que seria extremamente perigoso se lançarem ao mar naquelas condições climáticas. Bryan estava possesso, àquela altura dos acontecimentos, não queria apenas reaver Carolina e as filhas, mas também eliminar o homem que as ajudava na fuga. Quase que descontrolado e determinado a se vingar a qualquer custo, o Senhor dos Bretônicos ordenou ao capitão da embarcação que desatracasse imediatamente e seguissem em direção à Irlanda.

O experiente capitão sabia que seria suicídio navegar naquelas condições de tempo, mas também sabia que, se não obedecesse ao Senhor dos Bretônicos, morreria ali mesmo. Pelo menos no mar teria uma chance de sobreviver. Graças à Deusa Brigit, depois de três dias de viagem, já amanhecendo, o barco “Olho de Hórus” atraca no porto de Menapiá. Finalmente tinham chegado na Irlanda. Apesar da preocupação, o casal mantinha a esperança de que conseguiriam escapar de vez da implacável perseguição imposta por Bryan. Sendo assim, no mesmo dia em que chegaram, Thiago providenciou os meios

necessários para se deslocarem para o interior da ilha, precisavam chegar à tribo de Concani, onde tinha parentes que os acolheriam.

Com mais uma das joias de Carolina, Thiago conseguiu comprar um cavalo de idade bem avançada e uma pequena e remendada carroça, não era o ideal para a viagem, mas foi o que conseguiu encontrar.

Aquela seria uma jornada difícil, Carolina e as meninas se encontravam ainda debilitadas e, para dificultar ainda mais, o tempo voltou a ficar extremamente adverso. Apesar de todas essas dificuldades, precisavam se afastar do litoral o mais rápido possível. Thiago agiu acertadamente, naquele mesmo instante, Bryan, com um significativo grupo de mercenários, já estavam a um dia de chegarem à Irlanda. A tempestade que se precipitou sobre a região tornou a trilha de acesso à Concani intransitável, por vezes, o velho cavalo atolava as patas nos buracos, ameaçando tombar a carroça. Preocupado com as crianças, Thiago achou por bem se abrigarem em uma das estalagens à beira do caminho e esperar cessar ou diminuir a tempestade.

As chuvas torrenciais só foram dar uma trégua no dia seguinte, embora tenham perdido algumas horas, pelo menos, todos estavam descansados e em condições de seguirem viagem com tranquilidade. Por volta do início da tarde, depois de vários dias em fuga, por fim chegaram a Concani e, como Thiago previa, foram recebidos calorosamente por seus parentes.

CAPÍTULO – XI

ENFIM, LIVRE

Os dias foram passando, mas não passavam as preocupações de Thiago e Carolina, viviam sempre na expectativa de que, a qualquer momento, Bryan chegaria com seus guerreiros para atacar a tribo. Apesar dessa apreensão, não tinham outro local no qual pudessem se esconder, então permaneceram em Concani contando com a proteção de seus parentes e amigos. Giovana e Yasmim rapidamente se adaptaram, sentiam a falta do pai, mas, mesmo em suas tenras idades, tinham consciência dos sofrimentos que Bryan infringia à mãe. Foi um recomeço difícil na nova terra, mas com trabalho árduo, conseguiram se estabelecer.

Três semanas após estarem acomodados, chegou à tribo um cavaleiro trazendo notícias do litoral. Segundo esse cavaleiro, durante a terrível tempestade, uma embarcação vinda de Bretanha naufragou a poucas milhas de Menapiá e que apenas dez homens sobreviveram ao desastre. Thiago e Carolina se entreolharam, o sangue gelou em suas veias, pois havia uma grande probabilidade que Bryan estivesse naquela embarcação e fosse um dos sobreviventes.

Sem criar alarde, continuaram ouvindo os relatos. Conforme informações obtidas dos sobreviventes, um dos mortos seria Bryan, o Senhor dos Bretônicos. Mais uma vez cruzaram os olhares, mas desta vez com uma prazerosa sensação de alívio. Apesar desse alívio, Carolina se deu conta de que teria que dar a notícia da morte do marido às filhas, apesar de toda a maldade, ele era o pai delas.

O naufrágio foi realmente um acontecimento bem dramático, quando estavam no meio do canal entre a Bretanha e a Irlanda, a tempestade se intensificou de tal forma que as ondas aos poucos foram desfazendo a embarcação. Os marinheiros, Bryan e seus guerreiros procuravam pontos onde poderiam se apoiar com segurança. Os que não conseguiam, era lançados ao mar com tanta violência que, em segundos, eram tragados pelas ondas revoltas. O

velho capitão, além de lutar bravamente com os vagalhões, também sofria com os fortíssimos ventos e os potentes raios que ameaçavam destruir o mastro principal.

Por fim, uma onda mais potente acabou por rebentar de vez a embarcação, fazendo com que um dos pesados mastros caísse sobre Bryan. Preso sob os escombros, o Senhor dos Bretônicos gritava por socorro, mas não foi atendido, cada homem, ainda embarcado, queria salvar sua própria vida.

Bryan mantinha em seu coração o extremo ódio que sentia pela esposa e pelo homem que sequer conhecia. Mesmo diante da trágica situação na qual se encontrava e, em seus últimos minutos de vida, vociferava que não sossegaria enquanto não se vingasse deles, que, mesmo após sua morte, seu espírito os perseguiria pela eternidade.

Aliviada com a notícia do falecimento de Bryan, Carolina finalmente vislumbra dias melhores para si e para as filhas.

Meses depois, Thiago se casou com Carolina e passou a criar Giovana e Yasmim como suas filhas. Durante o tempo em que viveram juntos, tiveram dois filhos, um menino, que, em homenagem a seu antigo chefe, recebeu o nome de Renan, e uma menina, que recebeu o nome de Brigit.

A vida, querendo compensar o casal pelas agruras pelas quais passaram, os presenteou com a felicidade de poderem ver seus filhos crescerem e prosperaram num ambiente de paz e tranquilidade.

FIM



A PRINCESA MOURA

CAPÍTULO – I

SAMIRAH

A partir da invasão e do domínio da Península Ibérica pelos muçulmanos, os reinos católicos conquistados tiveram parte e, em alguns casos, todas as terras pertencentes a seus reinos transformadas em Emirados. Esta história relata uma das reencarnações da protagonista deste livro, ocorrida no Emirado de Córdoba, território anteriormente pertencente ao Reino de León. Grande parte dos habitantes do emirado era formado por homens e mulheres oriundos basicamente de países localizados na região norte da África, mais especificamente das regiões hoje conhecidas como Marrocos e Mauritânia. Africanos que por sua vez foram convertidos ao islamismo após o contato com os árabes vindos do Oriente Médio. Os ibéricos os chamavam de “mouros”. Havia também, embora em menor número, ibéricos que, talvez por conveniência, se converteram ao Islã.

No período em que os fatos desta história ocorreram, o Emirado estava estabelecido sob o domínio do Emir Abderramão I. Era considerado um governante justo, porém implacável na condução de seu Emirado. De certa forma, não poderia ser diferente, pois os muçulmanos conquistaram quase toda a Península Ibérica e, com essa conquista, causaram uma grande revolta aos reis católicos. Em virtude desse descontentamento, os conquistadores viviam sempre na

expectativa de possíveis tentativas de rebeliões, então, a fim de impor sua autoridade, os emires, apesar de governarem seus súditos com justiça, também mantinham uma rigorosa vigilância sobre os habitantes dos reinos conquistados.

Embora o governante procurasse fazer prevalecer os costumes e a religião muçulmana, não era opressor, permitia que os conquistados mantivessem sua própria cultura e religião.

Depois de consolidado como emir, Abderramão I, embora fosse casado e com filhos, resolveu se casar mais uma vez — naquela época, prática normal para os muçulmanos — e a escolhida foi Tamires, filha de um rico comerciante do Reino de Leon, recém-convertido ao islamismo. Desse casamento, no ano de 760, nasceu uma menina, que veio a receber o nome Samirah. A criança, desde muito cedo, demonstrava ser muito esperta e assim que atingiu a idade adequada aos estudos, o pai designou para professor da filha, Ismail, grande mestre em astronomia, matemática e ciências.

Ismail logo percebeu que a menina era realmente muito inteligente e interessada no que lhe era ensinado, em virtude desses interesses, o mestre não se limitou apenas a lhe ensinar as matérias convencionais, mas também sobre as realidades do mundo e principalmente sobre a vida.

Embora o emir tentasse manter a paz e a ordem, o Emirado passava por uma época muito conturbada, além das tentativas de reconquistas pelo Reino de León, sempre havia a possibilidade de golpes dentro da própria corte muçulmana. Sob constantes ameaças externas e internas, o emir procurava manter seus familiares sob intensa segurança, dessa forma, a Princesa de Córdoba, desde sua infância, sempre teve uma vida reclusa e sob a vigilância da guarda palaciana. Filha única do emir com Tamires, apesar de todo luxo e

vontades atendidas, era uma jovem triste, sua vida se resumia em estudos e breves passeios que não passavam dos portões do palácio.

Ao atingir a adolescência, Samirah já era muito instruída e tinha uma vasta gama de conhecimentos, mas o que conhecia do mundo chegavam a ela através de livros e transmissões orais, tanto por parte de seu Mestre Ismail quanto pelas pessoas que eventualmente eram convidadas para algum evento social ou político no palácio, mesmo assim, desses, ouvia às escondidas.

Enquanto era uma criança, isso bastava, mas a princesa cresceu e logo se tornou uma linda adolescente com a cabeça cheia de perguntas, dúvidas e sentimentos que até então não tinha. Queria sair e viajar para além dos portões do palácio e conhecer os países que sabia existirem somente através dos livros. Enfim, queria expandir seu horizonte.

CAPÍTULO – II

O PRÍNCIPE DE LEON

Depois de algum tempo, o convívio entre cristãos e muçulmanos ficou mais tranquilo, o emir tinha finalmente consolidado sua autoridade na Península Ibérica. Embora as animosidades tivessem diminuído, os ibéricos ainda mantinham a esperança de um dia expulsarem os invasores mouros.

Abderramão tinha a plena consciência disso, então sempre se mantinha atento a qualquer movimento realizado pelos seus possíveis

adversários e, para isso, contava com uma grande rede de espiões espalhados por todo o Emirado.

Uma das táticas que o emir usava para manter o controle e uma convivência mais pacífica possível com os reinos católicos era, de tempos em tempos, organizar festejos com a finalidade de integrar os ibéricos aos costumes muçulmanos. Ocorreu que, por ocasião de uma dessas convocações, o Rei de Leon se encontrava muito doente e, na impossibilidade de comparecer, designou seu filho Pedro, o príncipe herdeiro, para representá-lo no evento.

Pedro nasceu em terras que por direito seriam suas, mas que há muito tinham sido invadidas e tomadas pelos mouros. O jovem príncipe contava com o dia em que os muçulmanos fossem expulsos da Península Ibérica e os reinos pudessem se reestabelecer, inclusive fazia parte de um grupo que planejava uma forma de combater e expulsar os mouros de suas terras. Pedro não tinha rancor da população muçulmana, mas odiava o emir, mas como não podia se indispor com o soberano muçulmano e principalmente com seu pai, resolveu comparecer à reunião.

Seguindo as tradições islâmicas, as mulheres muçulmanas não podiam participar desses festejos, mas Samirah estava em plena puberdade e sempre foi interessada em saber o que se passava além do palácio, dessa forma, quando havia qualquer tipo de reunião, apesar de receber ordens para se manter reclusa em seus aposentos, a jovem arrumava um jeito de burlar a segurança e na surdina procurava ver e ouvir os convidados de seu pai. Samirah sempre foi muito curiosa e desde cedo sabia que o palácio continha compartimentos secretos que possibilitavam o trânsito sem ser visto, e os conhecia muito bem, assim como também conhecia os pequenos orifícios nas paredes através dos quais seu pai usava para observar seus convidados.

O ponto no qual se posicionou não lhe permitia ter uma visão ampla do salão, mas ela não se importava, se divertia com o pouco que conseguia ver. Na verdade, estava mais interessada em ouvir o que falavam, mesmo porque as reuniões eram compostas por homens já formados e anciãos, então o interesse da jovem princesa era realmente adquirir novos conhecimentos.

Pedro sentia-se um tanto quanto intimidado pelo emir, para não chamar sua atenção, o rapaz procurava se manter o mais afastado possível, por conseguinte, fora do ângulo de visada da Princesa Samirah.

Por ironia do destino, de certa forma, foi o próprio emir quem apresentou o jovem príncipe à filha. A jovem princesa já se preparava para se retirar em direção aos seus aposentos, quando ouve a voz de seu pai chamar pelo nome, Pedro. Durante as vezes em que ficou às escondidas espiando os festejos, aquela foi a primeira vez que ouviu esse nome, curiosa, retornou ao local por onde fazia sua observação para ver quem era aquele tal de Pedro. Ao ver o jovem príncipe, o coração de Samirah acelerou de uma forma como nunca aconteceu antes. Aquela era a primeira que sentia seu coração bater tão acelerado e o sangue ferver em suas veias.

CAPÍTULO – III

PEDRO CONHECE SAMIRAH

O príncipe, ainda sentindo-se um tanto deslocado entre os demais convidados, pediu ao emir permissão para conhecer o palácio, ao receber autorização, se afastou em direção aos jardins.

Samirah estava encantada com o belo rapaz e, pelos seus cálculos, deveria ter poucos anos a mais que ela. Ao perceber que Pedro se dirigia aos jardins do palácio, não pensou duas vezes, correu para seus aposentos, trocou de roupas e saiu ao encontro do príncipe.

Devido à correria e mais ainda pela expectativa de conhecer o Príncipe Pedro, o coração de Samirah batia tão acelerado que precisou descansar por alguns minutos antes de entrar nos jardins. Enquanto se reestabelecia, passou a admirar a lua cheia banhando os jardins. O doce aroma exalado pelas flores, gotejadas pelo orvalho noturno, tornava o ambiente ainda mais refrescante e luxuriante.

A jovem princesa sabia que, se fosse pega fora de seus aposentos e o pior em companhia de um homem, mesmo com a posição que ocupava, seria castigada, apesar de ter plena consciência disso, precisava seguir o que seu coração mandava.

Pedro caminhava por entre os canteiros sem se dar conta que há algum tempo estava sendo observado. Samirah não queria que o rapaz percebesse que aquele encontro fora planejado por ela, então, conhecedora de todos os caminhos dentro dos jardins, se posicionou de forma que o jovem a encontrasse “casualmente”.

O plano deu certo, em poucos minutos, Pedro chegou ao local da “emboscada”. Ao ver a princesa sentada em um dos bancos colocados à beira do gramado, o jovem ficou fascinado pela linda moura.

Samirah contava agora 18 anos, seus cabelos negros brilhantes, sua pele morena e olhos amendoados eram características marcantes de sua descendência marroquina. Foi amor à primeira vista. Pedro conhecia as leis islâmicas, também sabia dos perigos desse encontro, mas, não resistindo à sua beleza, foi ao seu encontro. Embora o

príncipe tenha comparecido ao evento contra sua vontade, a partir daquele dia, sempre que o pai era convocado para tratar algo com o emir, dava um jeito de ir junto. Assim, desse primeiro encontro com a princesa, ocorreram mais alguns e, como não poderia deixar de ser, todos às escondidas. Embora tenham conversado poucas vezes, Samirah sentia ter encontrado o grande amor de sua tenra vida, e melhor de tudo, sabia que seu amor era correspondido pelo jovem cavaleiro.

Ismail, em virtude de sua condição de mestre e orientador, à certa altura, passou a ser também confidente da princesa. Em uma de suas aulas, Samirah sentindo a necessidade de expressar seu amor por Pedro, contou ao mestre o que se passava em seu coração. A menina, a qual Ismail acompanhou o crescimento e instruiu por vários anos, tinha se tornado uma linda jovem e dizia estar apaixonada. O mestre, a princípio, ficou muito feliz, porém, ao saber quem era o beneficiário dessa paixão, uma onda de preocupação se apossou de sua alma, imediatamente teve a consciência dos problemas que estavam por vir.

O convívio social e político entre o Emirado e os reinos cristãos da Península era protocolar e a paz entre eles era extremamente tênue. Ismail sabia que tanto o Emir Abderramão quanto o Rei de Leon jamais permitiriam essa união. Havia sim uma possibilidade; um dos príncipes se converter à religião do outro, mas certamente os respectivos pais não permitiriam isso.

CAPÍTULO – IV

SAMIRAH É PROMETIDA A UM PRÍNCIPE ÁRABE

Não aguentando mais manter sigilo sobre seu sentimento por Pedro, Samirah se apresentou diante de seus pais e os colocou ao par de seu amor pelo cavaleiro cristão. Obviamente o pai quis saber em quais circunstâncias ela mantinha contato com o Príncipe de Leon. Diante da pressão, não restou a Samirah senão confessar que o encontrou algumas vezes nos jardins do palácio a princípio “casualmente” e depois combinando com ele. Logo, o emir entendeu por que o príncipe se ausentava tanto das reuniões.

Embora seguissem as leis muçulmanas, há alguns anos essas leis não eram cumpridas com tanta severidade, assim sendo, o pai amenizou os castigos, mas prontamente se colocou contra os sentimentos dela. Já tinha outros planos para Samirah, única mulher dentre seus filhos. E deixou esses planos bem claros para ela.

O Emirado de Córdoba constantemente enfrentava tentativas de reconquistas pelos ibéricos e há algum tempo essas tentativas vinham enfraquecendo o Emirado e, conseqüentemente, a cada dia o emir vinha perdendo o controle da região conquistada.

Para ter apoio militar e político de outros povos islâmicos, Abderramão I arrumou o casamento de Samirah com um príncipe árabe e assim obter o reforço militar necessário para retomar a supremacia na Península e barrar o avanço dos cristãos.

Ao ficar ciente das pretensões de seu pai, a jovem princesa ficou transtornada, sabia que não adiantaria argumentar a respeito, então recorreu à sua mãe, mas foi uma tentativa que não surtiu o efeito desejado e de certa forma até esperado, pois Tamires era extremamente submissa ao emir e jamais iria de encontro às decisões do marido.

O nome Samirah, que em árabe quer dizer “animada e divertida”, diante de tanta tristeza que se abateu sobre donzela, perdeu completamente seu significado.

Ismail, pelo tempo que convivia com a jovem, a queria como uma filha e a afeição era recíproca, na verdade, a princesa já o tinha como um amigo com o qual podia conversar sobre qualquer coisa.

A partir do momento em que ficou ciente da intenção do emir, Ismail passou a presenciar dia após dia o sofrimento da linda princesa moura.

Samirah, perdidamente apaixonada por Pedro, ao saber que foi prometida a outro homem que não amava e nem mesmo conhecia, via ruir seus mais lindos sonhos. Mesmo sabendo que era obrigada a cumprir a determinação do pai, a linda princesa não se resignou, muito pelo contrário, a partir daquele dia, decidiu arrumar uma saída para se livrar do terrível futuro que a aguardava e começou a planejar sua fuga para além dos muros do palácio.

Abderramão precisav fazer mais uma demonstração de força, então como de costume marcou para aquele mês mais uma da recepção aos nobres cristãos, Samirah, ao tomar conhecimento dessa recepção, ficou extasiada, ia poder ver novamente seu grande amor, porém sua alegria durou pouco, o emir não podia deixar de convidar Pedro, era uma questão de Estado, então, a fim de impedir a filha de manter qualquer contato com os ilustres convidados, ordenou que fosse confinada aos seus aposentos e vigiada durante todo o tempo em que durasse a recepção.

Sem que Ismail se dessa conta, passou a fazer parte de uma complexa trama que viria mais tarde causar uma das maiores batalhas entre cristãos e muçulmanos na Península Ibérica.

CAPÍTULO – V

PLANEJANDO A FUGA DE SAMIRAH

Foi exatamente nessa noite que Ismail começou a se envolver nessa trama de amor da linda princesa. No início, o dedicado mestre ficou relutante, mas diante da profunda melancolia que se abateu sobre sua dedicada aluna, decidiu que precisava tomar alguma providência a respeito. Conhecia-a desde quando era criança e, apesar de ser apenas seu mestre, o sofrimento que consumia a jovem o comoveu a tal ponto que, mesmo sabendo dos riscos que corria, passou a servir como interlocutor entre o apaixonado casal.

Durante a festa, depois de verificar que Pedro não era vigiado ou seguido, Ismail se aproximou do jovem príncipe e passou para ele um bilhete relatando o que estava ocorrendo. Pedro realmente era apaixonado pela jovem princesa e, ao tomar conhecimento da aversão do emir à sua intenção em desposar Samirah, ficou transtornado, pois seria justamente naquela noite que ele pretendia pedir a Abderramão a mão de sua amada em casamento. Mas o que deixou o rapaz terrivelmente perturbado foi saber que sua amada Samirah foi prometida a outro homem.

Pedro conhecia a fama de Abderramão, sabia que o emir jamais voltaria atrás. Pedir que seu pai, o Rei de Leon, intercedesse junto ao emir também não adiantaria, pois, apesar de não ter proibido o filho de se casar com a princesa, por razões óbvias, também não era favorável a esse matrimônio. Diante desse complicado problema, o jovem príncipe só viu uma solução: raptar e fugir com Samirah para bem longe dali.

Pedro tinha conhecimento que o velho mestre era confidente de sua amada e que podia confiar nele, assim, no decorrer da recepção, discretamente expôs sua intenção de raptar e fugir com a princesa e solicitou que essa informação fosse levada ao conhecimento de Samirah.

A princípio, Ismail ficou relutante, mas por fim acabou por fazer parte da trama, contudo, achou por bem alertar ao jovem príncipe para as terríveis consequências que esse ato ocasionaria, procurou fazê-lo ver que a raiva de Abderramão seria implacável e certamente iria desencadear uma guerra sem precedentes entre cristãos e muçulmanos na Península Ibérica. Os esforços para dissuadir o jovem príncipe dessa perigosa ideia foi em vão. Para ter sua princesa Moura, estava decidido a levar avante seu audacioso plano, valia a pena correr qualquer risco.

Logo após relatar para a princesa a ideia de seu pretendente, mais uma vez o mestre a alertou para os perigos que iriam correr, mas, assim como Pedro, ela estava cega de amor e também não levou em conta o alerta.

Diante daquela drástica situação Ismail entendeu que precisava ajudar os jovens apaixonados nessa empreitada, assim decidido, se juntou a Pedro e deram início ao planejamento para o rapto e fuga da princesa.

Onde quer que Samirah fosse, sempre estava acompanhada por um séquito de damas e principalmente por guardas de segurança. Então, logo nas primeiras avaliações, perceberam que encontrariam severas dificuldades para colocar em prática o plano de fuga.

Após se manterem por horas a fio planejando, chegaram à conclusão que a ação só teria sucesso se fosse realizada fora do palácio. Pedro ficou completamente decepcionado, afinal, sua linda princesa vivia enclausurada e vigiada dia e noite por guardas muito

bem treinados. Porém, quando davam tudo por perdido, Ismail lembrou-se que todo muçulmano, como prova de desapego, arrependimento e reflexão, deveria pelo menos uma vez na vida fazer uma peregrinação à cidade de Meca, na Arábia Saudita. Ismail percebeu que, no decorrer dessa viagem, poderiam ter uma boa oportunidade para que fosse levado a efeito o plano de rapto da Princesa Moura.

CAPÍTULO – VI

O PLANO

Em uma reunião com o Abdemarrão, Ismail sutilmente o indagou sobre a viagem de peregrinação à Meca e também perguntou se Samirah participaria da viagem. Demonstrando uma certa irritação, o emir deixou claro que não pretendia deixar sua filha participar dessa peregrinação, não queria expor Samirah aos perigos inerentes àquele tipo de viagem, pois havia sempre o risco de as caravanas sofrerem ataques de salteadores, além disso, pretendia mantê-la na mais estrita vigilância.

Ismail precisava agir com perspicácia, caso contrário, perderia a única oportunidade que tinham para ajudar o casal apaixonado e a solução encontrada foi tirar o foco da peregrinação, assim, astutamente, sugeriu ao emir que essa viagem seria uma ótima oportunidade para Samirah conhecer o homem a quem foi prometida em casamento. Abderramão de imediato aprovou sua sugestão e

ordenou que tudo fosse providenciado para a viagem. Ismail sabia muito bem que praticamente estava assinando sua sentença de morte, mas não aguentava mais ver o sofrimento de sua pupila.

Secretamente, o mestre entrou em contato com Pedro e o colocou ciente de que a princesa faria essa viagem. Estavam entrando no nono mês do calendário islâmico, mês do feriado do Ramadã, logo, Pedro tinha um mês para planejar o rapto de sua amada, então, mesmo sem o conhecimento de seu pai, ele organizou um pequeno grupo de cavaleiros, a maioria seus amigos, para, no momento oportuno, emboscarem a caravana e raptarem a Princesa Samirah. Ismail, atendendo uma solicitação do príncipe, colocou Samirah ciente do plano que estava sendo levado adiante com a finalidade de livrá-la daquele martírio. Com essa notícia, o coração da jovem novamente se encheu de esperança e de alegria. Depois de vários dias na mais absoluta amargura, ainda que timidamente, Samirah voltou a sorrir. Após alguns dias de preparação, a caravana estava em condições de seguir viagem rumo a Arábia Saudita e, entre seus integrantes, estava a Princesa Samirah e sua mãe Tamires.

A viagem duraria dias, embora a maior parte do trajeto fosse passando por emirados amigos, a caravana não deixava de ficar sujeita a todos os tipos de perigos e intempéries, em virtude disso, como sempre ocorre quando há o deslocamento da realeza, um razoável contingente envolvendo serviçais e guerreiros foram colocados à disposição da princesa e de sua mãe. Pela condição de mestre de Samirah, Ismail também faria parte da caravana que seguia em direção à Meca.

Ao verificar a quantidade de guardas designados para a segurança da caravana, Ismail ficou extremamente preocupado, porque o número de guerreiros designados para protegerem a caravana era maior do que ele esperava. Logo percebeu que Pedro não poderia

realizar um ataque direto e que o jovem precisava mudar seu planejamento.

Ismail sabia que Pedro deveria estar nas proximidades aguardando o início do deslocamento do pessoal e, com certeza, seus espiões já o haviam informado sobre o efetivo da guarda de segurança, mas sabendo da impetuosidade do jovem príncipe, temia que ele não levasse em conta essa desvantagem e atacasse a caravana, colocando todos em perigo. Àquela altura dos acontecimentos, Ismail não tinha mais como manter contato com o príncipe, então ele mesmo passou a elaborar uma outra forma de fugir com Samirah antes que Pedro atacasse o acampamento

Com tudo pronto, finalmente a caravana deixou o Emirado de Córdoba e seguiu rumo ao seu destino. A caravana seguia tranquilamente para o Sul da Península quando, no quinto dia de jornada, para alívio de Ismail, ele foi contatado por um espião de Pedro, informando que naquela noite se daria o ataque e o rapto. Nessa oportunidade, o professor enviou um comunicado ao príncipe informando que um ataque direto seria suicídio, que o melhor a fazer seria, com sua ajuda durante a noite, ele se infiltrar no acampamento e raptar Samirah. Pouco tempo depois, espião retornou informando que Pedro concordava com o plano traçado.

CAPÍTULO – VII

O RAPTO DA PRINCESA

Já próximo ao Estreito de Gibraltar, o sol já começava se pôr no horizonte. Seguindo a rotina mantida durante aquela viagem, o comandante da guarda interrompeu o deslocamento da caravana e ordenou a montagem do acampamento. No dia seguinte, em virtude da quantidade de embarcações disponíveis, apenas uma pequena parte da caravana atravessaria o Mar Mediterrâneo. Os guardas, já considerando a missão como cumprida acabaram por relaxar na segurança do acampamento, fato que viria a facilitar a execução do plano de Ismail.

Conforme planejado, logo nas primeiras horas da madrugada, a fim de criar uma confusão e facilitar a entrada do príncipe no acampamento, um pequeno grupo do contingente que acompanhava o Pedro simulou um ataque aos peregrinos islamitas. Essa fustigação deu início a correrias e gritos de comandos por todo acampamento e, como Ismail esperava, imediatamente os guardas reforçaram a segurança no entorno das barracas em que se encontravam Samirah e Tamires. Porém, minutos antes do ataque simulado, Ismail providenciou para que a princesa estivesse em sua companhia.

Pedro já estava ciente de que a princesa estaria com o professor, então, logo que a confusão se instalou no acampamento, se infiltrou sorrateiramente e foi diretamente para o local onde ficavam as tendas dos serviçais.

Samirah aguardava com ansiedade a chegada de seu amado príncipe, mesmo sabendo não haveria de fato uma batalha, temia que Pedro fosse preso ou mesmo morto pelos guardas. Felizmente tudo saiu como planejado. Mesmo em meio ao caos que se tomou o acampamento, Ismail conseguiu distinguir ao longe o jovem príncipe se afastar a cavalo com sua donzela rumo à felicidade. Conforme os planejado, o casal foi escoltado pelo grupo de Pedro até o ponto onde receberam abrigo e apoio para seguirem para a França.

Mais tarde, quando conseguiram reestabelecer a tranquilidade no acampamento, foi que deram por falta de Samirah. O comandante sabia que sua vida estava em risco, pois era sua responsabilidade a proteção da princesa. Imediatamente ordenou que alguns soldados fossem ao encalço dos raptos, porém os cristãos estavam muito na dianteira, conseqüentemente os guardas muçulmanos não obtiveram êxito. Desesperada com toda aquela situação, Tamires enviou os mais rápidos cavaleiros para informar o acontecido ao emir. Após cavalgarem três dias sem parar, finalmente chegaram ao palácio.

O emir ficou enfurecido com tamanha ousadia dos cristãos em raptar sua filha e bradou aos sete ventos que esse ultraje não ficaria assim, mas antes de tomar qualquer atitude, precisava obter mais informações sobre o ocorrido, para isso, determinou que a caravana retornasse imediatamente para Córdoba e, em seguida, ordenou que seus espiões percorrerem toda a Península Ibérica em busca de informações que indicasse quem raptou e onde poderia estar a Princesa Samirah.

O reencontro dos jovens foi realmente emocionante e, ao mesmo tempo, preocupante, mas o que estava por vir com certeza mudaria o clima de tranquilidade que reinava na Península.

CAPÍTULO – VIII

A BATALHA DE EL-BELAT

Em poucas horas o emir foi informado pelos seus espiões que foi Pedro, filho do Rei de Leon, quem raptou sua filha, Sendo assim, logo entendeu que a ação não se tratava de uma tentativa de reconquista por parte dos reinos cristãos. Abderramão de certa forma, ficou aliviado, mas o problema ainda existia e exigia uma resposta intempestiva, então imediatamente ordenou que um considerável efetivo de seu exército se preparasse para ir em busca de sua filha, assim como também ordenou que, ao encontrar os responsáveis pelo ataque à caravana peregrina, todos fossem aniquilados. Muito revoltado com aquela afronta, o emir decidiu que comandaria pessoalmente seu exército.

Conforme determinado, a peregrinação foi interrompida e, a contragosto da rainha, todos tiveram que retornar para Córdoba. Ao chegarem, o primeiro a ser ouvido foi o comandante da guarda, após ouvir as explicações do comandante, o emir ordenou que Ismail fosse levado até sua presença. Por um longo tempo o mestre foi interrogado, o soberano queria a todo custo saber se ele tinha conhecimento de que ocorreria o rapto e se Samirah havia dito alguma coisa a respeito. Era preciso cautela, se em algum momento Ismail deixasse transparecer que não tão somente sabia, mas que também participou do planejamento para o rapto da princesa, seria o seu fim, seria com certeza decapitado. Embora Abdemarrão não tenha ficado completamente satisfeito com as respostas dadas por Ismail, deu uma trégua nos questionamentos a fim de seguir com os preparativos para o resgate da filha.

O dedicado mestre estava muito preocupado com a segurança da princesa, pois temia pela vida da jovem, sentia que precisava estar presente por ocasião daquela batalha que, com certeza aconteceria, então solicitou ao emir permissão para também seguir com o exército. Abderramão queria Ismail por perto, ainda desconfiava de sua

participação naquele rapto, então autorizou sua ida. Apesar de sua preocupação, só restava ao mestre aguardar a partida da tropa. A notícia sobre o rapto logo se tornou de conhecimento de quase todos os habitantes da Península, então não foi difícil para os espiões do emir descobrirem o paradeiro da princesa.

A intenção de Pedro era seguir as margens do Mar Mediterrâneo em direção à França, Àquela altura, já estavam praticamente no meio do percurso, embora ainda preocupado com a provável retaliação por parte do emir, Pedro já contava com o sucesso de sua audaciosa aventura, mas infelizmente os velozes cavalos “puro sangue” árabes logo conseguiram encurtar a distância que havia entre a tropa moura e os sequestradores, em consequência a essa desvantagem, à noite, já nas proximidades do povoado de El-Belat, o emir conseguiu alcançar e emboscar os cavaleiros raptos.

Ao avistar a tropa comandada por Abderramão, Pedro logo percebeu que não conseguiria fugir e que, com certeza, o Emir de Córdoba estava com sede de sangue. Receoso que sua amada se ferisse durante a iminente batalha, a escondeu em uma pequena gruta existente nas proximidades. O ataque ao pequeno grupo do Príncipe de Leon foi impiedoso, o vale que servia como palco para a batalha, em pouco tempo, começou a acomodar corpos de ambos os lados. A lua cheia iluminava o campo onde era travada a batalha, possibilitando que cada ação dos combatentes fosse vista com clareza, assim sendo, de seu esconderijo, Samirah via aterrorizada a terrível batalha que se desenrolava à sua frente. Diante daquela horrenda carnificina, pressentia que a qualquer momento perderia seu pai ou seu grande amor ou mesmo ambos. A jovem princesa logo percebeu que somente ela conseguiria acabar com aquela batalha e, em um ato de coragem e desespero, montou em seu cavalo e partiu em disparada

ao encontro de seu pai. Precisava interromper aquela contenda a qualquer custo.

CAPÍTULO – IX

PEDRO É CAPTURADO

Infelizmente a tragédia já estava em curso, do pequeno grupo de cavaleiros de Leon, muitos foram mortos e alguns se encontravam gravemente feridos, entre eles, o querido Príncipe de Samirah. A preocupação da princesa moura era intensa, sabia que aquela situação ainda não tinha acabado, pois, além de ferido, Pedro se tornou prisioneiro de Abderramão, conseqüentemente a vida de seu príncipe continuava em perigo.

Com a intervenção da princesa, o emir abrandou a intenção de eliminar a todos, sendo assim, os que conseguiram sobreviver à batalha foram levados para as masmorras do palácio. Abderramão suspeitava que a filha tinha envolvimento em toda aquela trama, então, como castigo, apesar dos reiterados pedidos de clemência por parte de Tamires, a jovem princesa foi conduzida e mantida reclusa em seus aposentos por tempo indeterminado.

O Rei de Leon, como era de se esperar, imediatamente iniciou as negociações para a libertação de seu filho. A paz na Península estava por um fio e uma solução amigável se fazia necessária. Embora o Emir de Córdoba tivesse plena consciência disso, ainda nutria um sentimento de indignação pela ousadia do Príncipe Pedro.

Abderramão sabia dos sentimentos da filha para com Pedro e, conhecendo muito bem a personalidade de Samirah, ele previa que cedo ou tarde ela acabaria de arrumar um jeito de fugir. Diante desse dilema, percebeu que não existia outro jeito a não ser levar imediatamente Samirah para a Arábia Saudita e lá casá-la com o filho de seu aliado.

Ao saber pela mãe que seria levada para o Oriente Médio a fim de se casar, a jovem princesa ficou transtornada, sabia que se fosse levada para Arábia Saudita nunca mais retornaria à Península Ibérica. Extremamente indignada e preocupada com a notícia que acabara de receber, correu à procura de seu pai a fim de tentar reverter a situação, mas, apesar dos reiterados pedidos para que não a obrigasse a casar contra sua vontade, não obteve êxito. Mesmo porque com esse casamento o Emir pretendia fortalecer a aliança entre os emirados e consequentemente afastá-la de Pedro. Samirah ficou arrasada, estava apaixonada por Pedro e sabia que seu amor era correspondido com a mesma intensidade, agora se via em uma situação muito complicada, era obrigada a seguir as determinações não só do pai, mas também a do emir de Córdoba. Apesar dessas obrigações, ela não se deu por vencida e alertou ao pai que preferia morrer a se casar com um homem que não amava. Acreditando que a filha em poucos dias se acalmaria, não deu ouvidos a sua ameaça.

Ismail, na sua condição de mestre da princesa, era um dos poucos autorizados a manter contato com a jovem e via com preocupação a tristeza que tomou conta dela. Dia após dia Samirah se tornava mais resoluta em não se casar com o pretendente árabe, e deixou bem claro que faria qualquer coisa para evitar esse casamento. Seu coração pertencia a Pedro e a mais ninguém e reiterou que, se não fosse para ficar com seu amor, preferia morrer.

Temendo pela saúde e até mesmo pela vida da princesa, para amenizar seu sofrimento, na medida do possível, levava para ela algumas notícias sobre Pedro. E umas das informações levadas foi que, após longa negociação com o Rei de Leon, ficou acertado que o príncipe seria libertado, mas com a condição de que, sob pena de morte, jamais voltasse ao Emirado. Que jamais voltasse a procurar por ela.

Embora tenha sido uma notícia que deixou a princesa extremamente triste, Ismail não poderia deixar de passar essa informação, pois correria o risco de perder a confiança da princesa.

CAPÍTULO – X

JUNTOS PARA SEMPRE

Um dia antes de o príncipe ser levado para o seu reino, os temores de Ismail se concretizaram, pela manhã, as serviçais ao entrarem nos aposentos da princesa a encontraram caída ao lado da cama e ensanguentada. Enquanto uma das serviçais procurava socorrer sua princesa, a outra saiu em disparada para chamar seus soberanos. O emir foi o primeiro a chegar e, ao se deparar com Samirah caída no chão e com as vestes encharcadas com sangue, ficou horrorizado. Imediatamente a pegou do chão e a colocou sobre a cama. Tamires, ao ver o estado em que sua querida filha se encontrava, aos gritos passou a acusar o marido como o responsável pela trágica situação de Samirah.

Rapidamente os médicos da corte chegaram e passaram a socorrer a jovem princesa e de imediato perceberam que Samirah tinha um dos pulsos cortados. Felizmente, ela foi socorrida a tempo e sua tentativa de suicídio não teve êxito e, aos poucos, ela foi se recuperando.

Esse desejo da filha em morrer deixou o emir extremamente impressionado, jamais imaginou que ela pudesse vir a tomar uma atitude tão drástica. Diante daquele terrível acontecimento, finalmente ele compreendeu que se insistisse com sua pretensão em afastá-la do Emirado de Córdoba e principalmente de Pedro, certamente acabaria perdendo sua Samirah para sempre. Abderramão não queria ver a filha infeliz nem tão pouco morta, então resolveu deixar Samirah livre para decidir sobre seu próprio destino.

A fim de resolver toda situação envolvendo os dois reinos, Abderramão convidou o Rei de León para uma reunião urgente. Ismail logo compreendeu que a reunião entre os dois soberanos tinha como propósito tratar sobre a desavenças envolvendo os dois reinos e em particular sobre o destino de seus filhos. Logo após essa reunião, os cristãos capturados foram libertados e alguns dias depois, já recuperado de seus dos ferimentos, Pedro partiu para o Reino de León tendo ao seu lado, Samirah, sua linda princesa moura.

Mesmo distante, Ismail continuou como eventual confidente e mestre de Samirah. O casal teve uma vida próspera em todos os sentidos e repleta de alegrias

FIM



A GUERREIRA

CAPÍTULO – I

A DESERÇÃO POR AMOR

A partir de outubro de 1187, o controle de Jerusalém passou a ser exercido pelos muçulmanos, essa situação levou o Papa a lançar imediatamente uma cruzada visando a reconquista da Cidade Santa e, para isso, solicitou o apoio dos monarcas cristãos, entre os quais o imperador germânico, da França e Inglaterra. Enquanto o imperador germânico avançava por terra, os franceses e ingleses foram pelo mar em direção à costa setentrional de Jerusalém. Finalmente, em 1191, os franceses e ingleses alcançaram o litoral da Terra Santa.

Em 1197, os cruzados ingleses, após passarem anos realizando cercos e ataques às tropas muçulmanas que ocupavam Jerusalém, embora não tenham obtido êxito na reconquista, deram por encerrados os embates e iniciaram os preparativos para retornarem para Inglaterra. Em consequência dessa retirada, se deslocaram para a cidade portuária de Jaffa, a fim de embarcarem de retorno para seus lares. Dentre esses cruzados estava o cavaleiro Paul Thompson, recém-incorporado às tropas do rei.

Devido às condições climáticas adversas que dificultavam a navegação, o embarque do pessoal acabou por sofrer um atraso significativo. Durante os dias em aguardava o embarque, Paul e os amigos vez ou outra saem do acampamento a fim de se divertirem na cidade e foi em uma dessas andanças que Paul conheceu Arlete, uma

palestina, filha de peregrinos cristãos. A jovem tinha aproximadamente a mesma idade de Paul e logo surgiu uma grande amizade entre os dois, com isso, os encontros foram se tornando mais frequentes, fazendo com que a amizade acabasse por se transformar em amor. Durante o tempo em que ficaram aguardando melhores ventos para a navegação, Paul procurava ficar junto ao seu amor o máximo que podia e já nessas ocasiões pensava em como poderia ficar com Arlete.

Depois de aproximadamente três semanas, a tropa recebeu a determinação para se preparar para o embarque. Paul ficou angustiado com aquela ordem, sabia que um dia teria que embarçar, mas estava tão envolvido com Arlete que não se deu conta que esse dia estava próximo.

A partir daí começou um terrível dilema para o jovem cavaleiro. Não poderia ficar, não poderia levá-la e ela também não tinha os meios necessários para realizar a longa viagem. Diante desse terrível impasse, após avaliar todas as opções viáveis, o cavaleiro concluiu que a única solução era ele desertar.

Tinha a plena consciência de que seria acusado pelo crime de deserção e o pior, também seria acusado de traição. Sabia perfeitamente que a pena para tais crimes era a execução sumária do criminoso, mas, embora sua consciência o orientasse a partir com seus companheiros, o coração o prendia a Jerusalém. Ciente do que poderia acontecer ao seu amado cavaleiro, Arlete achou por bem dissuadi-lo de ficar, mas não conseguiu convencê-lo, o jovem cavaleiro estava decidido a ficar.

Na madrugada em que deveria embarcar de volta à Europa, Paul montou em seu cavalo e fugiu para o mais distante que pode, na verdade, para um local que conheceu por ocasião de umas das patrulhas que realizavam naquela região. Ao sentirem sua falta,

temendo que algo pudesse ter acontecido ao cavaleiro, o comandante dos cruzados ordenou que dois amigos do cavaleiro fossem à sua procura. Os amigos, sabedores sobre o namoro de Paul com a palestina, ao saírem do acampamento, foram diretamente para casa de Arlete. Ao ver os cavaleiros se aproximando, a jovem sentiu um intenso calafrio, certamente estavam à procura de Paul. Precisava ficar calma e ser o mais convincente possível, caso contrário, colocaria tudo a perder. Depois de algumas perguntas, os cruzados se convenceram de que a jovem não sabia do paradeiro do rapaz. Arlete respirou aliviada, mas sabia que seu amor ainda corria terrível perigo.

CAPÍTULO – II

CASAMENTO DE PAUL E ARLETE

Após horas procurando o companheiro de batalhas, os cavaleiros retornaram ao acampamento e informaram a seu comandante a situação. O rei se encontrava a bordo, então, para não atrasar ainda mais a partida, o comandante decidiu zarpar, mas ordenou que dois cavaleiros permanecessem na cidade a fim de continuarem com as buscas.

Previendo a possibilidade de futuras cruzadas, Paul entendeu que não poderia viver em uma das cidades litorâneas, sabia que, para ter um pouco de tranquilidade, precisava se manter afastado do Mar Mediterrâneo.

Hebron já àquela época era bem movimentada, assim sendo, Paul julgou que naquelas terras conseguiria passar despercebido e ludibriar quem viesse à sua procura, mas era óbvio que, para seu plano dar certo, precisava se vestir e se comportar como os habitantes daquela região. Mesmo tomando essas providências, Paul temia que a notícia sobre o cavaleiro desertor já tivesse chegado à cidade, então por precaução, se manteve escondido nas montanhas o tempo suficiente para os cabelos e barba crescerem e com esse artifício evitar que o reconhecessem.

Para que seu plano desse certo, precisava se adaptar àquele modo de vida. À vista disso, com as reservas que tinha e com a venda de alguns pertences de valor, conseguiu comprar um pequeno sítio próximo às montanhas e algumas cabras. Pretendia, naquele ponto afastado da cidade de Hebron, viver com sua amada. Arlete mantinha seu sustento com a venda de artesanato e roupas que confeccionava, atividade que poderia facilmente dar continuidade em Hebron, conseqüentemente nada a prendia à Jaffa.

Nesse período em que ficou distante, as comunicações entre o casal se davam por intermédio de Ingrid, uma amiga de Arlete, e em um destes contatos, Paul pediu a Ingrid que avisasse a amiga que pretendia visitá-la nos próximos dias. Embora Arlete desejasse se encontrar com ele, há algum tempo tinha a impressão que sua casa estava sendo vigiada, temendo pela segurança de seu amado cavaleiro, ensacou seus poucos pertences e, após verificar que não estava sendo vigiada, saiu ao encontro do seu cavaleiro escondido nas montanhas de Hebron.

Apesar dos cabelos mais longos que o usual, a barba que antes não usava, magro e despojado de suas roupas de cavaleiro, essa transformação não impediu que a jovem o reconhecesse de imediato.

Feliz por reencontrar seu amor, o cavaleiro pegou a amada em seus abraços e a beijou ardentemente.

A partir desse dia, o casal passou a viver juntos e assim permaneceram por um bom tempo, porém, sendo uma cristã fervorosa, Arlete não queria viver ao lado de seu amor apenas como companheira e deixou claro ao rapaz sua intenção de casar. Paul não era tão religioso, participou da Cruzada somente por obrigação de ofício, afinal, pertencia a Cavalaria do Rei da Inglaterra. Contudo, mesmo não sendo religioso, Paul acatou a vontade da amada e procurou por um dos numerosos religiosos que percorriam a Terra Santa para oficializar aquela união. Assim, no mesmo ano em que se conheceram, após cinco meses vivendo juntos, para felicidade de Arlete, a união foi oficializada. Apesar de inicialmente terem encontrado algumas dificuldades para se adaptarem à vida nas montanhas, aos poucos foram aprendendo como lidar com a criação de cabras e, mesmo com muita reserva, a interagir com os vizinhos. Arlete se divertia ao ver o marido às voltas com os animais, sabia lidar muito bem com cavalos, mas com cabras, não levava o menor jeito.

CAPÍTULO – III

A PRIMEIRA FILHA

No decorrer de dois anos, o casal passou por algumas privações, mesmo porque tudo era novo para eles, estavam ainda em um período de adaptação a tudo, apesar disso, viviam felizes. Certo dia, após um

árduo dia de trabalho, Paul recebeu a notícia pela qual há tempos esperava, Arlete estava grávida de seu primeiro filho. Era nítida a felicidade do rapaz, sua família na Inglaterra se resumia aos tios que o criaram e alguns primos, mesmo assim, quando ingressou nas tropas do rei, praticamente perdeu o contato com eles. Saber que sua família recém-constituída ia aumentar o deixou extasiado.

A partir daquela notícia, Paul passou a se preocupar ainda mais com Arlete, a jovem esposa era saudável e bem ativa, mas, durante a gravidez, precisaria diminuir suas idas à cidade. As vendas dos artesanatos e peças de roupas que ela fazia ajudavam em muito, mas, com o avançar da gravidez, Paul achou por bem que a esposa ficasse de repouso em casa. Apesar do tempo que já vivia em Hebron, ainda temia ser reconhecido e capturado, mas não tinha outra opção, a venda de cabras e do leite que produziam não era o suficiente para se manter a família, então, quando se fazia extremamente necessário, ele mesmo ia à cidade vender os produtos que a esposa confeccionava.

Arlete achava graça com a preocupação exagerada do marido, mas, para não o contrariar, procurava atender seus pedidos para que ficasse em casa. Na verdade, sabia que o marido tinha razão, mas sentia a necessidade de ajudá-lo com os gastos da casa.

A partir do final de setembro, Arlete começou a sentir que o parto não demoraria a ocorrer, prevendo isso, como moravam afastados da cidade, Paul achou por bem manter em sua casa uma das parteiras da região.

E o fez bem, as dores que Arlete sentia eram tão fortes que a parteira logo percebeu a criança não estava na posição correta para vir ao mundo, em consequência disso, o parto se tornou muito complicado e quase levando Arlete a morte, depois de horas em um trabalho de parto muito difícil, finalmente na madrugada de 1 de outubro do ano de 1199, nasceu Margaret, primogênita de Paul

Thompson. Arlete precisou ficar em repouso por algumas semanas e, mesmo assim, não se recuperou completamente. Apesar do sofrimento, estava feliz com o nascimento da filha e à medida que Margaret crescia, tudo foi voltando à normalidade.

Aos poucos Paul foi comprando mais terras, aumentou sua criação de cabras e agora também já possuía um bom número de cavalos. Com essas posses, a família se tornou uma das mais prósperas montanhas de Hebron.

Essa prosperidade logo chamou a atenção de todos na cidade de Hebron e, em particular, Ingrid, a amiga que serviu por um tempo como mensageira entre Paul e Arlete. Certo dia, quando o casal menos esperava, Ingrid apareceu para uma visita e, durante o tempo em que ficou na casa, constatando que o casal realmente tinha uma condição de vida melhor do que ela imaginava, sutilmente passou a lembrar a amiga os serviços que há alguns anos prestou a ela e pelos perigos que correu fazendo aqueles serviços. Paul logo percebeu que a mulher fazia, veladamente, uma chantagem, era evidente que a mulher queria algum tipo de benefício. Temendo pela família, achou por bem ter aquela mulher por perto, à vista disso, sugeriu que ela ficasse por algum tempo morando com eles. Pelo menos até conseguir uma forma de se livrar dela.

Por quase um ano, Ingrid morou com o casal e, de início, até ajudava nos afazeres de casa e no cuidado da criança, mas logo a ganância tomou conta de seu coração, fazendo com que sua permanência se tornasse insuportável. Paul sabia que expulsar Ingrid de sua casa poderia acarretar sérias retaliações por parte dela, então precisava agir com sutileza. Após considerar as opções que tinha, resolveu dar a ela um pequeno terreno onde pudesse construir uma casinha e algumas cabras com as quais poderia manter sua vida,

acreditava que com isso conseguiria tirar a mulher de suas vidas definitivamente.

CAPÍTULO – IV

NASCIMENTO DE LÚCIA

No décimo aniversário de Margaret, quando todos comemoram felizes o nascimento da querida filha, Arlete se aproxima do marido e fala algo em seu ouvido que o deixou estático, estando novamente grávida. Refeito da surpresa, o cavaleiro saltou da cadeira e passou a dançar alucinadamente pelo cômodo da casa. Embora estivesse muito feliz, Paul não conseguia esquecer o sofrimento pelo qual Arlete passou por ocasião do parto de Margaret e, observando o comportamento da esposa, embora ela procurasse dissimular, percebia que também estava preocupada. Julgando que as dificuldades no parto de Margaret fossem em decorrência da possível imperícia da parteira que a assistiu, logo nos primeiros meses de sua segunda gestação, Arlete foi em busca de outra parteira, uma com mais experiência. No oitavo mês de gravidez, Arlete começou a sentir as dores do parto e com isso passou a ficar muito preocupada, pois, conforme a crença da época, com oito meses de gestação, dificilmente uma criança sobrevive ao parto.

Assim como ocorreu durante seu primeiro parto, infelizmente Arlete passava pelas mesmas dificuldade, há horas sofria com as fortes dores, por mais que a parteira tentasse, não conseguia amenizar a situação.

Paul, em total desespero, andava pela casa sem saber o que fazer, percebia claramente que a esposa sofria com as terríveis dores. Margaret, na sua inocência, igualmente assustada e preocupada com a mãe, permanecia deitada em seu canto rezando para aquilo tudo passasse logo.

Depois de horas em trabalho de parto, já completamente esgotada fisicamente, em 11 junho de 1209, Arlete deu à luz a mais uma linda menina, a qual, em homenagem à avó materna, recebeu o nome de Lúcia. A chegada da linda criança amenizou um pouco aquela tensão, mas a preocupação com a esposa aumentou ainda mais, pois, em consequência do demorado e difícil parto Arlete, inerte sobre a cama, mal respondia aos chamados da parteira.

Com a criança no colo, Paul olhava para a querida esposa lutando pela vida, não tinha muito o que ser feito, só restava rezar e aguardar que Arlete conseguisse se restabelecer. Infelizmente a condição de saúde de Arlete foi se complicando dia após dias, a impossibilitando até mesmo de amamentar sua amada filhinha. O pouco tempo em que Arlete se mantinha disposta, pedia para pegar a filhinha, nessas ocasiões, a chamava carinhosamente de Lucíola, diminutivo pelo qual passou a ser chamada por todos.

A situação de Paul, que naquele momento de sua vida estava terrivelmente dramática, piorou ainda mais quando, depois de quase 11 anos afastada, Ingrid reapareceu em sua casa. Pelo tempo, Paul acreditava que tinha se livrado para sempre daquela mulher gananciosa, porém, a infeliz voltou a importunar. Segundo Ingrid, no decorrer dos anos, foi perdendo tudo o que ganhou e que, nos dois últimos anos, vivia praticamente da mendicância. O estado deplorável em que Ingrid se apresentou deixou a todos profundamente penalizados, ao ponto de fazer com que esquecessem o motivo pelo qual eles a tiraram de suas vidas.

Ingrid, muito esperta, logo se ofereceu para ajudar na casa no que fosse necessário. Paul, diante dos problemas pelos quais passava a querida esposa, acabou por aceitar novamente o ingresso dela no seio de sua família.

CAPÍTULO – V

O SEGREDO É REVELADO

Apesar de todo o cuidado dispensado com a saúde de Arlete, dois meses após o nascimento de Lucíola, infelizmente ela faleceu em decorrência dos problemas ocorridos durante o parto. Imediatamente a notícia correu por toda Hebron causando grande comoção naqueles que conheciam e estimavam aquela família. Em poucas horas, muitos chegavam para prestar condolências ao amigo, dentre eles, alguns muçulmanos, pois embora fosse cristão, Paul tratava a todos com respeito e consideração.

Com o falecimento da amada esposa, Paul foi tomado por terrível depressão que o impossibilitava de até mesmo fazer as tarefas mais simples do dia a dia. Se não fosse pela ajuda de Valid, um muçulmano recém-contratado para ajudá-lo nos serviços da fazenda, toda a criação de cabras e cavalos teria sido perdida.

Quanto a Margaret, é certo que sentiu a morte da mãe, mas como ocorre com todas as crianças naquela idade, aos poucos foi retornando às suas brincadeiras e às tarefas domésticas. A ajuda de Ingrid realmente estava sendo de grande valia, principalmente com

relação ao cuidado com as crianças. Cuidava de Margaret e Lucíola com tanto zelo que, em consequência disso, apesar da desconfiança que Ingrid despertava, Paul achou por bem aceitar por tempo indeterminado a ajuda oferecida por ela. Aos poucos, o cavaleiro também foi superando a dor da perda e retornando aos seus afazeres e seguindo com sua vida.

No decorrer do tempo, devido ao constante contato entre ambos, Valid foi se interessando por Ingrid e, pelo o que ele percebia, seu interesse era correspondido. Os encontros entre eles eram constantes e as conversas, que inicialmente eram referentes a coisas banais, aos poucos foram se tornando mais íntimas, e foi em uma dessas conversas mais aprofundadas que Ingrid acabou revelando o segredo sobre o cavaleiro desertor.

Valid a tudo ouvia com atenção, embora soubesse da história durante o tempo em que trabalhava na fazenda, nunca desconfiou que seu patrão era o tal cavaleiro. Refeito da surpresa, começou a pensar em como poderia tirar algum proveito daquela preciosa informação. Embora Ingrid, não fosse uma pessoa confiável, ao revelar o segredo, o fez sem a menor maldade e ideia do mal que estava fazendo a família que a acolheu. Com aquela informação, Valid concluiu que, caso ocorresse algo com seu patrão, não haveria ninguém para reivindicar os bens deixados, tinha as crianças, mas, na cabeça dele, isso também poderia ser resolvido com facilidade. Enquanto o tempo passava, Valid estudava a melhor forma de se beneficiar com aquele segredo e também como convencer Ingrid a participar de seu plano, na verdade, nem precisou de muito esforço para isso, além de seu mau-caráter, a mulher apaixonada como estava logo aceitou a participar da trama. Infelizmente, Paul atarefado com os negócios não teve a mínima percepção da traição que preparavam para ele.

Em 1217, por ocasião da Quinta Cruzada, com a chegada dos Cavaleiros em Jerusalém, Valid viu a oportunidade de colocar seu plano em andamento, então partiu rumo ao porto de Jaffa, onde os cruzados desembarcaram e montaram acampamento. Todos na Inglaterra sabiam do sumiço do cavaleiro Paul Thompson ocorrido em 1197 e já o consideravam como morto, então, foi com incredulidade que receberam a informação sobre o paradeiro do cavaleiro desaparecido, mas diante da insistência de Valid, o comandante dos cruzados ordenou que três de seus cavaleiros acompanhassem o muçulmano e verificassem a informação.

CAPÍTULO – VI

PAUL É PRESO E DEPORTADO

Paul se encontrava na lida com os cavalos quando sua atenção se voltou para a chegada daqueles homens na sua propriedade. Quando os cavaleiros se aproximaram, em misto de surpresa e desespero, Paul constatou que eram cruzados. Julgava que, pelos anos em que se encontrava na Palestina, já teriam desistido de encontrá-lo ou até mesmo esquecido de sua existência. Porém, quando viu seu empregado Valid acompanhando os cavaleiros, seu sangue gelou, de imediato veio em sua cabeça o relacionamento de Ingrid com Valid e, ao fazer a associação dos fatos, Paul logo percebeu que seu passado fora revelado.

Na casa, Ingrid e as meninas também observavam a aproximação dos visitantes. Atenta ao que ocorria fora da casa, de repente Ingrid se viu confrontada pela pequena Lucíola que a olhando fixamente lhe perguntou porque ela e Valid estavam fazendo mal ao seu pai. A mulher ficou desnorteada, como Lucíola poderia saber da trama elaborada para destruir sua família. Incomodada com a pergunta, ainda sob o olhar reprovador da menina, Ingrid mudou de assunto e se afastou da menina.

Enquanto os cruzados se aproximavam, Paul tentava visualizar como poderia escapar, mas logo desistiu, afinal tinha duas filhas que dependiam dele, embora Margaret já soubesse se cuidar a pequena Lucíola ainda precisava de toda a atenção dele e pelo que supunha ter ocorrido, não podia mais confiar as crianças à Ingrid, acreditando que conseguiria enganar os cavaleiros aguardou que chegada dos homens.

Ao ser questionado se era realmente o cruzado que desapareceu em 1197, Paul tentou ludibriar os cavaleiros, mas seja qual fosse a resposta dada, tinham a ordem de conduzi-lo até o comandante em Jaffa, pois o comandante queria interrogá-lo pessoalmente. Sabia que tinha sido traído, mas como as crianças ficariam aos cuidados de Ingrid, achou por bem manter a calma e aguardar o desfecho daquela terrível situação.

Margaret, ao perceber que seu querido pai estava sendo preso e conduzido à força para a cidade, ficou revoltada, por alguns minutos tentou, até mesmo retirar o pai das mãos dos cruzados. Valid, a fim de conter a histeria que tomou conta da jovem, a agarrou e a levou para dentro de casa.

O cavaleiro desertor contava que, ao chegar no acampamento, poderia manter a história que sempre repetia para aqueles que perguntavam como foi parar tão distante de sua terra, ou seja, que fez parte de um dos vários grupos de peregrinos cristãos que visitavam a

Cidade Santa e que, ao conhecer Arlete, resolveu ficar. Infelizmente, quando foi apresentado ao comandante, empalideceu, pois o oficial era um de seus companheiros de Cruzada. Apesar das transformações físicas pelas quais o cavaleiro passou no decorrer dos anos, o antigo amigo o reconheceu sem nenhuma dificuldade. Embora fossem companheiros de várias batalhas, o comandante ordenou sua imediata prisão e deportação. Paul ficou desesperado, pois sabia que, ao ser preso na Inglaterra, jamais conseguiria voltar, tentou expor a situação na qual ficariam suas filhas, porém o comandante daquela cruzada estava irredutível e não lhe deu ouvidos. Assim sendo, após três dias encarcerado em Jaffa, o cruzado é deportado para a sua terra natal. A partir do embarque, nunca mais se teve uma notícia sequer sobre o Cavaleiro Paul Thompson.

CAPÍTULO – VII

LUCÍOLA É VENDIDA

As crianças, a essa altura, já tinham conhecimento de tudo o que estava acontecendo, então, diante da trágica situação, só restava a elas confiar em Ingrid e aguardar o retorno do querido pai. Não faziam a menor ideia sobre o infortúnio pelo qual passariam.

O plano engendrado por Valid deu certo, com facilidade conseguiu usurpar todos os bens de Paul, só precisava agora se livrar das meninas. Valid era um homem perverso e extremamente ganancioso, aliás, muito mais que sua companheira de traição, então, desde o

início da trama, já visualizada um meio de ficar com tudo. Não era sua intenção dividir os bens com Ingrid, então deu continuidade ao seu plano maligno.

As terras de seu ex-patrão ficavam bem distante da cidade e, desde que chegou para trabalhar no local, percebeu que raramente a família recebia visitas, por consequente, poderia agir com uma certa tranquilidade.

Ingrid foi a primeira a sofrer com a maldade de Valid. Uma semana após a deportação de Paul, o malfeitor atraiu a namorada para fora de casa e impiedosamente tirou a vida da mulher. Agora tinha o caminho livre para se apoderar de tudo, de tudo mesmo! Inclusive das meninas. Há muito Valid já notava a exuberância de Margaret e agora que tinha o controle de toda a situação resolveu tê-la para si, e assim o fez. Após vender toda a propriedade com suas benfeitorias, Valid partiu de Hebron levando consigo a jovem Margaret. Quanto a Lucíola, com apenas 5 anos, foi vendida para Yousseff um inescrupuloso comerciante da cidade.

Youssef era casado, pai de três filhos e ganhava a vida com a venda de sexo, tinha pelo menos três casas de prostituição na cidade e foi justamente em uma dessas casas que passou a manter a menina. Assim, sob os cuidados de Sarah, mulher que cuidava de uma dessas casas, a menina viria a passar toda sua infância.

Sarah tinha ordens para cuidar muito bem da menina e que a mantivesse afastada dos homens. Era certo que Youssef queria a menina só para seu prazer, pelo menos por algum tempo. E aguardou pacientemente pelo momento que julgou o suficiente, assim que Lucíola completou 12 anos, passou a ser diariamente violentada pelo comerciante e assim continuou por mais alguns anos.

Lucíola foi retirada da família muito criança, não se lembrava como tudo ocorreu, mas sabia que não deveria estar ali, com essa

percepção, a menina procurou saber o que tinha acontecido para ela estar naquelas precárias condições, queria saber onde estavam seus pais e irmã. A jovem vivia sendo vigiada, não tinha a permissão para conversar com as demais pessoas da cidade, a única pessoa com a qual poderia obter as respostas que procurava era Sarah, a mulher que praticamente a criou.

Sarah, embora conhecesse toda a história, procurou se esquivar das perguntas, sabia que de isso lhe traria grandes problemas. Apesar da recusa, de alguma forma Lucíola sabia que Sarah era a pessoa certa para lhe dar as informações que precisava, assim crendo, insistiu com os questionamentos. A insistência surtiu efeito, Sarah vendo a ansiedade da menina e também não concordando com as atitudes do patrão, contou tudo o que Lucíola queria saber.

A jovem ficou horrorizada com a história, ficou ciente que já não tinha os pais, mas, a partir daquele momento, ficou decidida a encontrar a irmã e em prantos jurou que acabaria com a vida do homem que causou todo o infortúnio a sua família.

CAPÍTULO – VIII

LUCÍOLA CONHECE ALMIR

Contando agora com 18 anos, Lucíola se tornou uma mulher lindíssima, tinha a pele levemente bronzeada, cabelos cheios e ondulados no tom castanho claro, olhos igualmente castanhos e boca voluptuosa. Apesar da pouca idade, os seios fartos a tornavam ainda

mais exuberante. Era exatamente por esses atributos que Youssef a mantinha sob vigilância, considerava ser o dono da linda jovem e constantemente alertava Sarah para que não a perdesse de vista. Mas embora Sarah mantivesse uma severa vigilância sobre Lucíola, a jovem acabou por manter uma amizade com Almir, o rapaz que vez ou outra fazia a limpeza e manutenção da casa. Sarah, ao perceber que aquela amizade estava se intensificando, ficou muito preocupada, o patrão era um homem violento e se pegasse Lucíola com o rapaz, certamente ela e os jovens pagariam caro o descumprimento de suas ordens. Indiferentes aos reiterados apelos, o casal continuou se encontrando.

Há alguns anos, Youssef também mantinha relacionamento com uma jovem serviçal de sua casa de nome Joana. Esse relacionamento extraconjugal, como não poderia deixar de ser, era mantido sob sigilo, porém, para seu desespero, a jovem engravidou e de repente o comerciante se viu em uma situação extremamente complicada, pois, caso sua esposa viesse a descobrir, seria o fim de seu casamento. Para tentar manter aquela situação em segredo, comprou um casebre afastado da cidade e orientou a Joana a arrumar uma desculpa e solicitar sua dispensa do serviço. Sete meses após estar morando na casa comprada por Youssef, a criança nasceu. O comerciante se tornou pai de uma menininha.

Youssef, pelo menos duas vezes na semana, fazia uma visita à amante, mas, a partir do nascimento da menininha, as visitas foram diminuindo e, nas raras vezes em que visitava a jovem, passou a tratá-la com desprezo e agressividade. Não suportando as humilhações pelas quais passava, Joana se dirigiu com a criança até uma das casas de prostituição que sabia pertencer a Youssef, deixou a criança e fugiu para bem longe de Hebron. Ao ser informado sobre o ocorrido, Youssef ficou transtornado, precisava arrumar uma solução o mais rápido possível. Depois de avaliar as opções que tinha, que por sinal

eram pouquíssimas, ele viu em Lucíola a solução para aquele problema.

Sem nem mesmo participar com antecedência de sua decisão ou mesmo do que se tratava, Youssef chegou na casa gerenciada por Sarah e ordenou que Lucíola arrumasse seus poucos pertences e o acompanhasse. A jovem, que a princípio ficou um tanto quanto receosa, cumpriu a determinação e o seguiu. No trajeto até o casebre, o comerciante não disse uma palavra sequer, mas Lucíola tinha a estranha sensação que a partir daquele dia sua vida viria a ter uma mudança radical.

Somente chegando ao local foi que o comerciante falou para Lucíola qual seria sua incumbência dali para frente. O que poderia ser considerado, por alguns como um castigo, para a jovem foi uma dádiva, distante da casa de prostituição, ficaria livre da vigilância de Sarah e teria mais liberdade para se encontrar com Almir e principalmente se preparar para dar início a sua vingança contra aqueles que destruíram sua família.

O casebre era feito basicamente de madeiras, parecia estar há muito tempo sem receber uma limpeza adequada, dessa forma, por quase dois dias, Lucíola precisou se dedicar à limpeza do lugar. Embora a casa de prostituição não fosse o lugar mais limpo da cidade, mesmo assim estava em melhores condições de limpeza do que o ambiente em agora estava.

A jovem Lucíola não tinha qualquer experiência no cuidado de uma criança, então fazia o que achava ser o mais cômodo para a menina e, aos poucos, foi se adaptando aquela nova condição de babá.

Nos dias e noites de calor intenso Lucíola deixava o neném bem à vontade e, com o bercinho ao lado de sua cama, ela se maravilhou com os movimentos que a criança fazia com os pezinhos e mãozinhas.

CAPÍTULO – IX

A INTUIÇÃO

Mesmo Lucíola morando mais afastada da cidade, Almir constantemente ia ao encontro de sua amada e por vezes passava a noite com ela. Para a jovem, era uma felicidade ter o rapaz ao seu lado. Infelizmente, Youssef tinha informantes por toda a região e um deles alertou o patrão para o que estava ocorrendo. Ao ficar ciente desses encontros, Yousseff ficou furioso e jurou que daria um fim no rapaz, para isso, precisavam pegá-lo de surpresa, assim decidido o comerciante passou a ficar durante algumas noites de tocaia nas proximidades do casebre.

Desde a primeira noite em que o inescrupuloso comerciante passou ficar escondido vigiando a casa, Lucíola começou a ficar muito agitada e incomodada com algo que, a princípio, não conseguia distinguir do que se tratava, porém, aos poucos, começou a perceber que sua preocupação estava relacionada com Almir. Tinha a sensação que alguma coisa muito séria estava por acontecer com ela e com o rapaz. Por vezes tinha visões de sangue se misturando com o chão de terra do casebre em que morava. Seu coração passou a ficar bastante angustiado com aquela terrível sensação, ainda mais quando chegou a noite em que Almir costumava visitá-la. Queria arrumar um jeito de alertar seu amado, mas não tinha como se ausentar do casebre, então, só restava rezar para que tudo aquilo não passasse de uma preocupação banal, mesmo assim, a todo momento saía para observar o caminho pelo qual seu amado viria. Almir, sem imaginar que estava sendo observado, chegou e logo foi entrando ao encontro de seu amor.

Do lado de fora, Youssef não se aguentava de tanta fúria, sua vontade era matar o rapaz imediatamente, mas aguardou por mais um tempo. Depois de mais alguns minutos de tocaia, foi se esgueirando e chegou até uma das janelas para observar o que acontecia no interior do casebre. A cena que presenciou o deixou em cólera, Lucíola estava sendo beijada calorosamente pelo rapaz.

Transtornado com a cena, Youssef sacou de uma adaga, adentrou abruptamente e passou a desferir vários golpes no pobre rapaz, Lucíola por diversas vezes tentou impedir a agressão, mas, a cada tentativa, deixava o agressor ainda mais violento. Sem forças para impedir o assassinato de Almir, Lucíola desabou sobre o chão de terra banhada de sangue e chorou copiosamente. Infelizmente as visões que teve dias antes, se concretizaram.

CAPÍTULO – X

HENRY, O CAVALEIRO CRUZADO

Ainda furioso, Youssef, não se dando conta que acabara de matar Almir, pegou a criança no colo e saiu arrastando Lucíola pelos cabelos até a praça da cidade, ali chegando a amarrou em um poste de madeira, onde os criminosos condenados recebiam seus castigos.

O comerciante estava irritado por sua propriedade ter sido profanada por outro homem, em consequência disso, não queria apenas castigar Lucíola, queria a sua morte. Assim que ela chegou sendo arrastada pelos cabelos, deu início a um grande alvoroço na

cidade. Todos queriam saber o que estava ocorrendo. Youssef, muito esperto, levantou a criança que carregava nos braços e aos berros acusou Lucíola de ter raptado a criança para fazer bruxaria.

Por mais que a jovem gritasse tentando se dizer inocente, seus apelos se perdiam nos histéricos gritos do povo exigindo que a bruxa fosse castigada. A ânsia por violência das pessoas era tanta que nem mesmo questionaram quem era a criança. Não se importavam com esse detalhe, queriam assistir a um espetáculo de sangue.

Amanhecia quando Lucíola foi sumariamente condenada a morrer por apedrejamento. Youssef, a essa altura, já tinha se retirado e deixado a jovem à sua própria sorte. Muitos nem mesmo sabiam do que a jovem fora acusada, queriam apenas participar do apedrejamento. De cima do cadafalso onde fora amarrada, Lucíola continuava a gritar por clemência e a todo instante repetia que era inocente. Era um apelo inútil, o fato é que, para a população que se reuniu à sua volta, pouco importava se era inocente ou não, queriam somente extravasar toda a revolta, frustrações e maldades existentes em seus corações.

No meio da manhã, foi dada a ordem para iniciar a execução, três homens subiram no cadafalso a fim de conduzi-la até o buraco no qual seria apedrejada. Quando os carrascos iniciaram a descida, eis que, em meio à histeria que ainda tomava conta do populacho, surge uma tropa com aproximadamente vinte cruzados que, após uma patrulha pelos arredores de Hebron, seguiam com destino à cidade de Belém. À frente dos cavaleiros estava Henry, um jovem francês, filho de uma das famílias mais abastadas da França.

Ao saber do que se tratava, o cavaleiro ficou revoltado com tamanha crueldade e covardia. Em virtude daquela barbárie, determinou que descessem com a jovem, a colocassem em uma das carroças da tropa e a levassem para seu palácio. Enquanto os soldados

cumpriam a determinação de seu comandante, houve um início de discussão e mesmo uma tentativa de impedir o resgate da jovem, contudo, Henry fez valer sua autoridade de comandante cruzado e dispersou os maldosos a baixo de espadas e lanças.

Semiconsciente, Lucíola tentava ver o homem que a salvara daquele injusto castigo. Já a ponto de desfalecer, ainda conseguiu agradecer ao cavaleiro com a armadura prateada por salvar sua vida.

Lucíola estava tão suja e maltrapilha que Henry, embora tenha percebido que se tratava de uma jovem, não se deu conta do quanto era linda. Na verdade, naquele momento, sua intenção era unicamente praticar uma boa ação, salvar uma vida.

CAPÍTULO – X I

HENRY SE APAIXONA

Henry era um homem muito rico e poderoso, sua participação nas Cruzadas visavam muito mais os negócios do que a causa propriamente dita.

Sempre foi um homem solitário, mesmo em sua terra natal, não era muito sociável, preferia ficar em sua casa a participar das inúmeras festas que aconteciam na corte. Ali em Jerusalém, quando não estava nas batalhas, permanecia recluso em seu palacete em Bethlehem.

Assim que chegaram, Henry ordenou às suas empregadas que cuidassem da menina com todo o carinho, pois tinha passado por

grande sofrimento, sabia que a jovem tinha sido acusada de bruxaria, mas não acreditava naquelas besteiras, conhecia bem a maldade daquelas pessoas.

Lucíola estava tão abatida fisicamente que foi preciso que as empregadas tirassem suas roupas e lhe dessem o banho. Horas mais tarde, já refeita física e espiritualmente, a jovem foi levada ao encontro de Henry. O cavaleiro francês teve uma grande surpresa, embora estivesse vestida com simplicidade, sua beleza sobressaiu de tal forma que Henry, por alguns minutos, não acreditou que a jovem que estava na sua frente fosse a mesma que horas antes resgatou das mãos dos moradores de Hebron.

O coração de Henry acelerou de um jeito que nem mesmo nas mais ardentes batalhas tinha acelerado, estava tão encantado pela jovem que não teve sequer forças para se levantar da cadeira onde descansava.

Embora durante o tempo em que permaneceu na casa de prostituição fosse mantida como exclusividade de Youssef, Lucíola sabia quando um homem a desejava. A jovem sentia profundamente a morte de Almir, mas agora precisava seguir em frente, pois tinha uma vingança a ser cumprida.

Percebendo que o cavaleiro ficou sem ação ao vê-la, maliciosamente foi ao seu encontro e parou na sua frente. Refeito da surpresa pela qual foi pego, Henry pede que Lucíola sente ao seu lado e, a partir daí, começa uma série de perguntas a respeito do ocorrido. Já tinha conhecimento que a jovem atendia pelo nome de Lucíola, então queria saber o que ela fez para ser condenada ao apedrejamento. À medida que ouvia os relatos, Henry ficava cada vez mais indignado com tamanha crueldade. Depois de algumas horas conversando, o cavaleiro francês percebeu que Lucíola precisava

descansar, então chamou as empregadas e mais uma vez ordenou que cuidassem dela.

Na manhã seguinte, Lucíola foi convidada a participar do café da manhã em companhia de Henry. A princípio, a jovem ficou sem jeito, na verdade, um pouco receosa, mas acabou por se desinibir e compareceu ao café.

Depois de uma revigorante noite de sono, Lucíola estava ainda mais bela e exuberante, o coração do cavaleiro mais uma vez acelerou como nunca tinha acontecido antes. Durante o café, a pedido do cavaleiro, a jovem passou a contar toda a história de sua vida, pelo menos desde de onde conseguia lembrar. Para surpresa do cavaleiro, a primeira informação que passou foi que, na verdade, se chamava Lúcia, Lucíola era a forma carinhosa com a qual sua falecida mãe a tratava.

Contou como a família foi impiedosamente desfeita devido à maldade e ganância de Ingrid e Valid.

Demonstrando grande revolta, contou toda a história que envolvia seu pai com os cruzados, do sequestro de sua querida irmã Margaret e de como, ainda criança, foi vendida para Youssef.

CAPÍTULO – XII

UNIÃO DE HENRY E LUCÍOLA

Henry ficou comovido com a tragédia que se abateu sobre aquela família e também impressionado, pois todos os cruzados conheciam a

história do cavaleiro que desertou em virtude de um grande amor, jamais poderia imaginar que um dia viria a conhecer um dos frutos do amor daquele cavaleiro e sua amada. Infelizmente, assim como ouviu falar sobre a deserção de Paul, também ouvira que o pobre cavaleiro, após quatro anos nas masmorras, faleceu devido aos maus-tratos que recebeu enquanto estava preso. Os cruzados tinham espiões por toda a Palestina, então ,com a intenção de ajudar Lucíola, Henry ordenou que buscassem por informações sobre Valid e Margaret, acreditava que cedo ou tarde ele certamente teria alguma informação sobre o sequestrador.

Henry era constantemente convocado para as batalhas contra os invasores árabes, dessa forma, mal se estabeleceu em casa foi novamente chamado por seu comandante. Conforme foi comunicado desta vez ficaria ausente por dias. A princípio, isso não fez a menor diferença para Lucíola, porém, com o passar do tempo, e sem ter notícias de seu protetor, ela foi demonstrando uma certa preocupação com o bem-estar do cavaleiro francês. A jovem tinha conhecimento que as batalhas eram constantes e terríveis. Sabia também que os cruzados a todo custo tinham que evitar o avanço da tropa inimiga e que por vezes o número de baixas tanto de um lado quanto do outro era altíssimo, os que tinham mais sorte mesmo feridos conseguiam retornar para suas casas. E foi justamente nessa batalha que Henry retornou com gravíssimos ferimentos.

Lucíola, a essa altura, já sentia algo de especial pelo cavaleiro, ao vê-lo chegar em casa transportado e prostrado sobre uma rede, ficou muito preocupada com a vida do rapaz. Por quase duas semanas, Lucíola cuidou pessoalmente de Henry. Nesse período em que ficaram mais intimamente juntos, acabaram por confirmar os sentimentos que tinham um pelo outro. O cavaleiro, que até então procurava manter

seu coração blindado contra o amor, se via agora perdidamente apaixonado pela jovem que ele tirou das garras da morte.

Com a maior parte de seus ferimentos cicatrizados e com melhor disposição física, mesmo não tendo a certeza se obteria êxito, Henry passou a cortejar Lucíola e, para sua alegria, a jovem aceitou os galanteios e ainda confessou seu amor por ele.

No aconchegante quarto de Henry, Lucíola se colocou à sua frente e se deixou despir. A cada peça de roupa que ele retirava de sua amada, seu coração batia tão forte que por vezes parecia que ia estourar em seu peito. Com a retirada da última peça, o rapaz ficou fascinado pela estonteante beleza que surgiu à sua frente. Lucíola não tinha somente um rosto lindo, mas também um corpo que faria inveja à mais linda deusa grega. Os seios ainda mais clarinhos que a pele do rosto, intensificavam ainda mais o carmim de seus mamilos. Mesmo ainda sentindo as dores causadas pela feroz batalha, Henry pegou Lucíola em seus braços e a amou por toda noite e madrugada. Lucíola já se encontrava sob a proteção e cuidados de Henry há quase um ano, na verdade, ele já a considerava como sua mulher, sentimento esse muito bem aceito pela jovem, afinal, ela também o amava.

Com o passar do tempo, a jovem foi tendo mais autonomia dentro do palacete e, em alguns casos, tomando decisões com relação aos empregados. Pela sua origem e caráter, tratava a todos com carinho e cortesia, agindo dessa forma, a jovem acabou por conquistar o respeito e a simpatia da criadagem, inclusive dos amigos de Henry.

CAPÍTULO – XIII

A INTUIÇÃO DE LUCÍOLA

Talvez em virtude do meio em que foi criada e principalmente por viver constantemente sob a vigilância de Sarah, Lucíola sempre foi de poucas palavras, porém, agora livre das amarras psicológicas com as quais se via presa, a jovem passou demonstrar uma incrível eloquência. As conversas que mantinha com Henry eram calorosas e suas ideias eram expostas com entusiasmo. O cavaleiro ficou encantado como ela se expressava, por vezes a contrariava somente para sentir o fervor com o qual a jovem defendia seus pontos de vista.

Mal se restabeleceu dos ferimentos, Henry novamente foi convocado pelo Papa. Jerusalém precisava ser retomada a qualquer custo, além dos motivos religiosos, era uma questão de honra para a Igreja Católica. Na manhã em que o cavaleiro partiria para mais um cerco à Cidade Santa, Lucíola acordou transtornada, passara a noite vendo cenas das batalhas que estavam por serem travadas e nela via seu amado novamente ferido, sendo que desta vez com mais gravidade. Em alguns momentos em que visualizava aquelas cenas terríveis, também via sua querida irmã Margaret acenando para ela. A essa altura de sua vida, a jovem sabia que tinha a capacidade de intuir sobre determinados acontecimentos e o que viu ou presenciou naquela noite não a agradou em nada. Havia uma grande probabilidade de as cenas que visualizou acontecerem de fato. Temendo pela vida de Henry, tentou por horas convencer o amado a não partir para a batalha. Infelizmente, o cavaleiro estava preso ao “código de honra dos cruzados” e não poderia de forma alguma se recusar a participar da batalha.

A missão recebida por Henry o afastaria por meses, ciente disso, para não ficar tanto tempo distante de seu amor, Lucíola decidiu que o acompanharia até onde fosse possível. Obviamente Henry foi contra aquela ideia, mas suas objeções de nada adiantaram, ela estava determinada a segui-lo pelo menos até a cidade mais próxima de onde

os confrontos estavam ou viriam ocorrer. Embora convivesse há pouco tempo com Lucíola, o cavaleiro francês sabia que certamente ela daria um jeito de segui-lo, e conseqüentemente sozinha nas estradas, correria grande perigo. Temendo essa possibilidade, se viu obrigado a levar a jovem. Ao chegar nas proximidades de Jerusalém, Henry acomodou a amada em uma casa situada em um dos povoados já conquistados pelos cruzados. Era o mais próximo que ela poderia acompanhar os cavaleiros.

Lucíola não conseguia parar de pensar em suas visões, temia que algo de muito ruim acontecesse a Henry, mas também procurava entender qual a relação existente entre a batalha e sua irmã Margaret. Embora os espiões do cavaleiro cruzado tenham se empenhado nas buscas de informações sobre o paradeiro de Valid e Margaret, até aquele momento não tinham obtido êxito. Lucíola compreendia que, devido às atribulações pelas quais os cavaleiros passavam, não dispunha de muito tempo para se dedicarem exclusivamente à procura de sua irmã, sendo assim, resolveu ela mesma sair em busca de informações que a levassem à irmã. Compreendia que seria uma tarefa muito difícil, mas desde que Margaret surgiu em uma de suas visões, manteve a firme convicção de que a encontraria.

O povoado em que se encontrava era rota de passagem para Jerusalém e demais cidades, em virtude dessa intensa movimentação, dia após dia Lucíola percorria o local à procura de algum viajante que pudesse ter a informação que precisava.

Por mais que procurasse se tranquilizar, Lucíola passou a ter as visões com mais constância e clareza, via nitidamente todo o desenrolar das sangrentas

batalhas, conseguia inclusive ver todo o movimento que o inimigo fazia para atacar as tropas comandadas por seu amado. Horrorizada,

Lucíola foi ao encontro de Henry para de alguma forma tentar ajudá-lo.

CAPÍTULO – XIV

PREVENDO A BATALHA

Lucíola não sabia ao certo qual região de Jerusalém Henry se encontrava, àquela altura das batalhas para a reconquista da Terra Santa, havia várias frentes de confronto, então se dirigiu para a fortificação mais próxima a Jerusalém para lá tentar obter informações sobre seu amado. Era tarde da noite quando chegou na fortificação, estava só, não conhecia ninguém no local e não fazia a menor ideia de como deveria agir, mas estava disposta a descobrir o paradeiro de Henry. Por sorte, assim que ultrapassou os pesados portões, alguns cavaleiros que se encontravam no serviço de sentinelas a reconheceram como a protegida de Henry, então de imediato a receberam e arrumaram acomodações para ela.

Infelizmente os amigos de Henry foram destacados para outra missão e também não sabiam onde Lucíola poderia encontrá-lo, assim sendo, somente o comandante poderia dar a informação que ela desejava, mas àquela hora da noite, ele não a receberia, então só restou à jovem se acomodar e aguardar o amanhecer.

Robert, o comandante, já tinha conhecimento da presença da mulher em sua fortificação e também sabia que procurava por Henry, em consequência disso, não quis recebê-la, apenas ordenou a um de

seus soldados que a informasse que, para segurança do próprio cavaleiro, não poderia ajudá-la.

Lucíola ficou revoltada com o descaso daquele comandante cruzado, sem que o soldado tivesse mesmo acabado de cumprir a ordem recebida, a jovem entrou abruptamente na sala e passou a questioná-lo, mas de nada adiantou, o comandante ordenou que saísse e lhe virou as costas. Indignada com aquela atitude, Lucíola foi ao seu encontro e o puxou pelo braço, o homem ficou desconcertado com aquela ousadia, porém manteve a calma e reiterou a informação que ela já possuía. Ocorreu que, enquanto se retirava, a jovem avistou um mapa com a localização dos cruzados nos campos de batalha e, em ato contínuo, se aproximou e passou a olhar com curiosidade o mapa ali exposto. O comandante, ainda se refazendo do incômodo, passou a observar o interesse de Lucíola.

Compenetrada no quadro à sua frente, passou a ter novamente as visões de como se desenrolariam as batalhas, conseguia ver cada movimento das tropas inimigas no terreno e, ainda em êxtase e em voz alta, passou a relatar o que via. Robert, um tanto quanto irritado e incrédulo com o estava sendo relatado, aos gritos, determinou que ela se retirasse imediatamente. Desperta do transe pelos gritos, Lucíola ainda tentou alertar o comandante dos cruzados como ocorreriam os ataques das tropas inimigas. A tentativa deixou o homem ainda mais irritado, julgava aquela atitude uma impertinência, contrariado, chamou um dos soldados e ordenou que a levassem para seus aposentos. As tentativas de Lucíola em saber o paradeiro de seu amado foram infrutíferas e quanto aos amigos de Henry, mesmo que soubessem, certamente não diriam, pois se o fizessem seriam punidos. Só restou à jovem retornar para suas acomodações e aguardar o dia seguinte para retornar ao seu lar temporário.

Ao entardecer daquele mesmo dia, um mensageiro chegou à fortificação com notícias dos campos de batalha. O comandante da fortificação recebeu estarrecido as informações, uma de suas tropas havia sofrido um severo ataque surpresa causando um grande número de feridos e mortos. Ao procurar saber dos pormenores da terrível batalha, o comandante se deu conta que tudo ocorreu exatamente como Lucíola relatou pela manhã.

CAPÍTULO – XV

A PRIMEIRA BATALHA

O comandante ordenou que levassem Lucíola até ele imediatamente.

A jovem mal entrou na sala e foi questionada como soube que a tropa sofreria o ataque surpresa que ela relatou pela manhã.

Mesmo diante da desconfiança do comandante, Lucíola explicou que vez ou outra tinha essas visões e que elas sempre se concretizaram. O comandante a ouvia com a mesma credibilidade que o fez pela manhã, mas pediu que a jovem continuasse com suas explicações.

Lucíola disse que foi até a fortificação porque precisava alertar Henry sobre uma das visões que teve, pois nela viu o amado e toda sua tropa perecer no campo de batalha. De repente, o comandante empalideceu, Henry fazia parte do contingente de cruzados que há dois dias partiu para atacar Jerusalém, ainda não acreditava nas visões da jovem, mas não poderia correr o risco de perder seus homens e o que seria pior, perder a batalha para a reconquista da Terra Santa.

Temendo essa possibilidade, decidiu que sairia com um grupo de cavaleiros a fim de reforçar a tropa de Henry, então pediu que ela olhasse novamente o mapa e relatasse o que viu.

Lucíola, percebeu a preocupação do comandante, viu ali uma oportunidade de ir ao encontro de seu amado e, ao mesmo tempo, tentar encontrar Margaret. Apesar das reiteradas negativas do comandante cruzado, a jovem insistia que só falaria quando estivesse com Henry. Vendo que não conseguiria convencê-la, muito a contragosto, o comandante resolveu acatar seu pedido e a informou que, no dia seguinte, partiriam para Jerusalém. A viagem não seria muito longa, mas, para que não chamasse a atenção, determinou que a equipassem como um cruzado, inclusive com armadura e espada.

Logo ao nascer do sol, a tropa se encontrava em condições para iniciar o deslocamento rumo a Jerusalém e entre os cruzados, armada e equipada como um deles, estava Lucíola. O deslocamento seria muito perigoso, pois até chegarem a Jerusalém, palco da grande batalha, certamente a tropa inimiga faria vários ataques de surpresa aos cruzados. Depois de terem percorrido uma grande distância por uma estrada bem acidentada e um calor intenso, tanto a tropa quanto os cavalos precisavam descansar, então, assim que o sol se pôs, foi ordenado que montassem acampamento.

Mesmo à noite, o calor não dava uma trégua, dentro das tendas então, o calor era quase insuportável, a fim de se refrescar, Lucíola se levantou e saiu para caminhar. Enquanto caminhava, ao olhar para cima, ficou maravilhada com o espetáculo que o céu lhe ofertava, para melhor aproveitar aquele momento, subiu a colina próxima ao acampamento e ficou admirando as estrelas circundando a lua em quarto crescente. Apesar do calor, posicionada na colina, Lucíola podia sentir a suave e refrescante brisa acariciando o seu rosto. Depois de alguns minutos se refrescando, ao iniciar seu retorno para o

acampamento, a tranquilidade que sentia se transformou em pavor, pois a paisagem que há pouco admirava de repente se transformou em um sangrento campo de batalha. Ainda não muito acostumada com aquelas visões, teve o ímpeto de correr, mas conseguiu se controlar e continuou a observar o desenrolar daquela premonição.

Ao retornar ao seu “estado normal”, desceu apressadamente a colina e foi ao encontro do comandante. O cruzado, ao ver Lucíola correndo em sua direção, ficou preocupado, pois percebeu que a jovem estava bastante transtornada. Ao se aproximar, Lucíola alertou ao comandante que um grande número de homens viriam para atacar o acampamento e, continuando com o relato do que estava por acontecer, informou ainda que os rebeldes chegariam nas primeiras horas da manhã.

O comandante sabia que se tratavam de visões e que, em outras ocasiões, a trataria como louca, mas tendo passado pela experiência da noite anterior, resolveu ordenar que a tropa se preparasse para o possível ataque inimigo. E como determinado pelo comandante, Lucíola também colocou a armadura e guarneceu seu escudo e espada.

CAPÍTULO – XVI TALISMÃ

A segurança de todo o acampamento foi reforçada e os soldados colocados em posição para o combate. O comandante, mesmo ainda reticente quanto à informação que Lucíola passou, mantinha o

espírito preparado para a batalha e, como precaução, manteve a jovem guerreira ao seu lado. O velho comandante cruzado, muito experiente em batalhas, pediu que Lucíola fosse com ele à colina onde teve as visões e lá chegando, pediu que ela repetisse exatamente o que viu. Lucíola passou a mostrar no terreno detalhe por detalhe de sua visão, quantos homens aproximadamente faziam parte da tropa inimiga, os caminhos pelos quais viriam e como iriam se dividir no terreno para atacar. Enquanto a ouvia, analisava cada detalhe exposto pela jovem, o comandante cruzado planejava como conter o provável ataque dos muçulmanos.

Ao retornar para o acampamento, o cruzado reuniu seus oficiais e os ordenou que posicionassem suas respectivas tropas conforme iria determinar. Alguns oficiais não estavam satisfeitos em seguir uma ordem baseada nas premonições de uma mulher, mas não poderiam se negar a cumpri-las. Durante os preparativos e espera para a batalha, o comandante insistiu que Lucíola voltasse para sua tenda e procurasse dormir um pouco.

Antes mesmo de saírem os primeiros raios de sol, Lucíola, em um sobressalto, se levanta e alerta a comandante que o inimigo está próximo. Imediatamente a informação é enviada para seus oficiais que rapidamente se posicionaram para aguardar o ataque inimigo.

A tropa muçulmana chegou para o ataque exatamente como a jovem relatou, o comandante, já considerando Lucíola como seu “talismã”, mesmo quando seguiu para a batalha pediu que ela o seguisse até a colina onde ela teve a visão. A jovem não se intimidou, colocou sua armadura, guarneceu seu escudo e espada e o seguiu. Em poucos minutos, os inimigos foram surpreendidos e cercados pelos cruzados, sofrendo um considerável número de baixas. Desnorteados por terem sido eles os surpreendidos passaram a fugir desesperadamente.

Depois da batalha, o comandante deixou a tropa se alimentar e descansar por algumas horas e, por volta do meio-dia, ordenou a desmontagem do acampamento a fim de prosseguirem com a caminhada.

A cada vilarejo pelo qual passavam, Lucíola procura se informar do paradeiro de Margaret. Já tinham atravessado uma boa parte do trajeto em direção a Jerusalém e não obteve uma informação sequer, contudo, mantinha a esperança de que iria encontrar a irmã.

O sultão que havia determinado o ataque surpresa aos cruzados ficou revoltado com aquela derrota, tudo foi rigorosamente planejado e com todo o sigilo, não tinham como descobrir sobre o ataque. A princípio, pensou que havia um espião dos cruzados infiltrado e inclusive determinou que essa possibilidade fosse investigada, mas, após as averiguações, constatou que suas suspeitas não procediam. Fato esse que o deixou ainda mais intrigado. Ele precisava interromper a qualquer custo a caminhada dos cruzados em direção a Jerusalém, em virtude dessa necessidade, ordenou que novos ataques fossem realizados contra a tropa de cristãos.

A aproximadamente dois dias da Terra Santa, enquanto cavalgava ao lado do comandante dos cruzados, Lucíola de repente para com seu cavalo e permanece inerte por alguns minutos. O comandante já havia presenciado aquele comportamento, então de imediato deu a ordem a seus oficiais que ficassem alertas.

CAPÍTULO – XVII

A GUERREIRA VIDENTE

O comandante aguarda por alguns segundos até que Lucíola saia do transe e, praticamente já sabendo a resposta, pergunta o que ela tinha visto, a resposta foi pior que ele imaginava. Um grande número de muçulmanos, naquele exato momento, estava em deslocamento para atacá-los novamente e que, desta vez, vinham com reforços.

Sem perda de tempo, o comandante convocou novamente seus oficiais e os participou do que estava por vir, até mesmo oficiais que anteriormente não ficaram satisfeitos com a intervenção de Lucíola, agora também solicitaram que ela passasse sua premonição de como ocorreriam os ataques.

Diante da iminência do ataque, foi determinado que todos se preparassem para o combate, enquanto isso, mais uma vez o comandante cruzado pediu que a jovem guerreira mostrasse no terreno como se desenrolaria a batalha. Assim solicitado, cavalcando a seu lado, a jovem foi mostrando ponto a ponto o que visualizou. O ataque seria feroz e com a participação do próprio sultão. Já quase ao anoitecer, os muçulmanos atacaram exatamente como Lucíola relatou.

Durante a batalha, o comandante procurava manter a jovem por perto, primeiro para lhe dar segurança e também, caso ela tivesse outra visão, ele pudesse intervir rapidamente.

A batalha foi se tornando cada vez mais brutal e selvagem, ao perceber que Lucíola estava correndo perigo ao seu lado, pediu que ela se retirasse do campo de batalha e se afastasse para o mais longe possível. Ocorreu porém que, ao iniciar deslocamento para um local que julgava seguro, percebeu que o comandante foi atacado por dois soldados inimigos, o velho cruzado era experiente em batalhas, mas sua idade um pouco avançada dificultava seus movimentos. Sem ter a quem pedir ajuda, a jovem retorna à galope e joga seu cavalo contra um dos homens e, em sequência, golpeia o outro com sua espada, embora o golpe não o tenha matado, foi o suficiente para deixá-lo

desacordado. Agora, lutando contra apenas um oponente, o velho cruzado conseguiu abater o inimigo. Desta vez, houve baixas de ambos os lados, porém os cristãos mais uma vez saíram vencedores.

A essa altura dos acontecimentos, Lucíola era considerada como uma heroína, mesmo antes de a tropa de cruzados chegar a Jerusalém, sua fama já era conhecida naquela cidade. Era conhecida pelos cruzados e pelos muçulmanos. Quando finalmente Robert chegou a a Cidade Santa encontro em um verdadeiro caos. Ao sair a procura Henry, o encontrou passando para os oficiais de sua tropa detalhes do planos de ataque às muralhas da cidade. O cruzado, ao ver Lucíola vestindo armadura e portando espada, ficou perplexo, sabia que ela era intrépida, mas não ao ponto de segui-lo até o campo de batalha , muito menos paramentada como um dos cruzados.

Depois de refeito da surpresa foi que ele associou Lucíola à misteriosa guerreira vidente que todos comentavam. Assim que se aproximou da jovem, mesmo diante de seu comandante, o cavaleiro francês não se intimidou, abraçou e beijou apaixonadamente sua amada.

Apesar de explicar o motivo que a levou ir ao seu encontro, Henry ficou extremamente preocupado, pois temia que algo de ruim viesse acontecer a sua amada. O cavaleiro não tinha como deixar de partir para o combate e assim sendo não poderia protegê-la, então após conversarem por algumas horas, Henry solicitou ao seu comandante que dois cruzados a levassem de volta à fortificação, no que foi prontamente atendido.

Depois de quase um mês aguardando o regresso de seu amado, a jovem recebeu uma mensagem de Henry a informando que graças as suas visões sobre o que ocorreria na batalha reforçara as tropas e assim conseguiram retomar Jerusalém, e com pouquíssimas baixas. Mas que apesar disso ,em uma das batalhas que travou foi ferido sem

muita gravidade e que, sem condições de continuar na batalha o levaram para a cidade portuária de Jaffa a fim de receber melhor atendimento médico e que, lá , a aguardava. Nessa mesma mensagem, Lucíola também foi informada que Margaret, conforme apurado pelos espões cruzados, vivia com o marido e a filha em um povoado situado entre Belém e o Mar Morto. Imediatamente após tomar conhecimento das informações que precisava, iniciou os preparativos para ir ao encontro de sua irmã.

CAPÍTULO – XVIII

MARGARET ENFIM É ENCONTRADA

Assim que se abasteceu com as provisões necessárias para sua viagem, a jovem guerreira saiu à procura da irmã, não sabia exatamente em que povoado Margaret estava, mas pelo menos conhecia o rumo a seguir. Após dias de busca, aquela altura já tinha percorrido quatro povoados, mas em nenhum deles conseguiu a informação desejada. A cada dia ficava mais apreensiva, pois, conforme ficou sabendo, até as margens do Mar Morto, restavam apenas mais dois povoados. Embora estivesse extremamente cansada, Lucíola permanecia decidida a encontrar Margaret, e assim mesmo exausta, mais uma vez saiu à procura da irmã. Logo que chegou no penúltimo povoado, como de costume, foi em busca de um lugar para descansar, o único quarto disponível naquele povoado mal cabia a empoeirada cama, mas como

atendia suas necessidades resolveu ficar, mesmo porque não era sua intenção permanecer ali por muito tempo.

Logo que se acomodou, a guerreira saiu e iniciou sua busca , a quem encontrava pelo caminho indagava por Valid e Margaret, porém ninguém sabia a sobre seus paradeiros ou fingiam não saber.

Apesar das respostas negativas, ao contrário do que ocorreu nos outros povoados pelos quais passou, neste, Lucíola sentia a forte presença da sua querida irmã. Embora na época da separação tivesse apenas 5 anos, a sensação era tão intensa que podia até mesmo ouvir sua voz. Como sendo atraída por um potente ímã, Lucíola se deixou guiar por sua intuição e ficou caminhando sem um rumo estabelecido até que, quando se deu conta, estava em frente a uma casa. Por sinal, uma das melhores casas do povoado. Por alguns minutos, Lucíola ficou parada frente à casa sem saber exatamente como proceder, mas de repente essa inércia foi desfeita quando um homem saiu da moradia, foi em sua direção e perguntou o que ela desejava. Ao ver que não se tratava de Valid, ficou decepcionada, mas mesmo assim instintivamente pronunciou o nome da irmã.

O homem sorriu e respondeu que Margaret era a sua esposa e, em ato contínuo ,entrou para chamá-la. Com essa resposta, Lucíola despertou de vez e ao mesmo tempo foi tomada por um certo desânimo, certamente não se tratava de sua irmã. Já começava a ser retirar quando ouviu o homem chamá-la, ao se virar seu coração quase explode de felicidade, lá estava sua querida irmã Margaret e ao seu lado uma linda menina. Embora as irmãs tenham passado pelas naturais transformações que os anos produziram em seus corpos, no mesmo instante em que se viram, se reconheceram

Foi uma explosão de sentimentos, por vários minutos permaneceram abraçadas. O homem juntamente com a menina se entreolharam procurando entender o que estava ocorrendo. Assim que

se refizeram da forte emoção pela qual foram envolvidas, Margaret pega a irmã pelas mãos e, em companhia do marido, entram na casa, mas antes de entrar, se volta para trás e chama filha Raiane que brincava ali próximo.

Lucíola permaneceu na casa da irmã por aproximadamente uma semana,

tempo o suficiente para matar as saudades e tomar conhecimento de tudo o que aconteceu depois que Valid a raptou.

Conforme Margaret relatou, assim que Valid vendeu as posses de Paul e a raptou, fugiu para aquele povoado e, com poucos meses morando naquela região, devido ao seu vício em jogos de azar, se envolveu em várias confusões sendo que em uma dessas discussões veio a ser assassinado. Quanto a ela, sem ter com quem ficar, foi acolhida pelos pais do homem que mais tarde viria a ser seu marido. Apesar de todo o sofrimento pelos quais passaram as irmãs estavam felizes.

Aliviada por saber que a irmã estava casada e protegida, Lucíola partiu para mais uma das missões que se propôs a cumprir, ou seja, se vingar de Youssef.

CAPÍTULO – XIX

AO ENCONTRO DE HENRY

Sua atenção agora foi direcionada para o responsável pela morte de Almir. Disposta a se vingar de Youssef, a Guerreira Lucíola voltou à

cidade de Hebron onde anos atrás queriam apedrejá-la.

Ao chegar, resolveu dar uma volta na cidade, queria ver as mudanças pelas quais a cidade passou durante sua ausência. Embora sua vida naquela cidade não tenha sido das melhores e os últimos dias, piores, ainda lembrava com carinho seu breve namoro com Almir e de Sarah, a mulher que de certa forma foi sua mãe adotiva.

Antes de tomar qualquer atitude, a fim de não ser pega de surpresa, Lucíola precisava colher algumas informações sobre o paradeiro de Youssef. Ainda equipada com a armadura e a espada que ganhou do comandante cruzado, a guerreira se apresentava à vista de todos com tanta altivez que ninguém a associava com a jovem que anos atrás queriam apedrejar. Somente sua querida Sarah a reconheceu.

Por intermédio de Sarah, Lucíola soube que, durante o período que ficou afastada, a população da cidade descobriu sobre as atividades ilícitas de Youssef e também que ele foi o responsável pela morte de Almir, em consequência dessa morte, foi condenado e preso, mas que, ao pagar vultoso suborno às autoridades daquela cidade, conseguiu se livrar da pena imposta a ele. Youssef ficou livre, mas foi abandonado pela família e escorraçado de seu lar para sempre.

Depois de perder quase todos os bens que possuía e sem condições de permanecer na cidade, foi morar com a filha bastarda no casebre que anos atrás comprou para acomodar sua jovem amante.

Apesar dessas notícias, Lucíola não se deixou compadecer com a situação de Youssef e partiu ao encalço do malfeitor, estava realmente disposta a eliminar o homem que tanto mal fez a ela. Ao chegar no casebre que tão bem conhecia, se deparou com Youssef cortando lenha.

Este, ao perceber a chegada da guerreira, se aproximou para saber do que se tratava. Enquanto o homem vinha em sua direção, Lucíola

deixou sua espada em condições de ser desembainhada rapidamente, finalmente se vingaria. Assim como ocorreu com quase todos com quem manteve contato na cidade, Youssef também não a reconheceu e, sem fazer a mínima ideia de que sua vida estava por um triz, começou a destratar a jovem. Quando Lucíola se preparava para cumprir sua vingança, percebeu que uma criança saiu do casebre e veio correndo em sua direção. A menininha tinha aproximadamente 6 anos, imediatamente Lucíola a identificou como a menina que, há alguns anos o malfeitor deixou aos seus cuidados. A criança, encantada com a guerreira trajando armadura prateada, lhe ofereceu um pedacinho do pão com o qual se alimentava, a afim de aceitar a gentileza da menininha, Lucíola desmontou e foi ao seu encontro. Nesse momento recebeu um forte abraço da criança e foi surpreendida com um demorado beijo no rosto. Emocionada, Lucíola agradeceu o pedacinho de pão, mas antes que conseguisse conversar um pouco mais com a menininha, Youssef pegou a filha pelo braço e saiu em direção ao casebre. Enquanto era arrastada, a menininha olhou para trás, sorriu para a guerreira e com um movimento da mãozinha lhe enviou um beijo pelo ar. Por alguns minutos, Lucíola ficou parada observando o homem que ela tanto odiava se afastar. Apesar de todos os infortúnios pelos quais ele a fez passar, com o beijo que recebeu da menininha, também recebeu paz em seu coração, assim sendo, desistiu da vingança e seguiu seu caminho rumo a Jaffa onde finalmente reencontraria Henry, seu grande amor.

FIM



A JUDIA

CAPÍTULO – I

O INÍCIO

Desde a Idade Média, vários judeus deixaram suas terras ancestrais e se distribuíram pela Europa e, naquele continente, constituíram famílias, geraram descendentes e deram continuidade às suas vidas, seus negócios e sua religião. Os judeus que passaram a residir ali, em virtude de suas aptidões para o comércio e contabilidade, passaram a trabalhar para os soberanos na cobrança das rendas e na organização das finanças públicas.

Por exercerem essas atividades mais sofisticadas, obviamente tinham as melhores remunerações e conseqüentemente melhor qualidade de vida. Essa prosperidade acabou por fazer com que a população judaica fosse olhada com desconfiança e inveja pelos espanhóis católicos, conseqüentemente, vez ou outra ocorriam pequenos atritos entre eles. Mas, apesar dessas esporádicas desavenças, de um modo geral a convivência entre os povos se dava com uma razoável tranquilidade, mantendo-se inclusive uma certa tolerância quanto à religião judaica.

Nesta história baseada em relatos sobre acontecimentos que chegaram a mim por intermédio de minha conexão com aqueles que os viveram, vou contar a saga dos descendentes de uma dessas famílias que na diáspora, reiniciaram suas vidas na Península Ibérica, mais precisamente na região que hoje conhecemos como Espanha.

Giovanni nasceu no ano de 1463, na cidade italiana de Florença. Filho de Eloá e Ezequias Roth, era o mais novo dos cinco filhos do casal. Embora sua família professasse a fé judaica, ao contrário deles, o jovem nunca se interessou pela religião e tradições ancestrais, fato que deixava seus pais, judeus ortodoxos, muito tristes. Na verdade, desde sua infância, Giovanni demonstrava ter um espírito aventureiro e arredo.

Logo após o falecimento dos pais, aos 20 anos de idade, a contragosto dos irmãos, resolveu sair da Itália e se aventurar em terras espanholas. Por um bom tempo, levou uma vida desregrada e de aventuras, mas depois de perambular por quase toda Espanha, já com os seus 25 anos de idade, resolveu fixar residência em Toledo. Ao chegar naquela cidade, sem ter onde ficar, apesar de não ser muito religioso, resolveu procurar abrigo em uma sinagoga. Embora não tivesse bens materiais, uma coisa que o jovem italiano tinha era “sorte”, assim, no mesmo dia em que chegou na sinagoga, conheceu Abel, dono de uma oficina de metalurgia.

Inteligente e de boa conversa, rapidamente conseguiu ser aceito como aprendiz de metalurgia, seu empenho em aprender a profissão logo fez com que angariasse a total confiança do patrão, conseguindo até mesmo a permissão para ficar morando na oficina.

Dois anos após sua admissão como aprendiz, Giovanni foi elevado ao nível de oficial de metalurgia e, a pedido de Abel, passou a gerenciar a oficina na qual iniciaria sua vida profissional. A partir daí, já com a total confiança do patrão, Giovanni começou a frequentar a casa de Abel, onde conheceu sua esposa Rebeca e a filha Marta.

Nessa ocasião, Marta tinha apenas 20 anos de idade e gostava de usar os cabelos um pouco mais curtos do que o costume da época, seus grandes olhos castanhos contrastavam lindamente com sua pele rosada. Não só a beleza, mas também a simpatia da menina de

imediatamente despertou o interesse do intrépido italiano, assim sendo, no decorrer dos dias, passou a cortejar a linda judia. Os pais de Marta inicialmente ficaram relutantes quanto a esse relacionamento, mas, ao confirmarem que Giovanni era um homem de confiança e trabalhador, decidiram permitir o namoro.

CAPÍTULO – II

CASAMENTO DE GIOVANNI E MARTA

No ano de 1491, um ano depois que se conheceram, Giovanni e Marta decidiram se casar. Sendo filha única, seu pai não mediu esforços e fez a mais linda festa de casamento da cidade de Toledo, além disso, presenteou o casal com uma pequena casa ao lado da sua e que estava desocupada há bom tempo. Além desse generoso presente, Abel também passou a oficina de metalurgia em definitivo para o genro e foi se dedicar quase que exclusivamente à religião. Enquanto Giovanni gerenciava a oficina, Marta cuidava das tarefas domésticas e eventualmente ajudava a mãe.

Ocorreu porém que, por volta do ano de 1492, os Reis Espanhóis, católicos fervorosos, passaram a obrigar os judeus residentes naquele reino a se converterem à fé católica. Como era de se esperar, muitos se recusaram à conversão obrigatória, afinal o judaísmo era a religião ancestral. Giovanni logo percebeu o perigo que sua família passou a correr, apesar de insistentemente pedir aos sogros que aceitassem a

conversão, não conseguiu convencê-los. Embora Giovanni não fosse muito religioso, precisava respeitar a vontade da esposa e dos sogros, daí em diante não tocou mais no assunto.

Os judeus que até determinado ponto permaneceram passivos diante da tirania, com a pressão que sofriam diariamente, se rebelaram e iniciaram uma onda de revoltas pela região. Com suas ordens sendo desobedecidas, os soberanos determinaram que os judeus fossem perseguidos e que tudo fosse feito para que se convertessem ao cristianismo e, mesmo morando em Toledo, cidade relativamente afastada da Cidade Real, a família de Abel também se viu pressionada pelas autoridades locais a se converterem. Durante um certo tempo, até conseguiram ludibriar as autoridades e escapar da conversão obrigatória, mas a perseguição passou a ficar cada vez mais brutal e aterradora, então, logo perceberam que mais cedo ou mais tarde seriam pegos.

Como Giovanni temia, os pais de Marta foram os primeiros a sofrerem as consequências da desobediência. Foram acusados de heresia e presos.

Marta, a princípio, estava determinada a ficar e tentar libertar seus pais. Mas depois de várias idas e vindas, percebeu que seria uma tarefa impossível.

Infelizmente, depois de alguns meses presos, devido à idade avançada, acabaram por perecer na prisão. Após a morte dos sogros, só restava a Giovanni pegar a esposa e fugir daquela implacável perseguição, assim decidido, logo que juntaram os suprimentos e pertences que precisariam durante a jornada, passaram a empreender uma difícil fuga rumo ao interior do Reino de Castela. Era intenção do casal chegar a um dos vilarejos mais afastados daquela região e lá permanecer o mais oculto possível, após três dias de viagem, chegaram à região conhecida como Valverde. Embora a cidade não fosse muito

distante, Giovanni acreditava que poderia ter naquela cidade uma vida mais tranquila, além disso, Marta já estava grávida e não seria prudente se aventurar a seguir para regiões mais distantes e até mesmo perigosas.

CAPÍTULO – III

INICIANDO UMA NOVA VIDA

O vilarejo contava com aproximadamente mil habitantes, sendo sua maioria composta por agricultores, então ,após uma breve avaliação, Giovanni percebeu que o pequeno comércio que atendia a população carecia de serviços de metalurgia. Sem perder tempo, foi à procura de uma acomodação onde pudesse morar e ao mesmo tempo montar sua oficina de metalurgia.

Mais uma vez a sorte sorriu para o italiano, em poucos dias, já tinha moradia e trabalhava em sua oficina. Por sua vez, Marta, para ajudar nas finanças da casa, passou a atender os vizinhos com pequenos reparos de costura, atividade que aprendeu com a mãe Rebeca.

Embora ao chegarem no vilarejo não tenham se identificado como sendo judeus, seus hábitos e, de certa forma, a profissão de Giovanni, fizeram com que os identificassem como tal. A princípio, essa condição não causou nenhuma dificuldade para os recém-chegados e, em pouco tempo, a família angariou a amizade e confiança dos vizinhos.

Giovanni prosperou de tal forma nos negócios que chegou a se tornar um dos homens mais bem-sucedidos da região. Infelizmente essa prosperidade acabou por despertar a ganância e a inveja por parte dos outros negociantes do local, conseqüentemente, a vida no povoado, dia após dia foi se tornando cada vez mais complicada, a ponto de Giovanni e Marta passarem a sofrer ameaças de alguns de seus desafetos. Quase que diariamente malfeitores pagos para tal, arrumavam um jeito de criar algum tipo de desavença com Giovanni, era nítida a tentativa de intimidar o artesão judeu e sua esposa. Os invejosos comerciantes a todo o custo tentavam banir a família do povoado e assumir seus negócios, mas, apesar dessas fustigações, a maioria dos habitantes gostavam da família judia, então, Giovanni procurava manter a calma, resguardar sua família da melhor forma possível e levar a vida sem maiores aborrecimentos.

Ocorreu, porém, que, determinado a erradicar totalmente o judaísmo de suas terras, o soberano ordenou que suas tropas realizassem incursões a todos os povoados em busca de judeus. Os desafetos de Giovanni viram nessas incursões uma oportunidade para se livrarem dele, assim, quando a cidade de Valverde foi alvo dessas buscas, os desafetos de Giovanni, sem o menor pudor, procuraram o oficial da tropa e denunciaram a presença de judeus no povoado. Uma terrível traição!

Como sabemos, Giovanni e Marta contavam com a simpatia de uma boa parte da população, graças a isso, antes que os oficiais fossem em suas capturas, alguns amigos mais próximos correram e conseguiram avisá-los da terrível traição. Felizmente, com o alerta, o casal conseguiu se evadir do povoado. Mais uma vez Giovanni e Marta precisaram se lançar ao desconhecido a fim de obterem um pouco de paz.

De Valverde, seguiram para Badajoz, cidade ainda mais afastada do Reino Espanhol e, da mesma forma como fizeram na cidade da qual fugiram, se estabeleceram. O grande problema era que, onde quer que fossem, dias depois chegavam as tropas do rei e quase sempre tinha alguém disposto a entregá-los, em consequência disso, sempre tinham que partir para um local cada vez mais distante, viviam praticamente em constantes deslocamentos.

Por quase dois longos anos, a estratégia de sempre se manterem em movimento até que funcionou, porém, a adiantada gravidez de Marta, além de tornar cada vez mais difícil sua locomoção, ainda colocava em risco a criança em gestação. Diante desta delicada situação, não restou outra solução para a família se não a de fugir em definitivo da Espanha, precisavam seguir para um local seguro onde a família pudesse fixar residência e professar a fé judaica.

CAPÍTULO – IV

CHEGADA EM PORTUGAL

No início de janeiro de 1494, assim como tantos outros judeus, a despeito do rigoroso inverno que castigava cruelmente a região, Giovanni e Marta saíram da Espanha a fim de se refugiarem em Portugal, acreditavam que naquele reino estariam livres das constantes perseguições que vinham sofrendo. Por dias e noites, caminharam por densas florestas e campos congelados, na maior parte do percurso, tinham apenas a companhia das aves e dos lobos. Vez ou outra

conseguiam pernoitar no aconchego de uma choupana, mas, na maioria das vezes, tinham que descansar em grutas, sob a copa de alguma árvore ou ao relento mesmo.

Em uma dessas noite em que dormiam tendo apenas sob suas cabeças o brilho das estrelas, de súbito foram acordados pelo som do trotar de cavalos. De imediato, perceberam que eram soldados que vinham ao seus encalços e já se encontravam praticamente a poucos metros da fronteira, praticamente a um passo da tão sonhada liberdade, seria uma infelicidade serem pegos agora. Naquele momento, não tinham para onde correr, só lhes restava se encolherem no pequeno buraco que usavam como refúgio e rezarem para não serem pegos. Por sorte, naquela noite, a lua minguante oferecia pouca luminosidade, assim, embora a patrulha tenha passado bem próxima a eles, a escuridão os protegeu das vistas do inimigo. Abraçados e ainda se refazendo do pavor que tinha tomado seus corpos e espíritos, o casal passou a acompanhar os cavaleiros se afastarem até que sumissem no horizonte.

O jovem casal ficou aliviado, mas temendo que os cavaleiros voltassem, resolveram não esperar o alvorecer e saíram a fim de alcançarem o mais rápido possível na fronteira com Portugal. Amanhecia quando finalmente adentraram às terras portuguesas, estavam finalmente livres!

Évora era uma cidade próspera, tudo indicava que nela poderiam ter uma vida dentro da paz que tanto desejavam. Agora em um ambiente mais favorável, Giovanni e Marta passaram a levar suas vidas com uma relativa tranquilidade, podiam finalmente exercer suas profissões, manter sua religião e aguardar a chegada da criança, pelo menos era isso que desejavam do fundo de seus corações.

Assim que se estabeleceram, Giovanni deu início a um pequeno negócio na região, mais uma vez prestando serviços de metalurgia,

atividade que praticamente sustentava a família. À Marta, coube a manutenção da Quinta comprada com as economias que conseguiram juntar. Ali, criavam pequenos animais, plantavam frutas e hortaliças. A maior parte da produção se destinava ao sustento da família, sendo que eventualmente comercializavam o excedente.

CAPÍTULO – V

NASCE MICAELA

No mês seguinte à sua chega àquelas terras, mais precisamente no mês de fevereiro de 1520, Marta deu à luz uma menina, a qual deram o nome Micaela. Embora a vida que a família levava não fosse de fartura, Giovanni e Marta sempre procuraram dar à pequena a melhor instrução possível e valeu a pena tanto esforço, a menina desde tenra idade mostrou ser muito inteligente e ativa, tinha facilidade em aprender tudo o que lhe fosse ensinado, com destaque para a matemática.

Naquela cidade portuguesa, Giovanni e Marta levavam a vida com a qual sempre sonharam, compraram uma casa, os negócios estavam prosperando e agora tinham uma filha para alegrar ainda mais os dias da família. Ocorreu, porém, que dois anos após a chegada da família em Évora, o Rei de Portugal, sofrendo pressão por parte dos Reis Espanhóis, também passou a editar leis que ameaçavam de expulsão e até mesmo de prisão os judeus que não se convertessem ao cristianismo. Giovanni e sua família, mais uma vez iriam passar pelas

mesmas agruras e perseguições de antes, era um sofrimento que parecia não ter fim.

Da mesma forma como aconteceu na Espanha, os judeus portugueses recusaram a se sujeitar à conversão, causando com isso a ira do Rei Português. Com a intenção de se fazer cumprir as leis promulgadas, foi determinado que as conversões fossem levadas a efeito através da força e coações. Determinou também que os judeus que se rebelassem fossem presos, expulsos do país e seus bens confiscados.

CAPÍTULO – VI

MICAELA CONHECE JONATHAN

Micaela ganhou mais dois irmãos, Joana e Cale, com os quais gostava de brincar e eventualmente ajudava a cuidar. A jovem tinha um espírito nato para a liderança, na escola, tanto na sala de aula como nas brincadeiras, era a que mais sobressaía. Além de estudar as matérias convencionais, também recebeu de seus pais boa parte do seu aprendizado. Com a mãe, aprendeu culinária e artesanato e, com o pai, recebeu reforço nas matérias escolares, tais como matemática, ciências, e escondido da mãe, noções de metalurgia. Não gostasse de realizar tarefas domésticas, gostava de ficar na oficina vendo o pai trabalhar os metais, porém quando não se recusava a ajudar a mãe.

Micaela passou praticamente toda sua adolescência e início de sua fase adulta em companhia dos pais, durante esse tempo, ajudou na

manutenção da casa, a cuidar diz irmãos e, embora não fosse do agrado de sua mãe, por vezes, dedicava uma boa parte do seu tempo ajudando o pai na oficina de metalurgia.

Com apenas 58 anos de idade, Giovanni começou a apresentar um problema de saúde que aos poucos foi minando sua força e o incapacitado para o trabalho diário. Com a doença do pai se agravando cada vez mais, Micaela no início de sua vida adulta, embora contasse com a ajuda de um aprendiz, praticamente passou a executar todo o serviço de metalurgia que o pai recebia. Aos 25 anos de idade, a jovem era de uma beleza tão fascinante, que, onde quer que estivesse, chamava a atenção de todos os presentes. A jovem tinha muitos pretendentes, mas até aquele momento nenhum dos rapazes da cidade tinha despertado seu interesse, essa indiferença os deixava extremamente desolados. Apesar de todas as investidas, Micaela pensava apenas em trabalhar e ajudar no sustento da família.

Certa noite, após o jantar, Giovanni começou a passar muito mal, dizia sentir dores horríveis, logo Micaela entendeu que o pai precisaria de cuidados médicos com urgência. Com os sintomas se agravando, com a ajuda da mãe colocou o pai em uma carroça e saiu em direção ao hospital. As estradas que já eram perigosas durante o dia, à noite se tornavam terríveis, mas não tinha outro jeito, o pai sentia dores lancinantes e, se não tivesse atendimento médico, provavelmente morreria. Após horas na estrada, finalmente chegaram ao hospital.

CAPÍTULO – VII

JONATHAN

Logo na chegada, perceberam que teriam dificuldades no atendimento, pois o hospital estava cheio, pacientes de diferentes idades e enfermidades aguardavam para serem atendidos. Micaela ficou preocupada com aquela situação, pois qualquer demora poderia significar a morte de seu pai. Em desespero, passou a percorrer o local clamando por ajuda. Sua angústia logo chamou a atenção do enfermeiro que fazia a triagem dos doentes e feridos que, ao perceber a gravidade da doença que acometia Giovanni, rapidamente encaminhou Micaela com o pai para um dos médicos que consultavam naquele sanatório — no hospital havia apenas dois médicos.

Quis o destino que Giovanni fosse encaminhado para ser atendido por um médico chamado Jonathan.

Jonathan era médico recém-formado na Universidade de Lisboa, tinha apenas 25 anos, pele mais branca que o normal, cabelos lisos e negros, de média estatura, testa curta, rosto largo. O jovem médico também era filho de judeus que foram obrigados à conversão. O pai foi assassinado há cerca de um ano durante um dos sangrentos conflitos gerados pela intolerância religiosa daquela época. Na ausência do pai, passou a morar com a mãe Odete, na cidade de Évora.

Assim que Micaela adentrou à enfermaria, de imediato chamou a atenção do rapaz que, ao cruzar seu olhar com os grandes olhos castanhos de Micaela, como se fosse preso a um poderoso feitiço, se apaixonou perdidamente pela linda judia.

Da mesma forma, Micaela, assim que teve seu olhar confrontado com o do jovem médico, teve a sensação de que uma incrível força a eleva no ar. Por alguns segundos, sua respiração ficou em suspenso e, a despeito de todo o falatório e gemidos que ecoavam pelo consultório, por instantes ela sentiu como se apenas os dois

ocupassem a enfermaria. O estado de quase êxtase entre os dois só foi interrompido quando Marta chamou a atenção do médico para o sofrimento de seu marido. Ainda um pouco desorientada, Micaela foi voltando à realidade de que pai precisava urgentemente de ajuda médica.

Após ouvir uma breve narrativa da situação, prontamente Jonathan passou a atender aquele que viria a ser seu futuro sogro. Infelizmente, diante do estado grave de Giovanni o jovem médico achou por bem deixá-lo internado.

CAPÍTULO – VIII

FORMANDO UMA NOVA FAMÍLIA

A internação de Giovanni, que a princípio seria por apenas uma noite, devido à gravidade da doença, se estendeu por mais nove dias. No decorrer desse tempo, o estado de saúde do italiano foi se agravando rapidamente e, embora Jonathan tenha empenhado todos os esforços para restabelecer a saúde de seu paciente, não conseguiu salvá-lo. Ao final do nono dia em que ficou internado, Giovanni veio a falecer em decorrência das terríveis dores abdominais.

A situação de Micaela, que nos últimos anos, em virtude da doença do pai, tinha se tornado trágica, com a morte dele ficou ainda mais dramática.

Embora ocasionalmente ajudasse o pai na oficina de metalurgia, pela natureza do ofício, mesmo com a ajuda de um aprendiz, não

tinha como executar os trabalhos que exigiam maior esforço físico. Trabalhos esses que a cada vez ficavam mais escassos. Além disso, precisava cuidar de sua mãe, que se encontrava extremamente abatida pela perda do seu amado companheiro. Seus irmãos, há alguns anos, casaram e cada qual seguiu seu caminho, dessa forma, não poderia contar com eles.

Durante o tempo em que Micaela ficou ao lado do pai, passou a manter um relacionamento de amizade com o jovem médico, mas que, pela afinidade que surgiu entre eles, logo a amizade se transformou em namoro.

Jonathan e Micaela namoraram por aproximadamente um ano, apesar do pouco tempo de relacionamento, o amor entre os dois se tornou tão intenso que resolveram se casar o mais breve possível. E, não demorou muito, dois meses depois dessa decisão, contraíram matrimônio.

Jonathan estava no início da carreira e ainda não ganhava o suficiente para comprar uma casa onde pudesse viver com sua amada, assim, em comum acordo com a futura esposa, decidiu que, depois de casados, iriam morar na casa da sogra. Para Micaela, permanecer em sua casa após o casamento foi muito providencial, pois lhe possibilitou continuar cuidando da mãe e também a continuar gerenciando a oficina de metalurgia. A fim de manter a oficina além de já contar com o aprendiz, também contratou um mestre-ferreiro.

Como ainda estava valendo o decreto que obrigava os judeus a se converterem ao cristianismo e a prisão daqueles que, mesmo convertidos, continuassem com as práticas judaicas, a fim de evitarem problemas com a lei, Micaela e Jonathan iniciaram suas vidas de casados como convertidos ao cristianismo, mas, a exemplo de seus pais e da maioria dos judeus convertidos por conveniência ao

cristianismo, na privacidade do lar, a recém-formada família continuava a manter as tradições judaicas.

Apesar de todos os cuidados que os cristãos-novos tomavam para ocultar suas práticas religiosas, ocorreu que o rei acabou por descobrir que muitos dos convertidos, na clandestinidade, continuavam com os costumes, tradições e a professarem a fé judaica. Apesar de todo cuidado que tomavam, não demorou muito para que o ardil, também empregado por Jonathan e Micaela, fosse descoberto. A partir daí, o jovem casal passou a ser discriminado e a sofrer constantes perseguições por parte dos agentes do rei e também por parte dos membros católicos da cidade.

A situação de Jonathan só não era mais dramática por ele ser médico e precisarem dele, porém, mesmo com essa ressalva, temendo que o pior viesse a ocorrer com sua família, Jonathan, com a concordância da esposa, resolveu sair de Portugal e seguir para a terra recém-descoberta onde os cristãos-novos se refugiaram, o Brasil.

Os preparativos para viagem duraram aproximadamente um ano, nesse ínterim, Jonathan procurava manter a família o mais protegida possível, inclusive, em muitas ocasiões, essa proteção era conseguida por meio de subornos que pagava aos guardas do rei.

Infelizmente para Jonathan, sua mãe veio a falecer seis meses antes de saírem de Portugal e, nesse mesmo tempo, Micaela engravidou e já contava com três meses de gravidez.

CAPÍTULO – IX

FUGA PARA O BRASIL

Durante a travessia do Oceano Atlântico, Micaela entrou no quarto mês de gravidez, nunca tinha viajado de navio e, apesar da gravidez, rapidamente se adaptou à rotina e ao balanço da caravela. Quanto a Jonathan, logo nos primeiros dias de navegação começou a apresentar os sintomas que acometem os “mareados”. Os enjoos que sentia o deixavam indisposto de tal forma, que por vezes precisava passar uma boa parte de seu tempo recolhido em sua cabine e prostrado sobre sua cama. Apesar desses enjoos, nos períodos em que ficava mais disposto, fazia atendimento médico à tripulação e aos demais passageiros, com especial atenção aos que viajavam nos porões, pois esses, naquele ambiente insalubre, com alimentação deficiente e bebendo água estagnada, com poucos dias ao mar perdiam a saúde.

Os primeiros dias de viagem, ainda próximos à costa portuguesa, foram de calmarias e sem muitas alterações no clima, mas, ao entrarem em alto-mar, a viagem passou a ser um tormento para Micaela e mais ainda para Jonathan.

Contando vinte dias de viagem, já ao anoitecer, uma terrível tempestade se precipitou sobre o Oceano, fazendo com que muitos acreditassem que seria aquela sua última viagem. As pesadas ondas se lançavam impiedosamente de encontro ao costado da nau causando estrondos aterrorizadores. As águas do Atlântico varriam o convés com tanta fúria que os marujos se amarravam às bases dos mastros para não serem tragados pelo mar bravio. O madeirame que compunha a embarcação rangiam e estalavam dando a impressão de que a qualquer momento a Nau “Esplendorosa” iria se desfazer em pedaços. A situação era realmente desesperadora, apesar da turbulência e alheios à gritaria dos amedrontados passageiros, a marujada, comandada pelo velho capitão, tentava a todo o custo manter o navio no rumo correto. Qualquer deslize poderia fazer com que a nau fosse destroçada pelas ondas. Sem terem muito o que fazer,

Jonathan e Micaela se deitaram em uma das camas da cabine e abraçados rezaram para que a caravela não viesse a naufragar.

Por fim amanheceu e, em contraste com a terrível noite passada, para a tranquilidade de todos a bordo, o dia se iniciou com um doce calmaria. Agora com o navio balançando delicadamente ao sabor de suaves “marolas”, Micaela procurava registrar em seu diário os acontecimentos daquela inesquecível e tenebrosa noite. Jonathan, ainda “mareado”, permanecia deitado, mas apesar do terrível mal-estar, não tinha como deixar de admirar sua linda mulher grávida de quatro meses, sentada frente à rústica escrivaninha feita de carvalho.

Com a bonança, o madeirame da Nau “Esplendorosa” já não mais rangia ferozmente como na noite anterior, mas emitia um suave e hipnótico rangido, que de certa forma ameniza a indisposição do jovem médico.

O dia estava incrivelmente lindo, querendo aproveitar os raios solares, Micaela pegou o marido pelas mãos e saíram para um passeio pelo convés. A certa altura, Jonathan para e a deixa seguir um pouco mais a sua frente e passa a segui-la com o olhar, apesar das dificuldades a bordo e da tempestade pela qual passaram, ela estava excepcionalmente linda. Caminhava segurando carinhosamente a barriga, numa clara demonstração de amor à criança que estava por vir. Tinha os cabelos longos e ondulados, mas, como de costume, os mantinha presos em forma de um coque por trás e acima da cabeça — exceto na intimidade de seu lar — seus voluptuosos lábios, levemente avermelhados, contrastavam lindamente com sua pele clara e aveludada, embora tivesse dois anos a mais de idade que ele, parecia muito mais nova. Despertando daquela fascinante visão, Jonathan foi em direção à mulher e a beijou apaixonadamente.

Nos dias que se seguiram, ocorreram outras chuvas torrenciais, porém não tão assustadoras como a daquela noite tenebrosa, assim,

entre tempestades e calmarias, nosso jovem casal seguiu viagem rumo ao sonho de uma vida de prosperidade.

CAPÍTULO – X

CHEGADA AO BRASIL

Após uma viagem que durou 42 dias, no ano de 1545, o navio finalmente atracou no porto da Bahia, naquela época, o maior do Brasil. O que a família conhecia do “Novo Mundo” se baseava em informações relatadas por marinheiros e alguns aventureiros, assim sendo, tinham apenas uma ideia muito superficial e fantasiosa da terra onde acabavam de chegar. Ao pisarem em terra firme, Jonathan ficou aliviado, em virtude dos constantes enjoos, tinha perdido boa parte de seu peso e conseqüentemente estava muito debilitado. Quanto a Micaela, apesar do desconforto da viagem e a adiantada da gravidez, permanecia praticamente com o mesmo vigor com que embarcara. Sempre foi uma mulher forte.

Durante o ano em que se preparava para a viagem, Jonathan manteve contatos com um colega de faculdade que, logo após se formar em medicina, resolveu exercer a função no Brasil. Desta forma, ao chegar no Novo Mundo, Jonathan e Micaela já tinham como certo e arrumado emprego e residência.

Enquanto Jonathan exercia sua profissão em um pequeno hospital baiano, Micaela, a fim de complementar a renda da família, passou a dar aulas em sua casa. Quando chegaram na cidade, até surgiu a ideia

de montar uma oficina de metalurgia, afinal, ao longo do tempo em que acompanhou seu pai, ela tinha adquirido bastante experiência na arte da metalurgia, contudo, foi dissuadida por Jonathan, pois, conforme salientou, em breve nasceria o primeiro filho e com certeza teria muito trabalho pela frente.

Apesar de não passarem necessidades, a vida que levavam na Bahia estava aquém da que tinham em Portugal, pelo menos a financeira. Desejando melhorar a situação, passaram a verificar o que poderiam fazer para conseguirem melhores condições de vida, mas, enquanto isso, procuravam viver com o que tinham.

Certa noite, ao retornar de mais uma árdua jornada de trabalho, Jonathan relatou a mulher que durante um atendimento médico ficou sabendo por um de seus paciente que muitos judeus de origem portuguesa e espanhola subiam a costa litorânea do País, seguindo em direção às “Capitanias de cima” em busca de terras onde pudessem se estabelecer e manter suas famílias; sendo a Capitania de Pernambuco mais procurada.

Conforme descreveu este paciente, há alguns anos, naquela região, passou a predominar o cultivo da cana-de-açúcar e que boa parte dos engenhos açucareiros pertenciam a cristãos-novos. Disse ainda que os povoados próximos aos engenhos de açúcar iam progredindo rapidamente, oferecendo boas oportunidades para quem quisesse trabalhar. Principalmente para aqueles que tivessem uma boa especialidade.

Micaela, que ouvia atentamente a narrativa do marido, logo se interessou pela informação, pois, vislumbrou ser esta uma boa oportunidade para melhorarem de vida.

Essa conversa praticamente definiu a decisão de seguirem mais para o Nordeste. No dia seguinte Jonathan procurou o amigo e participou de sua decisão, explicou que embora estivesse muito

agradecido por toda a ajuda recebida, desejava constituir seu próprio consultório. O amigo compreendeu perfeitamente a intenção de Jonathan. Apesar de Micaela estar entrando no sétimo mês de gravidez, depois de dois meses da chegada ao Brasil o jovem casal partiu rumo à Capitania de Pernambuco.

Por coincidência, o navio pelo qual chegaram ao Brasil, era o mesmo que agora os levava à essa nova jornada de suas vidas, a Nau “Esplendorosa”.

CAPÍTULO - XI

CAPITANIA DE PERNAMBUCO

Ao contrário do que ocorreu quando chegaram à Bahia, onde encontraram tudo providenciado, em Pernambuco, Jonathan precisaria sair em busca de uma hospedaria para pernoitar com a esposa, sendo que, nesse caso, a situação era bem dramática, pois, devido ao tempo ruim, só foi possível atracar o navio por volta da meia-noite. Àquela hora, seria muito difícil encontrarem uma estalagem aberta. Enquanto a caravela estava sendo atracada, Jonathan pensava em como iria resolver aquele problema. Se desembarcassem àquela hora da noite, certamente correriam perigo, pois estariam sujeitos aos incômodos dos bêbados e ataque de salteadores.

O capitão do navio, ciente dessas dificuldades e considerando a gravidez de Micaela, permitiu que o casal pernoitasse a bordo até que,

pela manhã, Jonathan fosse em busca de um local para acomodar sua família. Assim, nas primeiras horas da manhã, Jonathan se despediu da mulher e saiu em busca de um local para se hospedarem.

Mesmo durante o dia, a situação não se mostrou das melhores, as duas únicas estalagens da cidade não tinham mais vagas para oferecer. Apesar de ser intenção do casal comprar uma casa, até encontrar uma que agradasse e por fim efetivar a compra, demandaria alguns dias. Jonathan ficou desolado, sem saber o que fazer, o jovem médico retornou a bordo e explicou toda a situação ao comandante da Nau “Esplendorosa”. Diante do problema apresentado, uma vez que o navio ficaria atracado naquele porto por mais quinze dias, o velho capitão, em reconhecimento ao trabalho realizado por Jonathan quando de seu embarque de Portugal para o Brasil e da Bahia para aquela Capitania, permitiu que o casal permanecesse embarcado pelo tempo que se fizesse necessário.

Logo no primeiro mês de sua estadia na cidade, Jonathan, com as economias que sobraram após a compra da casa, conseguiu montar um consultório onde passou a atender aos habitantes da cidade e aos empregados dos engenhos de açúcar da região. Em pouco tempo, sua habilidade profissional e generosidade ficaram conhecidas em toda a cidade. A fama de ser um excelente médico rapidamente chegou às regiões mais distantes, com isso, doentes de outras cidades iam em busca de uma consulta com o “Médico Judeu”.

Três meses após a chegada em terras nordestinas, Micaela deu à luz um menino que, em homenagem ao avô, recebeu o nome Giovanni. Já em seus primeiros anos de vida, Micaela percebeu que Giovanni, além de ter herdado o nome do avô, também herdou o espírito aventureiro e arredo. Micaela vislumbrou que, tal qual ao avô, Giovanni não ficaria muito tempo em casa.

CAPÍTULO – XII

A FAMÍLIA CRESCEU E PROSPEROU

No Brasil, a família conseguiu a tranquilidade e a liberdade que tanto almejavam. Jonathan se tornou um médico muito respeitado em toda a região e Micaela muito estimada pelos amigos e vizinhos, com o passar do tempo, o casal prosperou tão generosamente que resolveram aumentar a família. Para surpresa e alegria do casal, tiveram gêmeas, as quais deram o nome de Eloá e Isabela. Embora Giovanni fosse um pouco arredo, não conseguia esconder sua felicidade pela a chegada das irmãzinhas.

Apesar da vida reservada que a família vivia, todos na cidade sabiam que Jonathan e a esposa eram judeus recém-convertidos ao cristianismo, mas para a população isso não fazia a menor diferença, o que importava para eles é que tinham um excelente médico e amigos a quem poderiam recorrer nas horas de aflição.

Mesmo com essa receptividade, ainda com as amargas lembranças das perseguições pelas quais passaram, a família procurava manter as aparências, participando das missas realizadas na capela da cidade. Embora que veladamente Micaela transmitisse aos filhos as tradições judaicas, as participações deles nas missas acabaram por fazê-los assimilarem grande parte dos ensinamentos católicos.

Como esperado, assim que Giovanni completou 18 anos, abandonou a escola e saiu para se aventurar pelo mundo. Embora tristes com a decisão do filho, Micaela e Jonathan, pela índole aventureira do rapaz, sabiam que cedo ou tarde isso ocorreria.

Quanto às gêmeas, Eloá casou com um rico fazendeiro daquela capitania e Isabela seguiu estudando com a intenção de se formar em medicina como o pai.

Agora já com os filhos crescidos e encaminhados, Micaela passou a acompanhar o marido até seu consultório e eventualmente o ajudava no que ele viesse a precisar durante as consultas. Durante esse tempo que ficava no consultório, acabou por adquirir conhecimentos e práticas básicas de enfermagem, o que foi de grande utilidade, pois, em virtude da grande quantidade de doentes que iam à procura de atendimento médico, ela passou a trabalhar efetivamente como assistente do marido.

Desde o primeiro dia que chegou ao Brasil, ainda que tenha passado por alguns contratempos, a família cresceu e prosperou e a maioria de seus descendentes se espalharam pela Capitania de Pernambuco até a região que hoje conhecemos como o Estado da Paraíba.

FIM



A OXUM

CAPÍTULO – I

O PORQUÊ DE OXUM!

A vida em Angola, apesar de eventuais disputas tribais, era relativamente tranquila. A história se inicia na tribo de etnia bakongo, tribo que ficava à margem esquerda de um caudaloso rio que, em parte de seu percurso, se precipitava em uma exuberante cachoeira. Diariamente, a cachoeira era frequentado por toda tribo, dentre os que dela aproveitava o frescor, destacavam-se Zaki, um jovem guerreiro, e principalmente Luena, uma negra linda e alegre como Oxum, a Orixá senhora das águas e dona de todas as riquezas.

Zaki conhecia Luena desde que eram crianças, naquela época, ele com 10 e ela com aproximadamente 12 anos de idade. Desde cedo, o jovem guerreiro sentia uma forte atração pela amiga e ela também gostava de estar ao seu lado, a verdade é que tinham uma ligação quase que espiritual. O convívio entre ambos era diário, passavam a maior parte do tempo em brincadeiras inocentes, ora no rio, ora na cachoeira, tiveram uma infância muito feliz. Porém, a partir da transição da infância para a adolescência, como era de se esperar, as brincadeiras infantis foram ficando para trás e cada um dos amigos foi se envolvendo nas tarefas que normalmente eram atribuídas aos adolescentes da tribo. A essa altura, a menina Luena tinha se tornado uma linda adolescente, chamando a atenção dos outros guerreiros da tribo. Foi justamente nessa ocasião que começou a

despertar em Zaki um interesse que ia além da amizade. Como todo adolescente apaixonado, o rapaz fazia de tudo para impressioná-la, mas, no seu íntimo, sabia que não poderia ter qualquer outro tipo de relacionamento com Luena que não fosse o de amizade. O avô da jovem era o chefe da tribo e seu pai, um dos guerreiros mais conceituados da região. Sendo neta do chefe, Luena tinha uma posição de destaque dentro da tribo, infelizmente para Zaki, essa condição nobre da jovem tornava o sonho de conquistá-la mais difícil, além disso, sendo única menina e a mais nova dentre quatro irmãos, vivia sob a vigilância dele. Quando eram crianças, suas posições sociais dentro da tribo não importavam, dessa forma, Zaki não queria acreditar que isso teria mudado em suas adolescências. Sabia que a amiga era uma pessoa carinhosa e, acima de tudo, corajosa, capaz de arriscar a própria vida para ajudar os amigos, como da vez que se atirou ao rio para salvar uma criança que estava a ponto de ser atacada por um crocodilo. Mas para sua decepção a linda Luena, embora ainda sentisse afeto pelo guerreiro, tinha agora outras pretensões.

Embora soubesse que dificilmente poderia ter Luena para si, sempre que possível, o jovem guerreiro procurava demonstrar seu interesse por ela, mas, para sua tristeza, ela ignorava suas investidas e sempre procurava deixar claro que sentia por ele apenas amizade, inclusive, por vezes, quando se sentia incomodada, até procurava se manter afastada do rapaz.

Certa vez, decidido a definir aquela situação, Zaki a parou e declarou todo o seu amor pela donzela, mas, para sua tristeza, a linda Oxum deixou bem claro que, embora sentisse uma grande amizade por ele, há algum tempo seu coração pertencia a outro homem, que por sinal era um amigo de ambos desde o tempo de criança. A partir

daquele momento, Zaki sentia como se a vida tivesse se tornado vazia, sem sentido e, mais do que tudo, um tormento.

Embora Luena tenha deixado claro que seu coração pertencia a outro homem, isso não desmotivou o jovem guerreiro, sempre que tinha uma oportunidade, tentava se aproximar dela. Todos na aldeia sabiam das intenções do rapaz e obviamente o outro pretendente também, em consequência disso, não demorou muito para que houvesse um grande desentendimento entre Zaki e seu ex-amigo de infância. A discórdia entre ambos era tal que, em várias ocasiões, entraram em ferozes lutas corporais.

Essas disputas entre ambos acabaram por deixar Luena muito triste, então, para não correr o risco de perder até mesmo a amizade da linda Oxum, Zaki parou com suas investidas e continuou a levar a vida da melhor forma possível, porém não se deu por vencido, ainda nutria o sonho de um dia conseguir conquistar seu grande amor.

CAPÍTULO – II

A PRINCESA BAKONGO

Os anos foram passando e Luena, com 17 anos, atingiu a idade para se casar, embora tivesse um grande número de pretendentes, todos já sabiam a quem pertencia o coração dela. Como o pretendente também era aprovado pelos seus pais e pelo avô, chefe da tribo, logo iniciaram os preparativos para o casamento.

Como de costume, na noite de seu casamento, de acordo com sua posição social privilegiada dentro da tribo e conforme a tradição, Luena foi paramentada com pulseiras, colares e vestes coloridas. Para complementar, uma linda peça confeccionada com tiras de couro, cravejada com búzios e pedras preciosas ornamentavam lindamente seus cabelos.

Com a chegada da noite, por todo o entorno da aldeia, era possível ouvir o som dos tambores e atabaques anunciando o feliz evento.

Ocupando uma posição de destaque no centro da aldeia, a bela africana observava os festejos e aguardava o momento quando finalmente concretizaria seu sonho, ou seja, casar com o homem que amava. Quanto a Zaki, só lhe restava se resignar e seguir em frente com sua vida.

Os festejos corriam dentro do planejando quando um terrível acontecimento viria mudar radicalmente vidas de todos.

Há muito tempo, um problema relacionado com os limites territoriais entre a tribo vizinha, da etnia ovimbundu, vinha sendo fomentado por ambas as tribos. A situação se tornou tão séria que uma guerra era iminente. E foi exatamente o que aconteceu, os ovimbundu, se aproveitando daquela noite em que os bakongos se encontravam totalmente envolvidos no casamento, realizaram um ataque de surpresa, causando uma grande destruição na aldeia.

Foi uma batalha terrível que durou toda a noite e entrou pelo dia seguinte. A tribo dos bakongos, em menor número, foi o lado que mais vidas perdeu e ,dentre os mortos, dois irmãos e o outro pretendente de Luena.

Embora os guerreiros bakongos tenham lutado com bravura, a superioridade numérica da tribo invasora, acabou por fazer a diferença, dessa forma, ao final da batalha, além dos mortos e feridos,

fizeram um grande número de prisioneiros e dentre os capturados, Zaki e Luena.

Como de costume, os capturados pelos guerreiros da tribo vencedora quase sempre se tornavam seus escravos ou eram vendidos para traficantes de escravos. Aliás, uma prática que era normal em todas as tribos do litoral africano.

O fato de Luena ser neta do chefe da tribo a igualava a uma princesa, sendo assim, recebia um tratamento diferenciado dos demais prisioneiros, não que se importassem com ela, mas uma prisioneira como aquela valia seu preço em ouro. Quiseram até mesmo acomodar a jovem princesa em uma choupana só para ela, mas orgulhosa e solidária, preferiu ficar ao lado de seus irmãos.

Naquela época, Angola já era uma colônia portuguesa e, constantemente, mercenários portugueses faziam incursões pela selva angolana a fim de capturar ou comprar negros já capturados por tribos rivais, para servirem como escravos em suas colônias.

A princípio, os prisioneiros bakongos ficaram servindo como escravos da tribo rival, mas era certo que a qualquer momento seriam todos vendidos para os temíveis traficantes de escravos.

CAPÍTULO – III

O NAVIO NEGREIRO

Por aproximadamente dois meses, os prisioneiros bakongos ficaram como reféns dos inimigos. Tinham a esperança que seriam

rapidamente libertados pelos guerreiros que conseguiram escapar do feroz ataque inimigo, mas o tempo foi passando e essa possibilidade ficando cada vez mais remota.

O ataque dos Ovimbundu foi tão devastador que tornou quase impossível, pelo menos a curto prazo, qualquer tentativa de resgate é por parte dos bakongos. É claro que Zaki, Luena e os demais prisioneiros pensavam em empreender fuga pela selva, mas eram vigiados dia e noite, o mínimo movimento que faziam deixava os sentinelas atentos. Embora mantivessem a esperança por um resgate, com o passar do tempo a espera se tornava mais angustiante.

Os portugueses ao tomarem conhecimento que, após o confronto entre as tribos rivais, os ovimbundu fizeram uma grande quantidade de prisioneiros, foram até a aldeia a fim de comprarem os negros capturados. Ao perceberem a presença dos lusitanos, todas as esperanças que Zaki e Luena conservavam em seus corações logo se dissiparam como fumaça ao vento.

Nessa incursão, os mercenários portugueses se faziam acompanhar por Joaquim, filho do comandante do navio negreiro. Embora não tivesse relação direta com a compra dos escravos, se fazia presente naquela incursão somente pelo prazer da aventura. O jovem que aquela época estava em plena adolescência ao avistar Luena, seu coração passou a bater mais forte. A beleza da jovem angolana o deixou extremante encantado.

Os portugueses traficavam negros de suas colônias na África para trabalhar em atividades açucareiras e na mineração em outras colônias mais promissoras. As mulheres, em particular, ou eram exploradas sexualmente ou eram usadas como mão de obra em trabalhos domésticos, quanto aos homens, esses tinham apenas um destino, os campos de lavouras de açúcar. A partir da chegada dos portugueses, o futuro daquela pobre gente se tornou terrivelmente previsível, ou seja,

uma vida de sofrimentos e os entristecidos ainda mais longe de suas famílias, longe da África.

Conforme comentários entre os portugueses, aquelas “peças” seriam levadas para o Brasil.

Luena, Zaki e os demais prisioneiros foram amarrados e, embaixo de chicotadas, foram conduzidos através da densa selva angolana até a praia, onde os navios negreiros estavam fundeados. Apesar de todo aquele sofrimento, Luena mantinha sua beleza e a altivez de princesa. Em virtude dessa beleza, durante toda caminhada em direção ao ponto da praia onde estava ancorado o navio, era perceptível que os traficantes faziam comentários a respeito da formosura da jovem Oxum. Embora houvesse outras prisioneiras, toda as atenções estavam voltadas para Luena. Joaquim logo percebeu o alvoroço em torno da negra então se aproximou e se manteve ao seu lado a fim de não permitir que lhe fizessem algum mal. Era perceptível que, ao embarcar, ela também passaria por sérios problemas.

Assim que embarcaram, as amarrações foram substituídas por enferrujados grilhões e, como animais, foram jogados em um porão escuro e fétido, o cheiro da morte pairava naquele ambiente macabro.

Como Joaquim previa, ao embarcarem, novamente as atenções se voltaram para Luena, sendo que agora pelos “marinheiros”. Logo nos primeiros dias “ao mar”, não faltaram tentativas por parte da “marujada” em violentar a bela e jovem negra. Se não fosse a intervenção do filho do comandante do navio, certamente Luena teria sucumbido à maldade daqueles homens do mar.

Durante toda a viagem, os pobres prisioneiros bakongos presenciaram e passaram por terríveis sofrimentos. Jogados em porões fétidos e quase sem ventilação, agravado pela escassez de comida e a água estagnada que recebiam para beber, muitos morreram naquela longa viagem.

CAPÍTULO – IV

CHEGADA NO ENGENHO DE AÇÚCAR

Antes da guerra entre as tribos e das capturas, Zaki e Luena estavam há um bom tempo afastados e nem mesmo conversavam, mas o sofrimento em comum tende a unir as pessoas. Ambos perderam parentes, amigos e, no caso dela, o homem a quem pertencia seu coração, estavam todos revoltados, mas ela, com certeza, muito mais. Como dito, o sofrimento em comum une, então os amigos de infância deixaram as desavenças de lado e voltaram a se falar.

Luena era uma mulher intrépida, a todo momento se manifestava contra aquele tratamento que recebiam, essa atitude arredia da jovem causava grande preocupação em Zaki, pois temia que ela viesse pôr em risco sua vida. A fim de evitar que isso pudesse vir a ocorrer, então o jovem guerreiro passou a vigiá-la e dessa forma impedir que um infortúnio viesse a acontecer.

No ano de 1608, quarenta dias após a partida da África, finalmente o navio carregado com centenas de prisioneiros chegou ao Brasil. Extremamente abatidos, cheios de parasitas e com um odor insuportável, o desembarque daquele pessoal no porto do Rio de Janeiro mais parecia um triste desfile de mortos-vivos, contudo, os que ali estavam podiam se considerar, por assim dizer, felizardos, pois metade dos capturados morreu durante a viagem. Agora em terra e sob a luz do sol, puderam ver horrorizados as marcas que os grilhões deixaram em seus corpos.

Do Cais do Porto, os negros foram levados para um local chamado de Pedra da Prainha — hoje conhecida como Pedra do Sal. Aquela “leva” se encontrava em “péssimo” estado, naquelas condições, não renderiam a quantia que os mercenários esperavam, então, antes de serem colocados à venda, foram levados para a Ilha da Marambaia, local que, na época, era entreposto para engorda e comercialização de escravos africanos. Naquela ilha, ficaram por aproximadamente um mês, tempo o suficiente para ficarem com o aspecto físico apresentável e assim em melhores condições de serem expostos aos possíveis compradores. Agora mais apresentáveis, foram novamente levados para o porto do Rio de Janeiro.

Como esperado, os lances pela Luena rapidamente foram aumentando de valor até que apenas dois interessados permaneceram na disputa. Marcos, filho do mais próspero senhor de Engenho do Rio de Janeiro, e Joaquim, o filho do comandante do Navio Negreiro. Por fim, Nervos deu o maior lance e ficou Luena. Era visível a frustração de Joaquim, o rapaz realmente estava interessado na linda negra, mas infelizmente não conseguiu cobrir o valor pedido pela escrava.

Para alívio de Luena, Zaki também foi comprado pelo mesmo Senhor de Engenho que a arrematou, pelo menos teria a companhia do amigo.

O engenho ficava no local que hoje é conhecido como Tijuca. Não era muito distante de onde foram colocados à venda, então não tiveram que caminhar muito.

Assim que chegaram, como de costume, foram recebidos pelos cruéis capatazes para serem distribuídos pelos diversos trabalhos no engenho. Não escapando à sina das mulheres e homens que chegavam a um engenho, Zaki foi levado para trabalhar nas lavouras de cana-de-açúcar e Luena foi colocada para trabalhar na “Casa Grande”.

Durante os primeiros dias, Luena e Zaki recebiam orientações e formações sobre o que ocorria no engenho. Segundo souberam pelos escravos mais antigos, o jovem Senhor tinha a fama de ser uma pessoa perversa e, na ausência do pai, tratava os escravos com extrema crueldade. Era casado com Tereza, uma portuguesa natural da Ilha da Madeira, porém, o fato de ser casado não o impedia de, constantemente, abusar sexualmente das escravas. Luena era uma negra muito bonita e que chamava a atenção onde quer que estivesse, era certo que ele a violentaria.

As informações sobre esses abusos chegavam à senzala quase diariamente. O trabalho na plantação de cana-de-açúcar que já era extremamente difícil, ao saber sobre os abusos pelos quais Luena era submetida, tornava a vida de Zaki ainda mais atormentada.

CAPÍTULO – V PLANEJANDO A FUGA

Os dias foram passando e os amigos se deram conta que já viviam como escravos naquele engenho há pelo menos cinco anos. O fato de Luena ser um serviçal da casa, tornava muito difícil o contato do amigo com ela. Na maioria das vezes, esses contatos eram realizados por intermédio de outros escravos. Nas raras vezes que Zaki falava com ela pessoalmente, percebia que a linda “Oxum” vivia sendo maltratada.

Nem mesmo sob o açoite dos capatazes, o jovem guerreiro deixava de pensar nos sofrimentos pelos quais Luena estava passando. Estava decidido a fazer alguma coisa a respeito.

Não havia nenhuma possibilidade de organizar uma rebelião, pois boa parte dos escravos do engenho eram velhos e os mais novos estavam tão debilitados que não resistiriam à luta contra os temíveis capitães-do-mato. A única opção que tinham, apesar dos grandes perigos que correriam, seria fugir.

Em uma das raras oportunidades em que foi possível conversar pessoalmente com Luena, Zaki confidenciou que não aguentava mais viver como escravo e principalmente vê-la passar por tanta humilhação, sugeriu então que deviam fugir daquele lugar amaldiçoado, caso contrário, certamente morreriam ali. Ambos sabiam que, em virtude dos extenuantes trabalhos forçados nas lavouras de cana-de-açúcar e dos castigos impostos aos escravos, a maioria, após o início da escravidão, não conseguia sobreviver por mais de sete anos. Considerando essa expectativa de vida, tinham que fugir a qualquer custo. Luena hesitou, lembrou ao amigo que pelo o que diziam os escravos mais antigos, alguns fugitivos não sobreviviam sequer por dois dias em fuga. Zaki ficou decepcionado, mas compreendia seu temor, afinal, para um homem fugir já era difícil e extremamente perigoso, para uma escrava então, a fuga se tornava ainda mais complicada. Para aumentar ainda mais o temor da jovem, os mais antigos também informaram que o Senhor daquele engenho era conhecido por jamais permitir que um de seus escravos fugisse e, quem tentasse escapar, ou era morto ou era mutilado pelos capitães-do-mato.

Embora fosse um tanto quanto franzina, Luena era uma mulher forte, tanto no que diz respeito a sua resistência física, quanto na psicológica, porém, esses cinco anos de abusos físicos, mentais e

principalmente os abusos sexuais a deixaram debilitada ao extremo, então, diante de da relutância de Luena, Zaki achou por bem não insistir mais.

Os sofrimentos pelos quais os escravos passavam eram terríveis, por diversas vezes, Zaki pensou em fugir sozinho, mas seu coração estava ligado àquela mulher maravilhosa e, se conseguisse escapar, certamente nunca mais iria ver o seu amor. Estava decidido a se evadir daquele local de privações, contudo, não podia ir embora sem levar Luena, então, sempre que possível, tentava convencer Luena a fugir com ele.

Além dos árduos trabalhos que lhe destinavam, Luena era constantemente importunada sexualmente por Marcos e, em consequência dessas investidas, Tereza, extremamente ciumenta, sempre que ficava a sós com a jovem negra, a submetia a todos os tipos de castigos e humilhações.

Os maus-tratos foram se intensificando e se tornando tão cruéis que Luena entendeu que continuar na Casa Grande seria o seu fim. Certamente acabaria sucumbindo às crueldades da mulher de Marcos. Temendo pela própria vida, não viu outra alternativa que não fosse fugir com o amigo. Conhecia perfeitamente os riscos que iriam correr e que se fossem capturados seria o fim, mas mesmo assim manteve firme a decisão em fugir daquele inferno. Conforme disse, seria melhor morrer tentando se tornar livre do que continuar vivendo os terríveis sofrimentos e as humilhações que a escravidão lhe causava.

CAPÍTULO – VI

A FUGA

Durante o tempo em que estava na fazenda, Zaki sempre ouviu os escravos mais antigos falarem que, ao norte do engenho, existia uma comunidade formada por escravos que conseguiram fugir e que agora acolhia os irmãos que precisavam de ajuda, mas que, para chegarem a esses locais denominados como “quilombos”, precisavam caminhar por horas entre matas, morros e terrenos acidentados. Ciente das dificuldades relatadas pelos anciãos, o guerreiro entendeu que a fuga não poderia ser de imediato, tudo tinha que ser muito bem planejada. Era início do mês de novembro, durante algum tempo, Zaki ficou estudando quando seria a melhor oportunidade para a fuga, no seu entendimento, deveria ser em uma noite em que os Senhores do Engenho estivessem descontraídos e os capatazes distraídos. Com essas condições essenciais para uma fuga bem-sucedida, logo percebeu que a data mais propícia seria 24 de dezembro, véspera de Natal.

Conforme observado durante os anos anteriores, todos no engenho, senhores e capatazes e até mesmo os escravos, passavam a noite comemorando a data festiva e se este ano não fosse diferente, aquela seria a oportunidade para fugirem. Com tudo planejado, Zaki precisava ainda colocar Luena ciente de como e quando se daria a fuga, não podia pedir que terceiros passassem as informações, isso causaria um alvoroço na senzala e ainda correria o risco de algum escravo, querendo benefícios para si, levasse o plano de fuga ao conhecimento dos patrões.

Depois de ter esquematizado a fuga, para não levantar nenhuma suspeita, somente no dia 23 de dezembro Zaki entrou em contato com sua “Oxum”. Nesse contato, a orientou para que, na noite da véspera de Natal, ela arrumasse uma sacola com algumas peças de roupas e alimentos para comerem durante a fuga e que à meia-noite, quando todos estivessem distraídos e provavelmente bêbados, saísse sorrateiramente e o encontrasse na senzala. E assim foi feito.

A notícia da fuga do casal de escravos logo se espalhou pela senzala e chegou ao conhecimento do Senhor do Engenho. Enfurecido, ainda na parte da manhã de Natal, determinou aos capitães-do-mato que partissem imediatamente ao encalço dos fugitivos.

Luena e Zaki tinham corrido durante toda a madrugada, estavam exaustos e famintos, como seria muito arriscado fugir durante o dia, assim que começou a clarear, resolveram se embrearem mais profundamente na mata e encontrar um local seguro onde pudessem descansar e se alimentar em segurança. Ao chegarem próximo a um córrego que descia por uma suave ravina, entenderam que ali seria um ótimo lugar para descansarem com relativa tranquilidade. Assim, sob a proteção das árvores e das pedras, ficaram aguardando o pôr do Sol para continuarem com a fuga.

Desde que foram feitos prisioneiros, aquela foi a primeira vez que os amigos ficaram a sós, então, durante esse tempo em que permaneceram escondidos aguardando a noite cair, passaram as horas relembando o tempo em que foram crianças e também lembraram passagens do início de suas adolescências. Muito cansada, enquanto Zaki mantinha a vigilância, Luena acabou por pegar no sono. Embora mantivesse sua atenção voltada para os arredores, o jovem guerreiro Bakongo, de vez em quando, ficava por alguns minutos admirando sua Oxum. Sempre sentiu um amor arrebatador por aquela linda mulher, contudo, esse amor nunca foi correspondido, mas, por uma ironia do destino, lá estavam os dois, juntos, em uma desesperada fuga pelas matas brasileiras.

CAPÍTULO – VII

À PROCURA DO QUILOMBO

Zaki acreditava que tinham uma boa dianteira dos capitães-do-mato, mas estava enganado, no meio da tarde, enquanto descansavam, ouviram vozes e o barulho de galhos sendo pisados, tudo indicava que os “capitães” estavam nas proximidades. Luena, que acabara de acordar, foi alertada para ficar em silêncio, se fossem pegos, seriam castigados com extrema crueldade.

Temendo serem capturados, o casal de escravos procurou se camuflar o máximo possível e rezaram para que os perseguidores se afastassem deles e assim continuassem sua caminhada à procura do quilombo que tanto ouviram falar.

Na maioria das vezes, essas comunidades eram formadas em locais de difícil acesso, contudo, existia uma série de artimanhas pelos quais os escravos fugitivos eram orientados, uma delas consistia em colocar alimentos às margens de determinados trechos de trilhas e estradas, dissimulados como oferendas aos deuses africanos, mas que, na verdade, tinham como propósito alimentar e ao mesmo tempo indicar aos escravos em fuga por onde deveriam seguir para chegarem aos quilombos. E era exatamente essa a intenção de Luena e Zaki, ou seja, alcançar o mais rápido possível um desses pontos de apoio.

Por várias horas, os amigos ficaram em silêncio e, em uma dolorosa imobilidade, ao perceberem que seus caçadores estavam bem distantes dali, foi que conseguiram relaxar um pouco. Para sorte do casal, era noite de lua nova, com a pouca luminosidade, teriam mais condições de se manterem ocultos, mas ao mesmo tempo teriam que

redobrar os cuidados a fim de evitarem as pedras e precipícios pelo caminho. A fim de certificar que era seguro continuarem com a fuga, Zaki deixou Luena no esconderijo e foi vasculhar a área, ao verificar que os capitães-do-mato se afastaram o suficiente, chamou a amiga e reiniciaram a desesperada fuga em direção à liberdade. A caminhada pelas matas durante a noite era muito arriscada, o terreno era irregular e ainda tinha a possibilidade de serem atacados por cobras e outros animais perigosos, apesar do perigo de caminharem na escuridão, precisavam continuar andando.

A todo tempo, Zaki lembrava que os castigos infligidos aos escravos fujões variavam entre açoites e a mutilação dos pés — era comum a morte de escravos durante os castigos — dessa forma, tinha que a qualquer custo proteger Luena desse horripilante destino. Estavam em fuga há quatro dias, apesar de caminharem somente à noite, o calor escaldante os deixava mais cansados que o normal, não lhes permitindo ter um descanso adequado. O que ajudava mesmo era justamente encontrarem água e alimentos deixados nas encruzilhadas pelos negros dos quilombos.

CAPÍTULO – VIII

ZAKI MACHUCA O JOELHO

A noite do quinto dia de fuga chegou tenebrosa, uma intensa chuva precipitou-se sobre a região tornando a jornada dos amigos ainda mais perigosa, mas, por mais contraditório que possa parecer, com

aquele tempo adverso, favorecia em muito o casal, pois com medo de serem emboscados pelos negros que àquela altura já dominavam certas regiões, os capitães-do-mato evitavam sair em perseguição à noite e mais ainda embaixo de tempestade. Consequentemente, mesmo tendo que enfrentar todos os perigos noturnos e a terrível condição climática que se abatia sobre eles, a fim de alcançarem a tão sonhada liberdade, Zaki e Luena continuaram empreendendo a cansativa e perigosa fuga mata adentro.

Embora procurassem tomar todo o cuidado ao caminharem por sobre algumas pedras que serviam como passagem para a transposição de um riacho, Zaki escorregou e lesionou gravemente o joelho. O ferimento logo se mostrou ser muito sério, pois de imediato o deixou sem condições de caminhar. A fuga, que já era extremamente difícil, a partir do acidente se tornaria ainda mais dramática, embora fosse um homem forte, a dor que sentia era terrível e não conseguia sequer mexer o pé. Para alívio do jovem guerreiro, tinha ao seu lado uma linda e experiente filha da “Yabá Oxum”, a Orixá Senhora das Águas. Com seus conhecimentos de curandeira, Luena, ali mesmo à margem do riacho, passou a massagear o joelho do amigo com as refrescantes águas que corriam ravina abaixo.

Os capitães-do-mato eram implacáveis na caça aos escravos que fugiam, implacáveis e perversos, Zaki sabia que não poderiam de jeito algum serem capturados, então, mesmo com o joelho ferido e doendo muito, precisavam continuar com a caminhada em direção ao quilombo.

Com o esforço, o joelho de Zaki inchou ainda mais, causando um terrível incômodo, Luena procurava ajudar o amigo ao máximo que podia, mas foram necessárias várias paradas a fim de aliviar a dor. Quase amanhecendo, bem próximo de onde estavam, ouviram passos e, em seguida, vozes, a impressão que tinham era a de que estavam

cercados. Zaki não tinha condições para correr e com certeza Luena não o deixaria, dessa maneira, só restava aos amigos aguardarem os próximos acontecimentos.

Quando davam como certas suas capturas, ouviram chamar por seus nomes: — Luena!! Zaki!! — Para surpresa de ambos, era uma voz feminina que os chamava, mas, ainda receosos, resolveram aguardar um pouco. Percebendo que o casal estava com medo, a mulher que os chamava se identificou como sendo uma das refugiadas do “Quilombo da Serra” e que, ao tomarem conhecimento de suas fugas, ela e os amigos que a acompanhavam foram enviados pelo chefe do Quilombo para ajudá-los. Zaki e Luena respiraram aliviados, finalmente estavam a salvo. Mas era cedo para festejar, segundo os quilombolas, os capitães-do-mato estavam bem perto e não demorariam em alcançá-los, precisavam sair dali imediatamente.

Mesmo com joelho ferido e doendo muito, Zaki até conseguiu caminhar por uma longa distância, porém, naquelas condições, acabou por se tornar cada vez mais lento e constantemente precisavam interromper o deslocamento, o jovem guerreiro logo compreendeu que estava colocando em risco a vida de Luena e de seus guias. Tinha consciência de que, mesmo com ajuda, não conseguiria continuar, então, para dar uma oportunidade de fuga ao restante do pessoal e principalmente a sua Oxum, resolveu ficar para trás e retardar o máximo possível o avanço dos capitães-do-mato.

Luena foi enfaticamente contra e disse que não iria para o quilombo sem ele, mas seus acompanhantes tinham o mesmo entendimento de Zaki. Por alguns minutos, houve uma séria discussão entre eles, contudo, depois que Zaki conseguiu acalmar sua companheira de fuga, a fez compreender que não resolveria nada ela permanecer ali, que o melhor seria seguir com os quilombolas e

restabelecer sua vida da melhor forma possível. Por fim, aos prantos, ela concordou.

CAPÍTULO – IX

A MORTE DE ZAKI

Faltava pouco para o raiar do dia, não podiam perder tempo, precisavam se despedir, então, sem que ela esperasse, Zaki a envolveu em seus braços e lhe deu um demorado beijo na boca, para sua felicidade, o beijo foi correspondido. Zaki permaneceu sentado vendo seu grande amor se afastar até sumir pela densa mata. A partir daquele momento, sabia que nunca mais veria sua amada e bela Luena, a sua Oxum!

Embora estivesse severamente ferido, durante algumas horas o bravo guerreiro conseguiu caminhar por uma trilha oposta a que os quilombolas seguiram, com esse artifício, conseguiu desviar seus perseguidores do real caminho para o quilombo. Todo aquele esforço o deixou extremamente exausto e sentindo dores horríveis, com todas essas dificuldades contra ele, acabou por ser capturado pelos temidos capitães-do-mato.

Os castigos começaram ali mesmo. Sabiam que Luena tinha fugido com ele, na verdade, seguindo as orientações de Marcos, os capitães-do-mato deveriam dar prioridade na captura de Luena. Apesar da surra que deram no jovem, não conseguiram tirar uma única palavra sequer que indicasse o paradeiro da escrava. Sem conseguirem o que

queriam, amarraram e arrastaram Zaki até o engenho, lá chegando, continuaram e intensificaram ainda mais os castigos. Por quase todo o dia, o jovem guerreiro passou por todos os tipos de tortura, queriam a qualquer custo saber do paradeiro de Luena. Por fim, o jovem guerreiro sucumbiu aos maus-tratos e acabou morrendo, mas levou consigo a esperança de que tinha livrado seu amor de infância do sofrimento e das terríveis humilhações pelas quais passava.

CAPÍTULO – X

A RECAPTURA DE LUENA

A morte de Zaki de forma alguma abrandou o ódio do fazendeiro. Marcos estava decidido a recapturar Luena a qualquer custo, não só por motivos pessoais, mas também para servir de exemplo para os demais escravos, afinal, até aquela data nenhum de seus escravos ousou fugir do engenho. Decido a recapturar sua escrava, reuniu o maior número de homens que conseguiram seguir e partiu para a caçada.

Acostumados nas caçadas aos negros e profundos conhecedores da região, os capitães-do-mato do mato, durante aproximadamente um mês, diuturnamente fizeram buscas pelos arredores da região onde encontraram Zaki, até que por fim conseguiram localizar o quilombo no qual Luena foi acolhida. O quilombo era maior do que pensavam e, para obterem êxito no ataque, precisavam pegá-los de surpresa.

Os capitães-do-mato que faziam parte desse grupo eram bem mais experientes que os outros, conhecedores de algumas táticas de emboscada, decidiram aguardar a noite para realizar a entrada no quilombo, então, assim que a escuridão tomou conta do ambiente, iniciaram o ataque ao quilombo. Os quilombolas possuíam algumas armas, mas não o suficiente para fazerem frente aos bem-amados capitães-do-mato. Além dessa inferioridade, no local, residiam muitas mulheres e crianças, temendo pelas vidas delas, os guerreiros quilombolas acharam por bem baterem em retirada. Nesse ataque, além de Luena, tantos outros foram feitos prisioneiros e levados para o engenho de Marcos.

Ao chegarem no engenho, os escravos foram colocados nos pelourinho, inclusive Luena, a intenção era castigar continuamente a todos até que morressem, mas, quase como se fosse uma intervenção divina, o pai de Marcos chegou ao local de castigo e determinou que soltasse os escravos. O rapaz ficou indignado, mas não podia descumprir essa determinação recebida. O velho senhor do engenho há algum tempo vinha passando por sérias dificuldades financeiras e viu naqueles escravos recém-capturados uma oportunidade de pagar parte de suas dívidas.

A morte de seu querido amigo deixou Luena extremamente triste, embora tivesse outros amigos no engenho, agora a jovem não tinha mais a companhia nem a proteção de Zaki. Seu coração sentia a sua falta. Aproximadamente um mês de sua recaptura, Luena foi levada novamente ao mercado de escravos próximo ao Cais do Porto para ser vendida.

Devido a todo o sofrimento e maus-tratos pelos quais passou até aquele dia, embora mantivesse sua altivez de princesa, Luena já não apresentava a mesma beleza de quando chegou ao Brasil, mas mesmo estando com o rosto um tanto quanto abatido, ao ser exposta para

venda, sua aparência sofrida não impediu que Joaquim, o rapaz que a protegeu da marujada durante sua vinda para o Brasil não a reconhecesse.

Ao avistar Luena, seu coração aqueceu do mesmo jeito em que a viu pela primeira vez. Aquela era sua oportunidade de ter para si a mulher que há alguns anos o encantou. Por certo que não conseguiria cobrir o valor pedido pelo seu dono, mas desta vez estava determinado a ter a angolana de qualquer jeito. Assim decidido, enquanto a observava, passou a elaborar um plano para, no momento certo, resgatá-la. Na verdade, raptá-la.

CAPÍTULO – XI

JOAQUIM SEQUESTRA LUENA

A comercialização dos escravos seria no dia seguinte, então Joaquim tinha apenas aquela noite para levar adiante seu audacioso e perigoso plano. Se fosse pego, mesmo sendo agora um renomado capitão, certamente seria preso, mas estava disposto e decidido a não perder Luena novamente.

Além do navio comandado por Joaquim, outros dois navios negreiros também estavam atracados no Porto. As ruas e as tavernas estavam lotadas pela marujada e, em sua maioria, tão bêbados que mal conseguiam ficar de pé. Joaquim permanecia próximo ao local onde os escravos dormiam, observando toda aquela movimentação e aguardando o melhor momento para pôr em prática seu plano.

Obviamente ,o local era fortemente vigiado pelos capitães-do-mato, então não poderia haver erros.

Quase entrando a madrugada, em uma das tavernas em frente ao cais, teve início uma briga entre marujos que disputavam as atenções de uma das meretrizes. A discussão que inicialmente era apenas entre os dois pretendentes da mulher, logo se tornou uma batalha generalizada entre as tripulações dos navios ali ancorados. Toda aquela agitação chamou a atenção do pessoal que vigiava os escravos, curiosos em saber o que estava ocorrendo, abandonaram seus postos e foram ao local da desordem.

Joaquim não perdeu tempo, ao ver os homens se afastarem, correu ao encontro dos escravos, desamarrou Luena, já se preparava para sair quando, mesmo sem saber o que estava ocorrendo, segurou no braço do rapaz e pediu que libertasse os outros escravos. Para não perder tempo, desamarrou um dos homens e deixou sua faca com ele. Atordoada com tudo o que estava acontecendo, pensou em se desvencilhar do rapaz e fugir, mas, apesar do tumulto, Luena reconheceu seu salvador e se deixou conduzir. Ao verificar que os capitães-do-mato ainda se divertiam com a briga da marujada, Joaquim a levou para seu navio. Enquanto embarcava, ainda conseguiu ver os demais escravos desaparecendo na escuridão. Assim que embarcaram, Joaquim determinou a seu imediato levantar âncora e zarpar imediatamente daquele cais, seus marujos que já se encontravam previamente informados dessa partida, prontamente atenderam à ordem recebida.

Agora longe da costa, Joaquim entregou a Luena roupas limpas e a conduziu até um local improvisado para que tomasse banho. Sem entender muito bem o que estava acontecendo, a jovem escrava foi cumprindo o que Joaquim lhe pedia. Depois de tomar banho e se

alimentar, foi levada para a cabine do jovem comandante do navio para descansar.

A viagem do Rio de Janeiro para a Bahia seria bem curta, mas a linda Oxum estava tão cansada que passou a maior parte da navegação dormindo.

Nas ocasiões em que ficava acordada, Joaquim tentava tranquilizá-la explicando o que estava acontecendo. Com o tempo, Luena foi se lembrando das vezes em que Joaquim a protegeu dos mercenários e a tirou das mãos da marujada.

Em uma de suas conversas, o jovem português lhe disse que, ao assumir os negócios do pai, parou de realizar o transporte de escravos e se dedicou à importação e exportação de especiarias. Preparado para essa nova finalidade, o navio passou por uma reforma tão radical que, ao embarcar, Luena nem percebeu que aquele foi o navio que outrora a trouxe para o Brasil.

CAPÍTULO – XII

RECEBIDA COMO SENHORA

A princípio, Luena pensou que ao chegar na casa de Joaquim seria novamente explorada e humilhada nos trabalhos domésticos. Temia que sua vida se tornasse pior que no engenho, pois desta vez não teria seu querido Zaki nas proximidades. Porém, para sua grande surpresa, ao chegar, teve um tratamento totalmente diferente do que imaginava.

Joaquim contava agora com 30 anos, morava só, mas tinha a companhia de um caseiro e de uma senhora que cuidava de suas necessidades quando chegava das viagens e foi justamente por esses serviços que Luena foi recebida como se fosse a “dona da casa”. A jovem negra muito desorientada, embora antes de ser escravizada recebesse esse tipo de tratamento em sua tribo, desde que foi trazida para o Brasil, aquela era a primeira vez em que era recebida com um pouquinho de consideração. Joaquim a tratava com o mesmo respeito com que eram tratadas as “mocinhas brancas” que os filhos do Senhor Engenho namoravam. Todo aquele tratamento dispensado a ela, tanto pelos empregados da casa e principalmente por Joaquim, a deixava muito confusa.

O jovem capitão precisava verificar como estavam seus negócios, dessa forma, deixou Luena aos cuidados da governanta e saiu para pôr em dia suas negociações. Sua intenção era voltar o mais rápido possível, contudo, devido ao descontrole em que encontrou sua empresa, precisou permanecer por mais três longos dias na cidade.

Conforme ordem recebida de seu patrão, assim que acomodou Luena em um confortável quarto, a governanta providenciou junto à modista do bairro uma boa quantidade de roupas para a linda negra. Cumprida essa determinação, já no segundo dia de sua estadia na Bahia, Luena vestia roupas confeccionadas com os mais lindos tecidos. Não fazia a mínima ideia do que estava acontecendo e nem qual seria seu destino dali para frente, mas, diante de todo aquele tratamento, tinha a sensação de que sua vida mudaria para melhor.

Àquela altura dos acontecimentos, Luena já se lembrava perfeitamente quem era Joaquim e também das circunstâncias nas quais se encontraram. Apesar de o rapaz ter dito que nunca mais faria tráfico de escravos, a jovem não se sentia completamente em segurança e estava ansiosa para conversar com ele e saber quais eram

suas reais intenções, mas o que Luena não sabia era que o jovem capitão estava muito mais ansioso que ela para ter essa conversa. Resolvidos os problemas, finalmente Joaquim voltou para sua casa, ao chegar, imediatamente percebeu o quanto a linda Oxum estava aflita, certamente por sua cabeça passavam inúmeras preocupações e perguntas.

Aos poucos, o rapaz foi deixando claro que sua intenção era ajudá-la da melhor maneira possível, lembrou que desde a primeira vez que a viu em Angola ficou extremamente encantado e que foi um momento tão marcante que nunca mais a esqueceu. Luena entendeu que Joaquim queria ajudá-la, mas percebeu que ele também sentia uma grande afeição por ela.

CAPÍTULO – XIII

LUENA CASA COM JOAQUIM

Os dias foram passando e os dois ficaram mais tempos juntos e assim a relação entre ambos foi se tornando mais íntima, em consequência dessa intimidade e confiança mútua, passaram a conversar sobre as particularidades de suas vidas.

Em uma dessas oportunidades em que conversavam distraidamente, Luena indagou sobre o motivo pelo qual não se casou, achava estranho ele ainda ser solteiro e salientou que o tempo em que estava no Brasil viu homens bem mais jovens que ele já casados. Inicialmente Joaquim ficou um tanto quanto desconcertado com a

pergunta, mas depois de refeito da inusitada pergunta e observação da jovem, o capitão sorriu e explicou que, por estar a maior parte de sua vida em viagens, até aquele momento, não pensava em casar e constituir família.

Aproveitando a pergunta e aquele momento de intimidade, Joaquim se declarou para a linda Oxum, confessou que desde a primeira vez que a viu na aldeia dos ovimbundu seu coração ficou tomado de amor. Luena ficou sem reação diante daquela declaração, ao perceber essa reação, Joaquim deixou claro que, de forma alguma, tinha a intenção de forçá-la a fazer qualquer coisa contra sua vontade, mas que estava sim apaixonado e que agora tendo ela ao seu lado, passou a cogitar a possibilidade de se casar. Apesar de conviver há pouco tempo com o rapaz, Luena passou a se interessar por ele, contudo, tinha pleno conhecimento que era comum os homens “brancos” terem escravas em seus leitos, porém, um homem “branco” casar com uma “ negra” era inconcebível, então, sutilmente desviou a conversa para outro assunto. Não queria causar problemas para o rapaz.

Luena sempre foi muito inteligente, percebendo mais esta qualidade na jovem negra, Joaquim orientou a sua governanta que a ensinasse ler, escrever e a fazer cálculos básicos. A jovem se empenhou de tal forma no aprendizado que, em poucos meses, já sabia ler razoavelmente bem e a escrever seu nome.

Embora tivesse a companhia de Linete, a governanta, Luena passou a sentir falta da companhia de Joaquim e esse dela, para não ficarem muito tempo sem se verem, Joaquim passou a levar Luena para ficar com ele na empresa e eventualmente o acompanhava durante as viagens para negociar as especiarias. Nessas ocasiões em que participava das negociações, aprendeu tanto sobre esse tipo de negócio, que acabou por ocupar uma função dentro da empresa.

Como já era de se esperar, os comentários maldosos começaram a surgir, para alguns, Joaquim mantinha Luena como escrava sexual e que seu emprego na empresa servia como disfarce para a vida depravada que levavam, mas eles não davam a menor importância aos falatórios.

Por aproximadamente um ano e meio, Luena permaneceu morando com Joaquim não na condição de amante, mas sim como amiga e companheira de trabalho. Mas a essa altura da convivência entre os dois, a amizade foi se transformando em amor até que ambos estivessem irremediavelmente apaixonados.

Há muito tempo Joaquim vinha pedindo a amiga em casamento, mas ela sempre dava um jeitinho de mudar o rumo da conversa, justamente com receio da reação das pessoas, principalmente no que poderia acontecer com Joaquim e seus negócios. Mas depois de algum tempo ao perceber que mesmo não sendo casados o relacionamento deles estava causando os mesmos comentários maldosos, Luena resolveu aceitar a proposta de casamento feita reiteradas vezes por Joaquim. O rapaz ficou feliz como nunca fora antes, finalmente ele teria plenamente a mulher da sua vida. O amor da sua vida.

Embora tenha emitido uma grande quantidade de convites, no dia do casamento, poucos convidados compareceram à cerimônia, apesar desse insignificante detalhe, ao completar 30 anos, a “Oxum Angolana” se casou com Joaquim. Quatro meses após o casamento, Luena começou a sentir os primeiros sinais da gravidez, Linete vivia às voltas com baldes para amparar as ânsias de vômito da gestante.

CAPÍTULO – XIV

RETORNANDO PARA ANGOLA

Embora a partir do momento em que conheceu Joaquim a vida de Luena mudou radicalmente para melhor, em seu âmago imperava a vontade de regressar para Angola e rever os parentes que lhe restaram. Joaquim tinha tanta afinidade com a esposa que já presumia isso.

Apesar de Joaquim ter nascido no Brasil, a maioria de seus parentes eram portugueses. Mesmo estabelecido na Bahia, nada o impedia de mudar de país e sendo Angola ainda colônia portuguesa, decidiu fazer uma surpresa a esposa e mudar seus negócios para lá.

Ao receber a notícia, Luena dava saltos de alegria, constantemente tinha que ser contida pela governanta. A decisão já estava tomada, contudo, pelo adiantado estado de gestação, Luena precisar de cuidados especiais e, mesmo depois do nascimento, precisava ficar em “resguardo”, resolveram então permanecer no Brasil até a criança completar 1 ano de vida e, nesse período, Joaquim teria um tempo para providenciar a transferência da empresa para Angola.

Pedro nasceu em terras brasileiras, mas viveu toda sua vida perambulando pelos mares como fazia seu avô paterno.

Com tudo acertado, se fazendo acompanhar pela querida governanta, a família iniciou sua viagem rumo à África. Durante todas as manhãs, como se fosse um ritual, Luena se dirigia para a proa do navio e, enquanto cruzavam o Atlântico, ficava olhando para o horizonte. Seu coração estava em paz, finalmente estava voltando para Angola, sua querida terra natal.

FIM



A CIGANA

CAPÍTULO – I

OS “ROMANIS”

Somos “os filhos do vento”. Assim se declaram os Povos Ciganos. Uns dizem que são povos descendentes dos antigos egípcios, outros que vieram da longínqua Índia. Ninguém sabe ao certo qual a origem, porém o que sabem ao certo é que, no decorrer dos séculos, vários grupos foram se formando e se espalhando pelo mundo afora, criando, assim, características próprias a cada um deles.

Existem várias versões sobre o motivo pelo qual sempre estão se movimentando de um lado para o outro, dentre elas, uma diz que essa constante necessidade de movimento se deve a uma terrível maldição que os condenou a vagar sem destino pelo mundo. Se é verdade ou não, isso acabou sendo irrelevante, mesmo porque preferem acreditar que são abençoados por terem a liberdade de ir para qualquer lugar que seus corações os mandarem.

Essa história narra a saga de uma linda cigana, pertencente ao grupo cigano da etnia romani e que, por amor, se viu envolvida por trágicos acontecimentos que marcaram profundamente sua vida e de sua família.

Porém, antes de iniciar, segue uma breve apresentação do grupo que essa cigana fazia parte e o ambiente onde os fatos se sucederam.

O povo romani, oriundo dos Bálcãs, foi um dos primeiros grupos que chegaram na Península Ibérica, sendo que, nessa região, como os

demais grupos, receberam o nome gitano.

Por sua natureza nômade, viviam transitando ora por terras portuguesas, ora por terras espanholas. Não eram donos de bens imóveis, assim sendo, suas posses consistiam em tudo aquilo que conseguissem carregar em suas carroças, mesmo assim, como os demais povos ciganos, deixavam para trás o que dela caísse.

Normalmente, para conseguirem algum dinheiro, faziam negócios vendendo partes de seus pertences, utensílios por eles fabricados e eventualmente prestando algum tipo de serviço à população das cidades.

Sejam quais fossem suas transações comerciais ou de serviços, normalmente pediam ou convertiam os pagamentos em ouro, dessa forma, sempre tinham algo de valor para ser utilizado em qualquer cidade ou país para onde fossem. Provavelmente por isso, a imagem que se tem dos ciganos está frequentemente associada ao uso de adereços cunhados em ouro.

Quanto à língua, se comunicavam utilizando caló, dialeto que é uma mistura da língua romani com o português, o galego e o castelhano. Essa complexidade da língua dificultou aos ciganos manterem registros escritos ou literatura que possam contar sua real origem e trajetória. Sem esses registros, as histórias e tradições dos vários grupos ciganos eram passadas às novas gerações através de relatos orais.

No grupo familiar cigano, o pai detém a autoridade, sendo os mais idosos os merecedores da mais alta consideração e respeito. Eram vistos e tratados como os guardiões da sabedoria e da experiência. Considerados sábios, seus conselhos eram ouvidos por todos os integrantes do grupo como sendo a voz do conhecimento. Os mais antigos também atuavam como conselheiros e consultores nos tribunais de justiça.

Enquanto os homens representavam o pulso forte da família, as mulheres representavam o lado terno e espiritual dos lares ciganos, cabendo a elas cuidarem das tarefas do lar e da educação dos filhos, com especial atenção às meninas, que ficavam sempre próximas à mãe, ajudando nas tarefas da casa e a cuidar dos irmãos menores. Cabia também à mãe ensinar às filhas as tradições e os costumes ciganos, tais como a dança, a leitura das cartas e das mãos. Apesar de não terem uma religião oficial, normalmente adotavam a religião do país em que viviam, porém mentiam a devoção a “Santa Sara Kali”, protetora dos povos ciganos. Infelizmente, pelo fato de a santa de origem cigana não ser uma santa católica, muitas das vezes eram acusados de hereges.

CAPÍTULO – II

NATASHA

Toda a história tem origem nos recém-casados Marlon Gonçalo e Zaira e desse casamento nasceu Juan. Viveram felizes por um bom tempo, mas infelizmente, quando Juan contava com apenas 5 anos de idade, Zaira veio a falecer em decorrência de uma doença que já a importunava há muito tempo. Após a morte da esposa, Marlon, com a ajuda de alguns parentes, passou a ocupar boa parte de seu tempo cuidando do menino, mas, apesar de toda a ajuda recebida, mal conseguia exercer sua atividade profissional de ferreiro.

Marlon ainda era bem jovem, tinha aproximadamente 23 anos e não tinha muita experiência em cuidar de uma criança, então, mediante a essa dificuldade, compreendeu que precisaria se casar novamente. Contudo, não queria casar somente devido à necessidade de arrumar uma esposa para ajudá-lo na criação de seu filho, mas também porque se sentia muito solitário. O que a princípio lhe pareceu ser de fácil solução, no decorrer dos meses, percebeu que não seria tão fácil quanto ele imaginava, pois, em seu grupo de ciganos, a maioria das mulheres já estavam comprometidas ou eram jovens demais para se casarem.

Os dias foram passando e a vida de Marlon foi se complicando cada vez mais, assim não conseguindo uma esposa em seu grupo, o jovem gitano passou a procurar em outros grupos gitanos uma companheira para ajudá-lo a criar o filho e, obviamente, aquecer seu coração nas noites de frio. Por vários meses, percorreu a região à procura da mulher que atendesse às suas expectativas, embora, tenha se encontrado com algumas, nenhuma agradou ao seu coração.

Marlon já considerava a possibilidade em ter que criar Juan sem a ajuda de uma mulher, quando, cinco meses depois da perda da esposa, um grupo de ciganos vindos de Portugal se juntou ao seu acampamento. Naquela época, os povos ciganos sofriam com as constantes perseguições e ameaças por parte dos habitantes das terras pelas quais passavam, então, quando precisavam montar acampamento, sempre que possível, procuravam se juntar a outros grupos e, dessa forma, aumentar a segurança. Foi justamente nesse grupo recém-chegado que finalmente Marlon veio a conhecer aquela que viria a ser sua esposa.

Natasha era filha do chefe daquele grupo, para os padrões ciganos, já tinha passado do “tempo de se casar” — normalmente se casam a partir dos 15 anos — inclusive era cinco anos mais velha que Marlon.

Era uma cigana lindíssima, além da beleza, era inteligente e encantadora, mas o que mais a distinguia entre as outras ciganas era sua habilidade nas artes místicas, esotéricas e das curas. O jovem gitano logo se apaixonou pela linda visitante e, pelo o que se percebia pelas trocas de olhares, ela também se interessou por ele.

Durante os primeiros meses em que os diferentes grupos permaneceram unidos, Marlon e Natasha mantiveram vários contatos e assim passaram a se conhecerem melhor. Mesmo com tão pouco tempo de relacionamento, a atração inicial que sentiram um pelo outro acabou se transformando em amor. E para a felicidade de Marlon, seu filho Juan também simpatizou pela encantadora Natasha. Com seus corações tomados pela paixão, resolveram por fim se casar, embora não fizesse nenhuma questão, mas, como era costume entre os ciganos, Marlon precisou acertar o “dote” que receberia do pai na noiva, então, logo que foi resolvida essa questão, Marlon passou a ser oficialmente o pretendente de Natasha.

A noiva estava lindíssima, suas vestes coloridas, com predominância do vermelho, combinadas com os ornamentos de ouro, a tornaram ainda mais deslumbrante. Durante quatro dias, as famílias se confraternizaram com fartura de comida, bebida e, como não poderia deixar de ser, com muita música e danças.

Dois meses após o casamento, o grupo ao qual Natasha pertencia partiu em viagem. Partiram seguindo o vento, deixando a linda cigana aos cuidados de Marlon.

CAPÍTULO – III

NASCIMENTO DE SORAYA

O tempo foi passando e, desse casamento, já chegando ao final da primavera de 1739, nasceu Soraya. Nessa ocasião, Juan Gonçalo completava 7 anos de idade, estava muito feliz pela chegada da irmãzinha.

Marlon não se continha de tanta felicidade, casou com a mulher que amava e que acolheu Juan como filho e agora também lhe dava uma linda menina.

De tempos em tempos, conforme as necessidades que se faziam, o grupo ora se deslocavam para uma região, ora para outra e nela permanecendo — quase sempre nos arredores de um povoado — apenas o tempo necessário para venderem seus produtos e serviços, e foi dessa maneira que Marlon e Natasha criaram e educaram os filhos, em constantes movimentos.

Apesar da tenra idade de Soraya, aqueles que conviviam mais próximos a ela, percebiam que a menina era diferente das outras crianças de sua idade. Seus olhos fitavam tão profundamente, que pareciam penetrar a alma das pessoas com quem conversava. Por vezes, parecia que a menina conseguia ler seus pensamentos as deixando até um pouco desconcertadas.

Como de costume nas famílias ciganas, Natasha passou a ensinar à querida filha a arte da leitura das cartas e das linhas das mãos. Eram ensinamentos que, tradicionalmente, toda mãe cigana passava para suas filhas, contudo, na grande maioria dos casos, as meninas apenas aprendiam as técnicas de leitura, não tinham verdadeiramente o “dom” da premonição e da adivinhação. Entretanto, no caso de Soraya, Natasha percebeu que a menina tinha herdado dela o “dom divino” de fazer adivinhação pelas cartas e pela quiromancia. A menina tinha realmente o poder de prever o futuro.

Além dos ensinamentos esotéricos, Natasha também transmitiu à Soraya todo o seu conhecimento de curandeira, principalmente sobre

a identificação e a utilização terapêutica das ervas medicinais. Em pouco tempo, a menina já dominava boa parte dos conhecimentos sobre a arte de curar.

Com aproximadamente 15 anos de idade, Soraya passou a medicar os enfermos do seu grupo e, eventualmente, os doentes oriundos dos povoados próximos de onde acampavam.

Como todas as mulheres ciganas, embora ainda fosse bem novinha, Soraya era muito vaidosa, gostava de usar vestidos e lenços de tecidos com cores vivas — tal qual sua mãe, tinha preferência pelo vermelho — além de colares, brincos e pulseiras, em sua maioria, como não poderiam deixar de ser, confeccionados com o mais puro ouro. Os homens eram mais discretos e normalmente se vestiam como os da região na qual montavam o acampamento, mesmo porque não queriam chamar a atenção das pessoas.

Além de suas capacidades mediúnicas e de curandeira, a linda cigana também aprendeu com a mãe, a dança flamenca, habilidade essa que a tornou famosa entre seu grupo de ciganos e também entre os “não ciganos”.

CAPÍTULO – IV

A RAINHA CIGANA

Soraya se tornou uma mulher lindíssima. Seus longos cabelos negros emolduravam seu rosto angelical e seus olhos castanhos claros brilhavam tão intensamente que, por vezes, as pessoas com as quais

conversava sentiam-se como estivessem hipnotizadas. Sua pele ligeiramente bronzeada — talvez reminiscência de sua origem egípcia ou indiana — complementam sua singular beleza.

Estava agora com 20 anos, idade que normalmente já deveria estar casada. Pretendentes não lhe faltavam, mas, até aquele momento, não tinha interesse em se casar. Apesar desse desinteresse da filha, os costumes dos ciganos precisavam ser seguidos, em virtude disso, seus pais, preocupados com o futuro da filha, resolveram prometer a “mão” da bela gitana a Ramon, filho de uma família amiga e querida.

Soraya sentia apenas amizade pelo rapaz para quem foi prometida, embora não tivesse nenhum interesse e entusiasmo com essa união, achou por bem acatar temporariamente a vontade dos pais, pelo menos até encontrar um jeito de se livrar desse compromisso.

Sua incrível habilidade premonitória e seu carisma em pouco tempo a tornou conhecida e admirada até mesmo pelos outros grupos de ciganos. Muitos vinham de longe somente para conhecer a mulher que tinha o “dom” de ler com precisão, seja pelas cartas, seja pelas linhas das mãos e o futuro das pessoas.

Soraya era constantemente procurada por pessoas que desejavam saber de seus futuros, contudo, o que realmente a deixou conhecida entre seu povo foi o fato de ter uma incrível capacidade de curar doenças ou feridas. A simples imposição de suas mãos sobre o doente lhe proporcionava uma sensação de bem-estar que, de imediato, o fazia sentir-se melhor. Havia também aqueles que a procuravam tão somente para ter uma palavra amiga ou para obter uma resposta sobre um ou outro problema pelo qual estivessem passando. Não se recusava a receber quem viesse a sua procura, a bela gitana estava sempre disposta a ajudar aqueles que necessitassem de sua ajuda. É certo que tinha momentos e, mesmo dias, em que ficava arredia e se afastava de tudo e de todos, mas, na maior parte do tempo, se

dedicava a realizar trabalhos humanitários em benefício de seu povo e, eventualmente, de qualquer outra pessoa que a procurasse em busca de socorro físico e espiritual.

No seu dia a dia, Soraya atendia tantas pessoas que por vezes ficava esgotada fisicamente, contudo e apesar desse cansaço, sentia-se feliz em poder ajudar aqueles que necessitassem de suas habilidades esotéricas e medicinais. Mesmo cansada, sempre atendia seus pacientes com um lindo sorriso e um afetuoso abraço. Com essa calorosa recepção, as pessoas se sentiam acolhidas e queridas, na verdade, com essa atitude, a linda gitana iniciava o tratamento do espírito e ou corpo de quem a ela recorria.

Extremamente respeitada e admirada por seus “dons” espirituais e extrema bondade com seus semelhantes, passou a ser chamada e considerada como a “Rainha dos Ciganos” castelhanos.

Infelizmente, à medida que se aproximava a data para a concretização de seu casamento, a cigana começou a perder a alegria que também a caracterizava, na verdade, a alegria, pouco a pouco, foi dando lugar a uma profunda tristeza, ao ponto de, em muitas ocasiões, não conseguir se concentrar a fim de se conectar com a espiritualidade.

Apesar da boa amizade que mantinha com o rapaz, pouco era vista em sua companhia, por vezes, procurava deixar bem claro que não estava feliz com aquela situação, mas Ramon não se importava com isso, estava apaixonado e disposto a casar com a linda cigana, mesmo sabendo que seu amor não era correspondido.

Juan sabia que a linda irmã não era apaixonada por Ramon e que cumpria apenas os compromissos firmados pelas respectivas famílias, mas, para seu desgosto, não tinha o que se fazer para tirar a irmã daquela situação.

CAPÍTULO – V

A FESTA DE SÃO MIGUEL ARCANJO

Normalmente, por uma questão de segurança, os ciganos procuram montar seus acampamentos afastados das cidades, e só entram nelas a fim de pôr em prática suas habilidades profissionais e artísticas e, com elas, ganharem algum dinheiro para o sustento do grupo, mesmo assim, o fazem no menor tempo possível e sempre atentos aos problemas que possam vir a ocorrer.

Era 29 de setembro de 1759, data dedicada ao Arcanjo Miguel, Padroeiro da Cidade de São Miguel, extremo Norte da Espanha. Era uma data festiva para a cidade — normalmente os festejos se estendem por três ou quatro dias. Todos os moradores, do mais pobre ao mais abastado, participavam desse tão aguardado dia. As comemorações e competições basicamente aconteciam no entorno da Igreja de São Miguel Arcanjo.

Obviamente, os ciganos não podiam perder essa oportunidade de exercerem suas habilidades profissionais e “artimanhas”. Em um dia festivo como aquele, tinham a possibilidade de ganhar um bom dinheiro, pois, além de venderem os produtos que fabricavam, também realizavam apresentações circenses, como malabarismo e alguns truques de mágica.

A população da cidade já tinha conhecimento da presença dos ciganos e, apesar da costumeira desconfiança por uma boa parte das pessoas dos moradores, foram relativamente bem recebidos, mesmo porque estavam ali para oferecer vários tipos de entretenimento. Embora fosse o primeiro dia de apresentação, a fama de Soraya como

sendo uma dançarina de extrema sensualidade precedeu sua chegada à cidade. Em consequência dessa informação, o momento mais esperado dos festejos eram as apresentações de canto e dança que a cigana costumava realizar.

Nessa noite de festas, os pais de Juan e Soraya decidiram permanecer no acampamento, então passaram para Juan a responsabilidade de cuidar da irmã. O jovem cigano sabia que essa seria uma tarefa bem difícil, pois as habilidades de Soraya há muito eram de conhecimento da população e certamente a todo o momento ela seria assediada por pessoas interessadas em saber seus futuros. Mas, excepcionalmente naquela noite, Soraya estava ali somente para cantar e dançar, estava ali para apresentar toda sua alegria e sensualidade cigana. Na verdade, era exatamente isso que deixava Juan mais preocupado. Ele sabia como os homens ficavam fascinados ao vê-la dançar, por vezes, precisava intervir para que não a agarrassem.

Acompanhada por um melodioso som de violino, Soraya iniciou sua apresentação com uma deliciosa canção romântica, sua voz aveludada fazia com que suas melodias invadissem sem pedir licença a alma dos extasiados espectadores os fazendo suspirar por seus amores secretos ou perdidos. Era hipnotizante assistir àquela linda cigana dançando. Depois das canções românticas, a linda cigana passou para as canções vibrantes.

Nessa parte do espetáculo, ela alternava as canções com sua dança flamenca. Durante a dança, seus movimentos de mãos repletos de sentimentos transmitiam toda a alegria e misticismo de seu povo errante.

Enquanto a linda cigana cantava e dançava, era incrivelmente perceptível que aflorava nela toda a sua genuína alma gitana. Mesmo aqueles que viam os ciganos com ressalvas, quando Soraya fazia sua

apresentação, se aproximavam da “roda” para apreciarem sua beleza encantadora.

Nessa noite, talvez sob a influência da lua cheia, Soraya se apresentava como se possuía pelas misteriosas forças da natureza. Com sutil sensualidade, seus gestos, em certos momentos, eram suaves como uma brisa marinha, passeando sobre as areias da praia, em outros, como um vendaval que encapela o mar. Seu leque ora cortava o ar com a graciosidade de um colibri, ora com a velocidade do bater das asas de um falcão peregrino. A população da pequena cidade, a cada movimento realizado pela bela cigana, ia ao delírio. Mesmo aqueles que estivessem à distância, certamente poderiam ouvir os aplausos e gritarem pelo nome Soraya!

CAPÍTULO – VI

O ASSÉDIO DE JONATAS

Foi durante o primeiro dia apresentações na cidade que veio ocorrer o fato que viria mudar tragicamente todo o clima de tranquilidade e de paz que, até aquele momento, existia entre os ciganos e os moradores da cidade, assim como também viria a causar grande sofrimento e mudar drasticamente a vida da linda cigana Soraya.

Presente à festa, estava Jonatas, filho de um dos homens mais ricos da região. Apesar de ter muitas posses, o rapaz era uma pessoa simples, cordial e sempre disposto a ajudar quem o procurasse. Todos

nas redondezas lhe tinham grande apreço, enfim, era realmente uma pessoa de bom coração e muito querido por todos.

Jonatas, ao ouvir chamarem insistentemente pelo nome Soraya, resolveu averiguar de quem se tratava, ao chegar na roda, assim que viu a linda cigana, sentou como se estivesse sendo arrebatado. Soraya, com sua beleza e a sensualidade com a qual se apresentava, causou uma impressão tão impactante no rapaz e que, no mesmo instante, se apaixonou pela dançarina cigana. Foi realmente amor à primeira vista. Por horas, Jonatas permaneceu no local admirando a mulher que acabara de conquistar seu coração.

Depois das apresentações artísticas, o grupo cigano se dispersou e cada indivíduo foi em busca de algum dinheiro extra, os homens tentando vender seus artefatos trabalhados em ferro e cobre, e as mulheres vendendo sonhos, ilusões e... sexo.

Apesar do clima festivo, havia sempre a possibilidade de desavenças entre ciganos e não ciganos e, em virtude disso, nessas ocasiões, Juan procurava manter Soraya sob sua vigilância e proteção, mesmo porque não poderia deixar que algum mal a alcançasse, afinal, ela estava sob sua inteira responsabilidade.

A festa já entrava pela madrugada quando ao longe Juan percebeu que Jonatas se aproximou de Soraya e passaram a conversar. Tudo indicava que estavam se entendendo muito bem, então, Juan achou por bem não intervir e foi cuidar da sua vida, afinal, também precisava ganhar algum dinheiro.

Já com o dia raiando, o grupo de ciganos iniciou seu retorno para o acampamento, embora cansados, todos estavam felizes, pois conseguiram o dinheiro que precisam para seus gastos, Soraya então... estava numa alegria que há muito não viam nela. Juan considerou que tanta alegria devia-se ao fato de que, logo no primeiro dia de

comemoração alusivo ao dia do Arcanjo Miguel, terem obtido um bom lucro com nos negócios. Não poderia estar mais enganado.

Durante essas comemorações, os ciganos, ao mesmo tempo que procuravam ganhar algum dinheiro com sua respectiva habilidade, também se divertiam com as outras atrações da festa, como jogos, corridas e tiro ao alvo. Juan acreditava que desta vez conseguiria participar de algumas competições, já que, na noite anterior, precisou tomar conta da irmã. Para seu desgosto, quando se preparavam para sair, seus pais informam que mais uma vez permaneceriam no acampamento, conseqüentemente, Soraya ficou novamente sob a responsabilidade do irmão.

Na segunda noite de comemoração, os ciganos recomeçaram com suas atividades costumeiras, mas, como se previa, a apresentação mais esperada era a sensual dança de Soraya. Foi um delírio quando ela iniciou sua apresentação de dança flamenca, a alegria e os envolventes movimentos eram tão contagiantes que, por diversas vezes, os espectadores voltaram a lançar repetidamente ao ar o nome da linda e mística cigana.

Embora não estivesse se divertindo como pretendia, Juan procurava pelo

menos observar os jogos e demais brincadeiras. Tudo corria bem até que percebeu que Jonatas mais uma vez assediava Soraya e o que deixou mais preocupado foi ela também demonstrava estar interessada no rapaz. Aquela atitude com certeza se tornaria um problema gravíssimo, já que era comprometida com Ramon e o rompimento desse acordo seria considerado uma desonra para a família do noivo e muito mais para a da noiva.

CAPÍTULO – VII

A LUTA SANGRENTA

Os temores que atormentavam Juan se concretizaram, Ramon, percebendo as investidas de Jonatas sobre sua prometida, foi tirar satisfações com o rapaz da cidade. Juan tentou a todo custo contornar a terrível situação, porém não conseguiu evitar o confronto entre os dois pretendentes da jovem cigana. Após uma discussão com trocas de ofensas, os dois jovens apaixonados partiram para a violência física. A briga entre eles se desenrolava com extrema ferocidade, Jonatas era mais forte e levava vantagem no combate, mas Ramon não recuava e, mesmo ferido, continuava a atacar seu rival. Embora a briga fosse real, as pessoas aplaudiam e incentivavam como se aquela, fosse apenas mais uma apresentação, inclusive apostas foram realizadas.

Percebendo que estava em dificuldades para subjugar o oponente, Ramon saca de uma adaga e parte para cima de Jonatas. Diante dessa investida do cigano, agora portando uma lâmina, Jonathan também saca de sua faca e tenta se defender dos golpes aplicados por seu oponente. A essa altura da peleja, tanto Ramon quanto Jonatas tinham cortes profundos em seus corpos. Ao perceberem que a briga se tornou mais séria do que esperavam, os espectadores se desesperaram, pois, até alguns instantes atrás, acreditavam que a luta rapidamente cessaria, mas muito pelo contrário, se tornou ainda mais acirrada.

A briga tomou um rumo em que certamente um dos rapazes sairia morto do combate, para evitar que essa fatalidade viesse a ocorrer, Soraya, sem se dar conta do perigo que também corria, se colocou

entre ambos a fim de acabar com a luta. Surpresos com o surgimento da cigana, Jonathan e Ramon, por alguns segundos, interromperam a luta dando o tempo suficiente para que os respectivos amigos dos brigões os imobilizassem.

O pai de Jonatas, sendo o homem poderoso da região e quem praticamente “mandava” na região, determinou que os ciganos se retirassem e nunca mais retornassem à cidade. Quanto a Ramon, o mais prejudicado na briga, praguejando, jurou que iria acabar com a vida de Jonatas. A partir dessa noite, a harmoniosa convivência entre nos ciganos e os moradores da cidade repentinamente se transformou em um verdadeiro caos. Um terrível desastre.

Aliviada a tensão, rapidamente Juan pegou a irmã e a conduziu para o acampamento a fim de pôr os pais cientes do acontecido, Juan sabia que, dali para frente, sua família passaria por problemas seríssimos. Certamente seriam confrontados pelos pais de Ramon.

O chefe do grupo estava extremamente enraivecido, pois, em virtude do sério episódio, não só foram expulsos das festividades como corriam o risco de não poderem vender seus produtos na cidade e, assim sendo, teriam que levantar acampamento imediatamente e seguirem para outra cidade.

CAPÍTULO – VIII

O SUMIÇO DE SORAYA

Ramon estava extremamente revoltado quanto a seus pais consideravam que a honra da família foi seriamente ultrajada. Acreditavam que, se Soraya não tivesse dado atenção ao rapaz da cidade, aquela desordem não teria acontecido. Tentando amenizar o mal-estar, os pais de Soraya sugeriram antecipar o casamento entre seus filhos. O pai do noivo prontamente concordou com a ideia e, para não perderem tempo, combinaram que, já no dia seguinte, iniciariam os preparativos para o enlace do casal.

Soraya entrou em desespero, nunca escondeu que não amava Ramon e que casaria com ele apenas para honrar o trato celebrado entre as famílias, mas agora a situação tinha mudado, seu coração, a essa altura, batia mais forte por Jonatas. A linda cigana sempre foi uma mulher intrépida, decidida, alegre e sorridente, porém, naquela noite, se tornou triste e amargurada.

Juan não podia fazer nada a respeito, mas acreditava que tudo ia acabar dando certo e que a irmã, com o tempo, esqueceria Jonatas e se resignaria com o casamento. Estava enganado, logo nas primeiras horas do dia seguinte, ao acordarem, sentiram a falta de Soraya, preocupados com seu desaparecimento saíram a procurar por todo o acampamento e arredores, mas não a encontraram. O que tornava a situação mais tensa e preocupante era que, normalmente ao sair, Soraya sempre informava para onde ia.

Até então, apenas Juan e seus pais sabiam do desaparecimento, mas como não a encontraram, precisavam avisar ao chefe do grupo.

Em uma última e angustiante tentativa para encontrar a irmã, Juan foi até a carroça de Ramon sondar se ele tinha algo a ver com o sumiço de Soraya, pois considerou a possibilidade de o noivo ter raptado sua pretendida para depois se acertar com os pais. Tinha a esperança de ter sido esse o motivo para o desaparecimento de Soraya, na verdade, até rezava para que fosse isso o que aconteceu, mas não

foi o que ocorreu; o problema era mais grave do que contava que fosse.

Diante dessa situação, foi necessário colocar todo o grupo ciente do ocorrido. Ramon ficou transtornado, estava loucamente apaixonado e perder Soraya não fazia parte de seus planos para o futuro.

Agora, com o auxílio de mais gente, novamente vasculharam todo o acampamento e no seu entorno, mais uma vez não obtiveram êxito em encontrá-la. Pelo tempo em que estava desaparecida, os ciganos sabiam que ela não poderia ter ido para muito longe, então, logo surgiu a possibilidade de que ela tivesse fugido para a cidade. Apesar de terem sido expulsos, Juan precisava retornar à cidade e procurar pela irmã. Como esperado, foram mal recebidos e, além disso, ninguém queria falar com eles, mesmo assim, correndo um grande risco, percorreram toda cidade à procura de Soraya. Foi em vão, não conseguiram nenhuma informação a respeito de seu paradeiro.

Conforme o dia dava lugar à noite, as preocupações sobre o paradeiro de Soraya aumentavam cada vez, porém os ciganos consideraram não ser seguro andar à noite, então retornaram para o acampamento.

CAPÍTULO – IX

LENDO AS CARTAS

Marlon e Natasha não tinham a menor pista de onde Soraya poderia estar, procuraram por todos os lugares onde havia a possibilidade de encontrá-la, mas não obtiveram êxito nas buscas. Esgotados todos os meios naturais para encontrá-la, a alternativa foi apelar para as entidades sobrenaturais.

Nessa noite, Natasha colocou em prática o seu precioso “dom” da vidência por meio da leituras das cartas, assim sendo, à meia-noite em ponto, na penumbra de sua tenda, após uma série de invocações espirituais, Natasha entra em transe e uma a uma as cartas do tarot cigano foram colocadas sobre a mesa.

Nessa consulta às cartas, era possível sentir no ambiente, a presença de uma forte energia, ora positiva, ora negativa. Em meio a essas energias ou guiadas por elas, a sequência em que as cartas foram sendo arriadas foi arrepiante.

Carta 15 – O Diabo;

Carta 6 – Os Namorados;

Carta 7 – O Enforcado e

Carta 13 – A Morte.

Em profundo transe, Natasha fez o seguinte relato: “Soraya foi tentada e seduzida com a chegada de um inesperado amor, foi necessário que ela fizesse uma escolha entre dois homens. Ela tinha que seguir seu coração, mas também sabia que iria arcar com as consequências de sua escolha e, em virtude de toda essa situação, uma fatalidade a aguardava.”

Também presentes à sessão Ramon e seus pais, que ouviam atentamente as palavras de Natasha.

Embora as cartas não tenham sido conclusivas com relação ao paradeiro da irmã, algumas coincidências foram observadas e logo Juan percebeu uma possível correlação com o episódio envolvendo Jonatas, o rapaz da cidade.

CAPÍTULO – X

CONFRONTO NA FAZENDA

Imediatamente após a exposição de sua mãe, Juan ficou visivelmente transtornado, assim como presumia que Soraya tinha partido ao encontro de Jonatas, certamente Ramon teve o mesmo entendimento. E foi exatamente isso que aconteceu, de repente, o fantasmagórico silêncio que reinava no interior da tenda foi quebrado pela abrupta saída de Ramon.

Juan sabia que tanto o rapaz da cidade quanto Soraya corriam perigo, então, a fim de amenizar a situação, foi ao encalço de Ramon para tentar acalmá-lo e evitar que fosse tomar satisfações com Jonatas. Infelizmente não conseguiu detê-lo, Ramon queria a todo custo se vingar de Jonatas e agora também de Soraya.

A fazenda de Jonatas não era muito distante do acampamento, a única solução seria Juan chegar antes de Ramon e tentar evitar um derramamento de sangue. Então sem demora, apeou seu cavalo e saiu galopando noite adentro ao encontro do jovem casal. A estrela-d'alva já anunciava o alvorecer quando finalmente chegou à fazenda.

Logo que chegou nas proximidades da casa, foi abordado por seguranças que de imediato o conduziram à presença de Jonatas. As cartas estavam certas, Soraya se encontrava em companhia do rapaz. Juan não tinha tempo a perder, então rapidamente colocou o casal a par do que estava ocorrendo. Diante da trágica situação, sugeriu que deveriam fugir o mais breve possível. Infelizmente, Jonatas estava decidido a não fugir, pois aquela era a sua casa, sua cidade e, acima de tudo, aquela mulher era o amor de sua vida. Devidamente alertado,

Jonatas ordenou que um de seus capatazes fosse à cidade e trouxesse o maior número possível de pessoas dispostas a combater os ciganos invasores.

O sol começava a despontar no horizonte quando Ramon, acompanhado por alguns integrantes de sua família, chegou à fazenda. Dentro da casa, Soraya aguardava com apreensão o terrível confronto que estava a ponto de ser travado por sua causa. Quanto a Juan, não tinha outra escolha, precisava ficar ao lado de sua irmã e protegê-la da ira de Ramon.

Sabedores das intenções dos ciganos, assim que eles atravessaram os portões da fazenda, foram recebidos a tiros pelos capatazes de Jonatas. Os ânimos estavam extremamente acirrados, a essa altura da luta, já era possível contar muito feridos e alguns mortos. Até certo ponto da batalha, o grupo de Ramon levava vantagem, mas, com a chegada dos reforços solicitados por Jonatas, os lados igualaram em força e em brutalidade.

Durante o confronto, Jonatas foi mortalmente ferido e ensanguentado caiu ao solo, percebendo que seu amado estava caído no campo de batalha, ignorando o selvagem combate que ocorria no terreno, Soraya correu ao encontro de seu amor para ajudá-lo. Ao chegar, ainda o encontrou com vida, porém, alguns minutos depois o jovem faleceu em seus braços. Decidida a vingar, Soraya pegou a arma que Jonatas portava e andou a esmo procurando pelo assassino de seu amor. Infelizmente, Ramon queria lavar sua honra com sangue e também a procurava e não tardou muito para que os dois se encontrassem naquele mar de sangue. Ao ver a cigana se aproximar, Ramon impiedosamente a alvejou com um tiro quase à queima-roupa. Ferida no ombro, Soraya caiu se contorcendo devido à terrível dor que ferimento causava. Juan, ao ver a querida irmã caída ao solo toda

ensanguentada, correu ao seu encontro para socorrê-la, mas, ao se aproximar, percebeu que Ramon se preparava para atirar novamente.

Instintivamente Juan olha ao entorno e pega uma das armas que ficaram pelo chão durante o confronto e passa a atirar em direção a Ramon, o atingindo sem gravidade, porém o suficiente para impedir que ele matasse Soraya.

CAPÍTULO – XI

SORAYA É BANIDA DO GRUPO

Tudo aconteceu muito rápido, lamentavelmente, Juan não pode impedir que a irmã fosse ferida, mas conseguiu chegar a tempo de evitar que Ramon lhe desse o tiro fatal.

Acuado e ferido, Ramon e seu bando bateram em retirada, mas foram perseguidos pelos amigos de Jonatas até próximo ao acampamento. Assim que foram alcançados, teve início um novo confronto e, desta vez em menor números, a maioria foi morta em combate, entre eles estava Ramon.

Diante desses acontecimentos lastimáveis, só restou a Juan pegar sua querida irmã e levá-la o mais rápido possível para o acampamento a fim de tratar de seu ferimento. Em virtude dessa trágica história de amor, nesse fatídico dia, as famílias enterraram e choraram a perda de seus entes queridos. Uma tragédia que nem mesmo o tempo conseguiu aplacar a dor pelas suas perdas.

Os ciganos, que há muito tempo não eram bem-vindos na cidade, a partir daqueles acontecimentos passaram a ser hostilizados ainda mais impiedosamente, tornando insustentável a permanência deles em São Miguel Arcanjo. Mediante a esse clima extremamente tenso, os romani precisavam sair imediatamente daquela região. Embora os amigos de Jonatas tenham eliminado Ramon e a maioria dos ciganos que o ajudaram na invasão da fazenda, certamente ainda sofreriam mais retaliações ou mesmo a eliminação de todo o grupo.

A atitude de Soraya foi de encontro a todas leis, tradições ciganas e desestabilizou toda a harmonia até então existente no acampamento. A família de Ramon, ávida por justiça, exigiam que o chefe do grupo aplicasse a “pena capital” sobre Soraya, mas o chefe, considerando a origem da cigana — seu avô era um dos chefes ciganos mais antigos na Península Ibérica —, optou pelo banimento dela.

Apenas Soraya foi banida, mas estava evidente que toda sua família não tinha mais condições de viver naquele grupo, então, mesmo antes dos funeral de Ramon e seus amigos, Marlon preparou sua carroça e partiu com a família para um destino repleto de incertezas.

As informações sobre aquele trágico acontecimento em poucos dias chegaram ao conhecimento dos outros grupos ciganos. Diante da gravidade do ocorrido, onde quer que Marlon chegasse com sua família, era rudemente repellido e obrigado a sair.

Durante quase um ano, a família de Marlon vagou pela Espanha, foi somente às custas de insistentes pedidos por parte de Natasha que seu pai aceitou a inclusão de sua família ao grupo, porém, os primeiros meses foram terríveis, mesmo sendo neta do chefe do grupo, por vezes Soraya era hostilizada pelos demais gitanos. Somente tempos depois foi que as hostilidades foram abrandando.

CAPÍTULO – XII

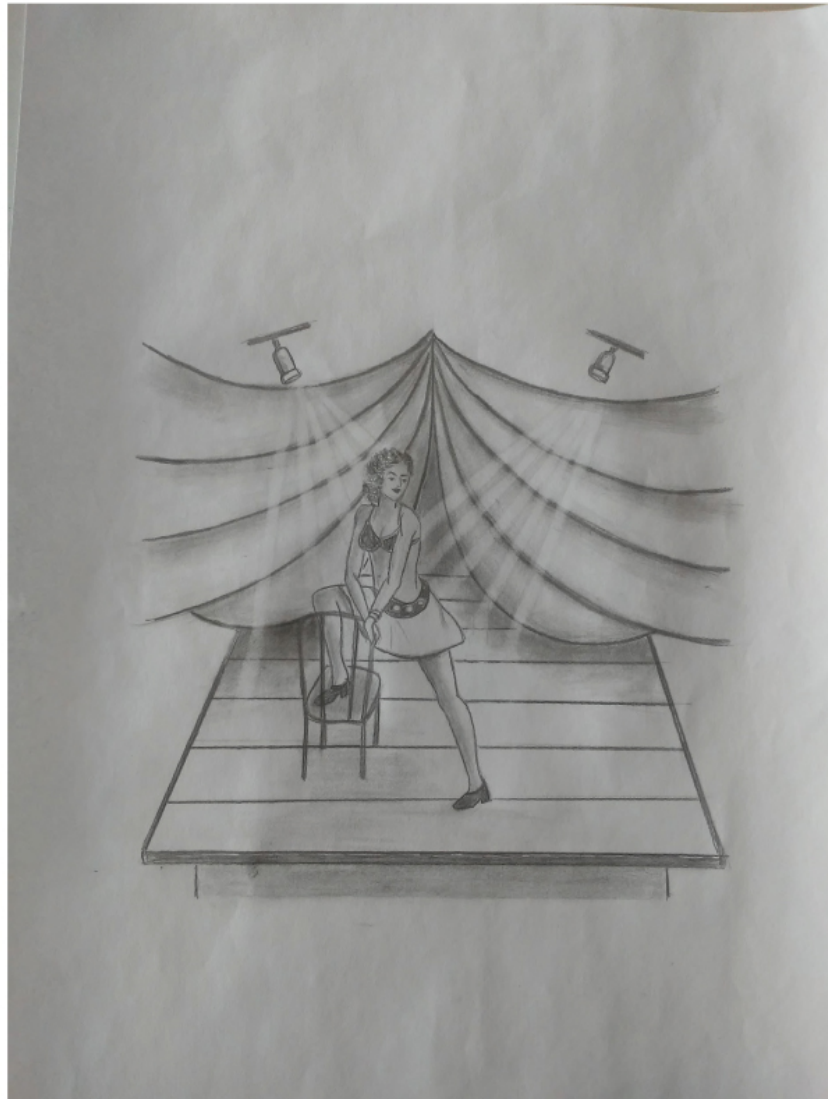
A RAINHA CIGANA RENASCE

A partir daquela fatídica e triste manhã quando seu grande amor foi assassinado, se foi também toda a alegria e sensualidade que caracterizavam a linda cigana. Foram tempos difíceis e de muito sofrimento para toda família, principalmente para Soraya. A tristeza que tomou conta do coração da linda cigana era tanta que, ao chegar no grupo cigano do avô, passou a levar uma vida reclusa e solitária, interagindo somente com seus pais e o irmão. Somente meses após sua chegada foi que, aos poucos, começou a manter contato com os demais ciganos, como sua mãe certa vez lhe falou, nada como o passar do tempo para cicatrizar as feridas do corpo e da alma.

Apesar de todos os sofrimentos pelos quais passou, a linda cigana não perdeu seu “dom divino” de predizer o futuro e tampouco o de curar as pessoas. Assim, atendendo às necessidades daqueles que necessitavam, lentamente foi se recuperando e, aos poucos, voltou a interagir com os demais ciganos, ora fazendo a leitura de cartas e linhas das mãos, ora exercendo suas habilidades de curandeira.

Ao retomar suas atividades humanitárias, o coração de Soraya novamente foi preenchido pela “fogo cigano” e assim, gradativamente, voltou a ter toda a admiração e consideração do seu povo. Pouco a pouco, resgatou seu título de “Rainha dos Ciganos”.

FIM



A DAMA DA NOITE

CAPÍTULO – I

INÊS E TENÓRIO

Inês, neta de escravos libertos, nasceu e se criou em Vassouras, cidadezinha do interior do Rio de Janeiro. Ainda com 16 anos, a fim de ajudar no sustento da família, começou a trabalhar em uma das fazendas onde cultivavam café. Nessa fazenda, conheceu o rapaz com quem viria a se casar. Tenório também ganhava a vida colhendo café e, eventualmente, como sapateiro. Tinha dez anos a mais que ela, mas, para Inês, essa diferença de idade não importava. Três anos após se conhecerem, o jovem casal resolveu se casar, embora tenha sido uma cerimônia bem simples, a felicidade de ambos deu brilho à festa.

A colheita do café era por demais extenuante e Tenório não desejava aquela vida para sua jovem esposa, então, com as economias que juntou durante os anos em que trabalhou na fazenda, pegou a esposa e foi morar na capital. Sua intenção era chegar na cidade do Rio de Janeiro e se dedicar à profissão de sapateiro. Tinha consciência que o dinheiro era pouco e que só poderiam morar em um local onde o aluguel fosse o mais “em conta” possível. Devido a essa restrição financeira, a primeira moradia do casal foi no Morro da Favela — hoje conhecido como Morro da Providência.

Assim que se acomodaram, Tenório saiu em busca de emprego, sua intenção era novamente juntar algum dinheiro para comprar o material necessário para abrir uma oficina para conserto de sapatos.

Infelizmente não foi tão fácil quanto ele esperava, o único emprego que conseguiu mal dava para comprar os mantimentos para casa e para piorar a situação, suas economias estavam quase se esgotando.

Inês vendo a situação ficar cada vez mais difícil, para ajudar o marido, passou a lavar e passar roupas “para fora”. E assim, mesmo com certas dificuldades, foram levando a vida. Desse casamento, nasceu Roberto e, dois anos depois, Inês deu à luz Regina.

No início, juntando o dinheiro que ganhavam em seus empregos, até conseguiam comprar os alimentos necessários para a sobrevivência da família, porém, conforme as crianças cresciam, os gastos aumentavam no mesmo ritmo, ficando ainda mais complicado para o casal quando os filhos atingiram a idade escolar.

Os gastos aumentaram de tal forma que o salário recebido em seus respectivos empregos mal dava para colocar comida dentro de casa. A situação ficava realmente cada vez mais caótica. Assim, com todas essas dificuldades enfrentadas, o tempo foi passando e o sonho de Tenório em montar sua oficina foi se desfazendo.

A essa altura de suas vidas, Roberto acabara de fazer 16 anos e Regina tinha 12. Roberto, desde tenra idade, se esquivava de realizar as tarefas ordenadas pelos pais, vivia mais nas brincadeiras de rua do que em casa. Percebendo que os pais não poderiam contar com a ajuda de seu irmão, Regina, embora na época com pouca idade e franzina, seguindo a mesma sina da mãe, decidiu sair e arrumar algum tipo de emprego e, com o salário, ajudar nas despesas da casa.

CAPÍTULO – II

A MORTE DE TENÓRIO

Regina ainda era praticamente uma criança, mas passou a fazer pequenos serviços como “doméstica” nas casas das redondezas. Quanto a Roberto, como já dito, não era muito afeito ao trabalho e pouco se importava com os pais e com a irmã. Era um “ladino”, sobrevivia fazendo pequenos furtos e “batendo carteira” dos transeuntes do Centro da cidade.

Diante da crescente precariedade em que viviam e da dificuldade em arrumar um emprego de melhor remuneração, Tenório não viu outra alternativa senão retornar à fazenda na qual trabalhava desde sua adolescência. Sabia que, com a colheita de café, ganharia muito mais do ganhava atualmente. Após um mês de contatos com seu antigo empregador, Tenório ensacou seus poucos pertences e partiu para Vassouras. Partiu, mas prometeu à esposa que voltaria com dinheiro suficiente para montar a sonhada oficina de conserto de sapatos. Inês ficou inconsolável, mas não tinham outra opção.

Nos seis primeiros meses, Inês recebia semanalmente cartas do marido e mensalmente algum dinheiro. Tudo corria com uma certa tranquilidade até que, certo dia, bateram em sua porta dois homens se identificando como policiais da delegacia local. A princípio, Inês pensou que seria um problema envolvendo Roberto, pois esse só vivem se envolvendo em confusões, porém, o problema era mais grave do que ela esperava.

Conforme relatou os policiais, a Delegacia de Polícia de Vassouras entrou em contato e solicitou que a família de Tenório fosse contatada e notificada de seu falecimento em decorrência de um acidente envolvendo o caminhão que conduzia o pessoal para as lavouras de café.

Inês entrou em desespero, não queria acreditar que seu marido estava morto, em prantos, andava de um lado para o outro sem saber o que fazer. Ainda segundo os policiais, o acidente tinha ocorrido há

três dias e, devido à dificuldade de comunicação, só foi possível informar o falecimento naquele dia. Disseram ainda que o dono da fazenda havia providenciado o sepultamento e que, em breve, entraria em contato com ela — contato esse que nunca ocorreu.

A pobre mulher continuava a não acreditar em tudo aquilo, mas os policiais reiteraram a informação. Só restava a Inês chorar a perda de marido.

CAPÍTULO – III

NASCE A FUTURA DAMA DA NOITE

Viúva há três anos, Inês conseguia manter a casa e os cuidados com os filhos mediante os árduos trabalhos realizados nas residências das famílias mais abastadas da região. Ora em uma casa, ora em outra, Inês fazia de tudo um pouco. Além de faxinar as casas, cozinhava, lavava e passava as roupas. Mesmo com tanto sacrifício, dava graças a Deus por ter conseguido essa clientela.

O único dia da semana que Inês tinha para descanso e se “divertir” era o domingo. Tinha ocasiões que passava por tanta necessidade que precisava trabalhar até nas suas folgas, mas sempre que podia aproveitar de seu dia de folga, após colocar seu barraquinho em ordem, Inês preparava uma pequena cesta com sanduíches e refresco e saía com os filhos para passear na Quinta da Boa Vista.

Inês enviuvara há poucos anos e nem passava por sua cabeça a intenção de se casar novamente. Pelo menos não tão cedo. Mas quis o

destino que, em uma dessas ocasiões em que passeava com os filhos pelas alamedas da Quinta, conhecesse Alonso, um português morador e dono de um pequeno negócio em São Cristóvão. Coincidentemente, Alonso também era viúvo quase ao mesmo tempo que Inês e também tinha dois filhos, sendo que esses já casados e morando em Portugal.

Daquele afortunado encontro, surgiram outros até que o casal passou a condição de namorados. Durante esses encontros, foram se conhecendo e tomando ciência da condição de cada um. A afeição entre ambos era sincera, se amavam mesmo, mas, além disso, compreenderam que precisavam da companhia um do outro.

Depois de alguns meses e já mantendo um relacionamento mais íntimo com Inês, Alonso acolheu a ela e os filhos em sua residência. Embora vivessem maritalmente, Alonso queria oficializar aquela união, na verdade, aquele também era o desejo de Inês, então, com apenas dois meses de convivência, na presença dos amigos mais íntimos, o casal contraiu matrimônio na Paróquia de São Cristóvão.

Foi um alívio para Inês poder sair do morro, agora poderia dar uma melhor condição de vida para Roberto e Regina. Apesar desse alívio, Inês estava sempre preocupada com as atitudes de Roberto. Embora tenha deixado Alonso a par do caráter do rapaz, temia que o filho causasse algum dano ao padrasto.

Aproximadamente um ano e meio após o casamento, mais precisamente no ano de 1895, Inês deu à luz uma linda menina a qual recebeu o nome de Lilian.

Alonso não vivia em fartura, mas, com sua “quitanda”, conseguia pagar o aluguel da casa em que moravam e manter a subsistência de sua nova família.

A linda mulatinha nasceu tendo uma vida relativamente segura, tinha uma boa alimentação, boas roupas e, quando atingiu a idade para estudar, juntamente com a irmã, passou a frequentar uma das

melhores escolas do bairro de São Cristóvão. Apesar de todos os esforços por parte da mãe e do padrasto, Roberto preferiu abandonar os estudos e viver na malandragem.

CAPÍTULO – IV DE VOLTA AO MORRO DA PROVIDÊNCIA

Apesar dos esporádicos dissabores com as atitudes de Roberto, durante doze anos todos viveram com certa tranquilidade, mas infelizmente Alonso, que era um fumante de longa data e provavelmente em virtude disto, há alguns anos vinha padecendo com uma grave doença no coração. Por mais que Inês insistisse para que o marido deixasse os cigarros de lado, o vício estava tão entranhado que, mesmo tentando, Alonso não conseguia se desvencilhar do fumo, em consequência disso, acabou por sofrer um infarto fulminante que o levou à morte.

Novamente o infortúnio veio ao encontro de Inês. Estava terrivelmente abatida com o falecimento de seu companheiro. Desta vez ela teve o apoio da comunidade portuguesa, que providenciou todo o cerimonial fúnebre e se encarregou de participar os filhos de Alonso que moravam em Portugal.

Infelizmente, esses à época que em que ficaram sabendo do relacionamento do pai com Inês, não foram favoráveis ao casamento e se afastaram do pai, com esse ressentimento em seus corações, ao

receberem a notificação de seu falecimento, nem sequer entraram em contato com Inês.

Depois do falecimento do marido, Inês ainda conseguiu manter a pequena quitanda e a família por algum tempo, contudo, a boa situação financeira que tinha até então, em parte pelos desfalques que Roberto passou fazer nas vendas após o falecimento do padrasto, foi cada vez mais se degradando. Sem condições de manter o aluguel da casa, Inês não viu outra solução se não voltar a morar no Morro da Providência.

Para a pequena Lilian, aquela mudança de ambiente foi um tremendo choque, pois estava acostumada a ter uma vida relativamente boa e a morar em uma casa confortável. Agora, ao se ver morando em uma favela, a menina ficou completamente desorientada, mas Lilian era inteligente e esperta e logo compreendeu que precisaria se adequar rapidamente àquela nova condição.

A vida difícil que passou a ter a partir dessa transição foi de progressiva dificuldade, então, apesar da tenra idade, estava sempre disposta a acompanhar a irmã Regina nas faxinas e com isso ajudar nas despesas da casa. Infelizmente, as dificuldades chegaram a tal ponto que Lilian passou a acompanhar com mais frequência e, em consequência disso, acabou por abandonar os estudos.

Lilian contava agora com 15 anos de idade, tornou-se uma linda mulata. Apesar da pouca idade, tinha o corpo de uma mulher feita, tinha os cabelos longos com uma tonalidade mais para o castanho, olhos amendoados com uma tonalidade de castanho que, de acordo com a luz que recebia, se tornavam ligeiramente esverdeados e seus lábios, além de carnudos e sedutores, eram maliciosamente insinuantes. Era considerada a garota mais linda do Morro da Providência.

CAPÍTULO – V

INÊS PARTE PARA ETERNIDADE

Quatro anos após retornarem ao Morro da Providência, Inês começou a apresentar constantes problemas de saúde. Nesse período, foi acometida por uma pneumonia que a deixou extremamente debilitada.

Em pouco tempo, sua saúde foi se tornando cada mais crítica, fazendo com que constantemente tivesse que ser levada às pressas ao hospital. Em uma delas, precisou ser hospitalizada, ficando internada por onze dias. Ao ter “alta”, foi recomendada a permear em absoluto repouso, mas, apesar das recomendações médicas, devido à situação financeira precária em que a família vivia, continuou a trabalhar. E trabalhou até seu corpo não aguentar mais.

Em uma bela manhã de domingo, como costumava fazer quando ia passear na Quinta da Boa Vista, Inês se arrumou, sentou-se no banquinho colocado nos fundos do barraquinho e ali veio a falecer.

A convivência entre os irmãos não era das melhores, seu irmão Roberto, o mais velho dos três, era um conhecido batedor de carteiras, na recém-construída estação ferroviária da Central do Brasil, além disso, realizava pequenos furtos nas lojas da região. Regina, a irmã do “meio”, trabalhava como serviçal, praticamente vivia na casa dos patrões. Na verdade, fazia um serviço quase análogo a trabalho escravo. Sendo assim, poucas vezes aparecia em casa.

Roberto, apesar da vida desregrada que levava, com o falecimento da mãe foi quem passou a cuidar e sustentar Lilian. Assim como Regina, Roberto também passava pouco tempo em casa, estava

sempre envolvido em falcatruas, mas, na medida do possível, se fazia presente.

Porém, certa noite, em uma tentativa de assalto à mão armada, Roberto foi preso e posteriormente levado a julgamento. Sem ter um advogado que o defendesse adequadamente, acabou por ser condenado a dez anos de prisão. A vida de Lilian, que já era difícil, se tornou ainda mais dramática, o que sua irmã Regina ganhava, mal dava para sua subsistência, mesmo assim, ajudava no que podia. Dessa forma, dia após dia as necessidades de Lilian foram deixando de ser atendidas, ao ponto de começar a passar fome. Lilian se viu jogada à própria sorte, passou a ser uma sobrevivente.

Sozinha, sem ter a quem recorrer, foi procurar nas ruas os meios necessários para sua sobrevivência. Passou a viver da mendicância, se alimentava dos restos oferecidos pelos bares e restaurantes da cidade. Embora tivesse seu barraquinho no Morro da Providência, por vezes, ao final do dia, ficava tão cansada que acabava por passar as noites sob as marquises da cidade.

CAPÍTULO – VI

O AMIGO RONEY

Lilian era uma garota muito comunicativa, brincalhona e adorava conversar. Com toda sua simpatia, apesar do pouco tempo vivendo nas ruas, já tinha feito amizade com a maioria dos comerciantes, com a malandragem e também com aqueles que viviam da prostituição.

Em certa ocasião, ela conheceu e passou a manter amizade com Roney, um travesti que fazia ponto na Praça Mauá, notório reduto de malandros e marinheiros. Roney, penalizado pela triste condição na qual Lilian se encontrava, a levou para casa. A partir desse dia, passou a cuidar e orientar a jovem mulata.

Não era sua intenção aliciar a menina para realizar “programas”, mas realmente ajudá-la, e ajudou dentro do universo em que ele vivia, ou seja, a prostituição. Por algum tempo, Roney conseguiu manter sua protegida longe daquela atividade, mas, com o tempo, a própria mulatinha procurou se inteirar sobre aquele ambiente no qual Roney “trabalhava”. Na verdade, já tinha alguma ideia do que se tratava e dos riscos que as prostitutas corriam.

O velho travesti conhecia perfeitamente os perigos dessa profissão, temia pela segurança da jovem, mas, diante de sua insistência, acabou por ceder e deixou Lilian seguir seu destino. Sem outra alternativa, Roney passou a ensinar-lhe toda a malandragem da profissão, era a única forma que ele tinha de ajudar. Assim, aos 17 anos, Lilian começou sua dura vida de meretriz.

Em virtude de sua juventude e beleza, rapidamente conseguiu uma razoável lista de clientes assíduos. Fazia ponto próximo aos Arcos da Lapa e eventualmente frequentava as boates da Praça Mauá. Em uma de suas incursões a esses cabarés, fez amizade com Camila, uma dançarina, que vendo a beleza de Lilian, a convidou para também dançar nas boates. Logo a jovem mulata demonstrou interesse, mas salientou que não sabia dançar, pelo menos da forma como as meninas se apresentavam nos cabarés. Porém sua nova amiga deixou claro que isso não seria problema, pois a ensinaria. Lilian aprendeu rápido.

CAPÍTULO – VII

LILIAN APRENDEU A PROFISSÃO

Aprendeu e ainda superou a mestra. Em pouco tempo, se tornou uma das grandes atrações das noites da Praça Mauá. As boates em que ela se apresentava ficavam lotadas. Todos queriam ver a performance da sensual mulata.

Depois de algum tempo vivendo de sua performance nas boates e da prostituição, a “Dama da Noite” conseguiu reestruturar sua vida financeira. Somando o que ganhava no exercício das duas atividades profissionais, passou a manter estilo de vida até que razoável, ao ponto de tirar sua irmã da escravidão em que vivia.

O nome Lilian passou a fazer parte do imaginário masculino, todos queriam conhecer a Mulata da Providência. Suas apresentações eram magníficas, sobre um palco bem iluminado, ela fazia sua entrada triunfal vestida apenas com um curtíssimo vestido cravejado de lantejoulas e, ao se movimentar, parecia um cometa passeando pelo céu. Ao contrário de suas colegas de trabalho, quando Lilian começava a dançar, os expectadores ficavam extasiados de tal jeito que somente a música era audível no interior da boate.

Marinheiros e fuzileiros brasileiros e também os de terras distantes ficavam ansiosos pelos dias de licença para assistirem à mulata fazer suas exibições eróticas. Considerada a mais bela mulher das regiões da Lapa e portuária, Lilian despertava a cobiça e a luxúria dos homens, mas também o ciúme e a inveja das outras prostitutas.

Os donos de cabarés disputavam acirradamente o privilégio de terem a mulata se apresentando em suas casas de espetáculos.

Apesar dessas informações, Lilian gostava de se apresentar nos cabarés Apolo e Royal Pigalle, ambos na região da Lapa.

Durante alguns poucos anos, as desavenças que surgiam em virtude desses ciúmes eram mediadas por Roney, “sua querida amiga e protetora”, porém Roney veio a falecer por uma doença desconhecida, com isso, Lilian ficou exposta às invejosas e vingativas “colegas de trabalho”.

O tempo em que Roney a protegeu e orientou, Lilian foi se tornando mais forte e decidida, então, aos poucos, foi conseguindo ela mesma resolver essas desavenças com as outras mulheres.

Cada vez mais a clientela de Lilian aumentava e conseqüentemente as outras “meninas” perdiam as suas, logo, isso se tornou uma intensa disputa entre Lilian e as outras profissionais do sexo. Embora Lilian tenha aprendido a contornar as discussões, a questão entre as mulheres não se limitava apenas aos ciúmes, mas principalmente a dinheiro, muito dinheiro.

A situação chegou a tal ponto que não demorou muito e as discussões passaram para as agressões físicas, embora a mulata tivesse boas amizades, essas procuravam não se intrometer nas disputas entre as meretrizes.

Sem a proteção de seu amigo Roney, as coisas começaram a sair de seu controle. As brigas foram cada vez mais se tornando violentas ao ponto de, em uma dessas contendas, a mulata ser ferida à navalha no seu braço esquerdo, ficando com uma horrível cicatriz. Apesar de ser uma “criatura da noite” e estar acostumada com a malandragem e brigas, ela não gostava dessas desavenças, então, para a tristeza dos frequentadores da Praça Mauá e adjacências, resolveu mudar de ambiente.

Há um bom tempo Lilian sustentava a irmã, então, onde quer que fosse, teria que levar Regina. Em virtude dessa situação, a mudança

que desejava e precisava fazer não poderia ser extrema, com essa restrição, Lilian mudou apenas de local de trabalho.

CAPÍTULO – VIII

COPACABANA RECEBE A DAMA DA NOITE

Lilian nesta ocasião tinha 27 anos de idade, estava mais linda e exuberante que nunca, constantemente recebia propostas para abandonar aquela vida de prostituição, até mesmo propostas de casamento e, apesar das atribulações, não pensava em parar suas atividades ou mesmo constituir uma família.

De qualquer forma, ela precisava resolver aquele problema. Lembrou-se então, que há algum tempo recebeu convite para trabalhar em Copacabana, a princípio não era essa sua intenção, mas, diante da situação na qual se viu envolvida, resolveu aceitar. Consequentemente, saiu da região central da cidade e foi trabalhar no famoso rendez-vous de Mère Louise, localizado na recém-aberta Rua Francisco Otaviano.

Da mesma forma que sua desenvoltura e beleza encantou a população masculina da Praça Mauá e da Lapa, o mesmo ocorreu em Copacabana, sua fama logo correu pelo bairro litorâneo, os homens vinham de longe para vê-la dançar e tentar uma noite de prazer com a linda mulata. Dentre esses, muitos de seus antigos clientes.

Sua primeira apresentação naquele famoso cabaré tinha que ser algo de muito especial, ainda que suas performances fossem espetaculares, Lilian fez algo que a tornaria conhecida em todo o Brasil.

Naquele dia, sua querida amiga e professora fez questão de estar presente à apresentação. O cabaré estava lotado, os demais artistas da noite ficaram sem plateia, todos queriam ver de perto a sensualidade da mulata. Depois de alguns números circenses apresentados por outros artistas, finalmente é anunciada a tão esperada apresentação da belíssima mulata.

Vestia uma *lingerie* preta com detalhes em vermelho e dourado, na cabeça, um lenço bordado com pequenas e cintilantes lantejoulas e, como não poderia deixar de ser, pulseira e colares complementavam a ornamentação. Não que precisasse de tais artifícios para chamar a atenção, mas faziam parte da indumentária com a qual ia se apresentar.

No palco, apenas um feixe de luz iluminava diretamente a linda dançarina, deixando que somente ela fosse o ponto de visão dos espectadores. Após cessarem os aplausos e gritos com que foi recepcionada, aos primeiros acordes musicais, Lilian iniciou uma apresentação que surpreendeu até mesmo sua amiga e professora. A dança com a qual hipnotizava os espectadores, ora lembrava os típicos movimentos de danças indianas, ora como as danças árabes. Apesar de estar dançando ritmos estrangeiros, em uma combinação perfeita entre os movimentos, ela acrescentava à dança toda a sua sensualidade brasileira. A plateia, a cada movimento seu chegava ao delírio. Estavam adorando a dança, mas, na verdade, esperavam com maior ansiedade o que estava por vir. Depois de meia-hora de dança, para a alegria dos homens e também de algumas mulheres que nutriam por

Lilian o mesmo desejo sexual dos espectadores masculinos, a dançarina inicia sua apresentação com o mais que esperada.

A partir desse momento, a plateia, que até então participava da apresentação com palmas e assobios, se calou deixando que somente a dançarina se expressasse. Com movimentos compassados, a linda mulata foi até um dos cantos do palco, pegou uma cadeira e a levou para o centro do palco. Assim que os músicos passaram a tocar uma suave melodia, ela sentou-se e deu início a um inebriante *strip-tease*.

A cada peça de roupa que Lilian estrategicamente tirava, apesar da suave música, era possível ouvir sussurros e sons que expressavam desejos dos presentes pela mulata sensual. Seu corpo ainda umedecido pelo suor desprezado durante sua primeira performance, acentua ainda mais o brilho que sua tez morena, como a casca de canela madura, emitia.

Na plateia estava Marcos, recém-chegado ao Rio de Janeiro para tirar suas férias. O rapaz acompanhava fascinado cada movimento da dançarina, estava tão absorto que, por vezes, tinha a impressão que seu corpo flutuava por sobre os demais expectadores.

CAPÍTULO – IX

A NOITE DE TERROR

Sua profissão sempre foi considerada de alto risco, afinal, tinha que lidar com todo o tipo de pessoas, mas não podia se dar ao luxo de recusar esse ou aquele cliente. Tinha que suportar coisas terríveis.

Em uma tenebrosa noite de sábado, a mulata faceira fazia seu “ponto” na orla da Praia de Copacabana, quando foi abordada por um homem aparentemente gentil e educado. Porém, logo de início ela não se sentiu muito à vontade com o indivíduo, mas era uma profissional e tinha que trabalhar. Após entrarem em um acordo com referência ao valor do programa, seguiram em direção a um dos hotéis frequentados pelas prostitutas e travestis que faziam “ponto” na área. Tudo corria bem até que, ao passarem próximo a um parque com vasta vegetação e pouca luminosidade, o indivíduo mudou radicalmente suas atitudes e, demonstrando extrema agressividade, passou a ofendê-la de todos os jeitos e a arrastou para o interior do bosque.

A mulata tentou de todas as maneiras se desvencilhar do maníaco, mas suas tentativas foram em vão.

O local estava completamente deserto e seus gritos pedindo por socorro não surtiram efeito. Pelo visto, o mau-caráter tinha tudo planejado com antecedência. Durante um bom tempo, foi mantida refém dos desejos nefandos e agressividade do seu agressor, chegou ao ponto de nem mesmo ter mais forças para gritar por socorro.

Já tinha passado por várias situações complicadas com alguns clientes, contudo, aquele foi sem dúvida o maior de seus pesadelos. Foi agredida psicológica e fisicamente, seu corpo sofreu todo o ódio do maníaco.

Saciado de seus desejos animais, o marginal a abandonou à própria sorte. Lilian pagou caro por não ouvir seus instintos. Naquela noite, apanhou impiedosamente e, devido aos ferimentos recebidos, todo o seu corpo doía a impossibilitando de se locomover, só lhe restava ficar deitada e tentar se recuperar. Após algumas horas, com muita dificuldade conseguiu se vestir e conseguiu chegar até a estrada.

Já era madrugada, a jovem mulata estava entregue à própria sorte. A brutalidade com que foi agredida a deixou tão machucada e debilitada que, ao chegar na calçada, se deitou e ali ficou na esperança de receber ajuda. Seus ferimentos eram extremamente graves, ela precisava ser levada a um hospital rapidamente.

Apesar da lancinante dor que sentia, procurava se manter consciente, precisava ficar atenta a fim de pedir socorro há quem quer que aparecesse nas proximidades. Mas, embora procurasse ficar alerta, acabou por se deixar levar pelo cansaço. Já considerando que só seria encontrada pela manhã, ouviu o som de carro frear bruscamente. Com os olhos semiabertos, pode ver que um rapaz desceu do carro e caminhava em sua direção.

Percebendo o lastimável estado em que a mulher se encontrava, o rapaz a colocou em seu carro e saiu à procura do hospital mais próximo. Lilian recebeu os primeiros-socorros, mas, devido à gravidade dos ferimentos, foi preciso que permanecesse alguns dias internada para dar continuidade ao tratamento que se fez necessário. Nesse tempo, passou a maior parte dele sob efeito de sedativos.

Durante os dias em que ficou sendo medicada, aos poucos a jovem mulata foi recobrando a consciência e parcialmente as condições físicas. Não se lembrava de toda a provação pela qual passou, mas se lembrava de que, nas poucas vezes em que recobrava a consciência, via um homem sentado ao seu lado, não o conhecia, nunca o tinha visto antes, na verdade, achava até mesmo que se tratava de um sonho.

Após três dias internada, Lilian voltou a ter plena consciência da realidade e, nesse momento, ao abrir os olhos, recebeu o carinho de sua irmã e de sua amiga Camila. Ao olhar mais atentamente, lá estava o homem desconhecido. Afinal não foi um sonho.

CAPÍTULO – X

CASAMENTO COM MÁRIO

Lilian ainda sentia dores pelo corpo, mas saber que a irmã e sua amiga estavam ao seu lado, a deixava bem confortável. Após alguns minutos conversando, Regina chamou o rapaz que também estava na enfermaria e o apresentou à irmã como sendo o seu grande salvador, o homem que a socorreu naquela noite tenebrosa. Muito emocionada, Lilian segurou as mãos do rapaz e, com os olhos lacrimejando, agradeceu pelo socorro prestado a ela.

Mário, na manhã em que socorreu, a encontrou tão machucada e decomposta que não a reconheceu como a dançarina que o levou ao delírio e a suspirar apaixonadamente. Somente no decorrer dos dias em que ela ficou internada foi que o rapaz a identificou.

Mário já sabia que Lilian era dançarina do cabaré de Mère Louise, mas só foi saber da prostituição após conversar com Regina. Inclusive, no período em que a acompanhou no hospital, teve a oportunidade de conhecer Camila, sua colega de profissão.

Com um ambiente agora mais harmonioso, Regina passou a questionar sobre o ocorrido. Obviamente percebeu que tinha a ver com a profissão que Lilian exercia, mas queria saber os detalhes a fim de serem tomadas as atitudes cabíveis com relação àquele fato.

Já conhecendo toda a situação da linda mulata, durante os questionamentos, Mário permaneceu presente e, além do mais, até aquele momento, o que sabiam sobre o acontecido foi relatado por ele. O que ocorreu antes do socorro era uma incógnita. A princípio,

até julgaram ter sido um atropelamento, mas logo que a mulata passou a relatar as agressões sofridas, todos ficaram estarecidos.

Ao tomarem conhecimento de como ocorreram os ferimentos causados na mulata, a opinião geral era de que ela deveria ir à polícia dar queixa, afinal, ela foi agredida por um maníaco. Contudo, essa intenção foi logo deixada de lado. Lilian estava exercendo uma atividade ilegal e, se comparecesse à delegacia, ainda correria o risco de ser presa.

Durante todo o tempo de internação, ele ficou ao lado da mulata. Desde o primeiro momento em que a viu, mesmo a tendo conhecida naquelas circunstâncias, seu coração bateu mais forte por aquela mulher.

Lilian estava tendo uma boa recuperação e, juntamente com sua saúde, sua beleza também retornava à normalidade. De sua estadia no hospital em diante, os contatos dos dois foram estendidos às suas vidas diárias e se tornando cada vez mais constantes. As férias de Mário haviam terminado há um bom tempo, contudo, estava tão atraído e encantado pela mulata, que resolveu ficar no Rio de Janeiro por mais um mês. Nesse período, procurou dar todo o tipo de apoio a Lilian e a Regina. Aos poucos, Lilian foi se afeiçoando ao seu salvador e não demorou muito para essa amizade se intensificar de tal forma que logo os dois estavam irremediavelmente apaixonados.

Às vezes é necessário que haja o caos para que nossas vidas tomem um novo sentido e foi exatamente isso que ocorreu na vida de Lilian. A partir daquela fatídica noite de sábado quando passou por terríveis sofrimentos, a vida da mulata começou a mudar para melhor.

Após sua saída do hospital. Lilian abandonou a vida de prostituição, assim como a de dançarina. Alguns meses depois, Lilian e Mário se casaram e, acompanhados por Regina, foram morar em Santa Catarina, terra natal de Mário. Tiveram três lindos filhos.

Lilian deixou para trás a vida de dançarina, mas nunca perdeu as habilidades de “Dama da Noite”, durante muito tempo, no aconchego de seu quarto, fazia suas performances de danças, exclusivamente para seu marido. No ano de 1958, Lilian se despediu do palco da vida.

FIM